

Deutscher Morgen

Herausgeber: E. Sommer

Aurora Allemã

Erscheint wöchentllich

Folge 16

São Paulo, 19. April 1940

9. Jahrgang

Schriftleitung, Verwaltung und Druckerei: Rua Victoria 200 — Fernruf: 4-3393, Caixa postal 2256 — São Paulo. — Zuschriften nicht an Einzelpersonen, sondern nur an die Verwaltung. — Bezugsgebühr: halbjährlich 10\$000, ganzjährig 20\$000, für Deutschland und die Welpostvereinsländer 7 Mark

Depressão na França

A Guerra das Falsidades

Nosso Quadro Negro

32.a semana

kt. — Desde 9 de abril vem desabando uma ta. avalanche de notícias mendazes sobre o mundo, que se a pôde equiparar apenas á do primeiro mez de guerra, isto é, setembro do anno passado. Foram inventadas, naquella occasião, tremendas batalhas e esmagadoras derrotas dos alemães na frente occidental. Dizia-se, que os polonezes estavam em marcha rumo a Berlim e que suas esquadilhas de aviões já estavam sobrevoando a capital da Alemanha. E esse trolólo continuou sempre no mesmo diapásão, até que todas essas formidaveis patranhas esbarraram miseravelmente ante á evidencia dos factos reaes.

Como succedeu já naquella occasião, também desta vez muita gente ficou com a respiração presa. As inverdades e as deturpações atingiram, em poucos dias, proporções que ultrapassavam de longe todas as concepções brasileiras ou alemãs das possibilidades da mentira politica. Foram sobretudo os habitantes de nossas grandes cidades, mais desapidadamente expostos ao effeito das manchettes em typos garrafaes, que se moviam, temporariamente, perplexos. Ora, tudo isso não pôde ser mera criação da phantasia — dizia-se frequentemente — mas, poucas horas ou dias mais tarde, vinha a prova de que tudo não passava de productos da imaginação fertil.

Essa confissão é necessaria. Muitos e muitos não de continuar sob a impressão geral dessa avalanche, pois, como se sabe, as rectificações e contestações são reproduzidas raramente ou então em typo tão miúdo e insignificante, que escapam facilmente á attenção do leitor.

Entretanto, quem acompanhar os acontecimentos de olhos abertos e com uma reserva calma, tem em mãos uma nova prova de que se deve ter em conta de puras falsidades todas as notícias desfavoráveis á Alemanha transmitidas pela Reuter, Havas e United Press, enquanto não forem confirmadas pela Transocean. E isso occorre rarissimamente. Devem-se mesmo pôr de quarentena as informações de certos homens de Estado, desconfiando dellas em extremo. Eis outra conclusão que se impõe.

Como a cousa começou

Os inglezes violavam, sem cessar, a neutralidade norueguesa. Assaltaram, em aguas norueguesas, o „Altmark“ desarmado, abateram a três marinheiros alemães indefesos e retilaram do navio teuto centenas de prisioneiros de guerra inglezes. A Noruega enviou um protesto a Londres, ao qual não se deu a minima attenção. Puzeram a pique navios mercantes alemães dentro da faixa de segurança de tres milhas das aguas norueguesas. Collocaram barreiras de minas nas aguas territoriaes norueguesas, fazendo-as viziar por vasos de guerra. Tudo se limitou a protestos a que não se dava nenhuma importancia. Sob a orientação de Churchill, proclamaram, em innumerous discursos, artigos e radioemissões, em tom ameaçador, o „dever dos neutros“ de partiparem da „cruzada“ contra a Alemanha. Manifestaram abertamente, sobretudo depois da reunião do Supremo Conselho de Guerra dos alliados, em 28 de março, sua resolução de atacar a Alemanha, economica e, se necessario, militarmente, pelo flanco, partindo da Escandinavia (Times, 9-4). E a imprensa internacional, na extensão em que esta se encontra sob a influencia da Havas, da Reuter e da United Press, não teve uma palavra sequer de censura para a já iniciada violação da fraca Noruega. Muito pelo contrario, essa imprensa outorgava ás potencias occidentaes, mais ou menos abertamente, o direito de se servirem da Noruega e, em geral, dos pequenos neutros contra o Reich, e rejubilava-se mesmo, em muitos casos, com as „derrotas alemãs“, como qualificavam a repetida quebra da neutralidade norueguesa. „Foi fulminante a acção da esquadra aliada“, eis como noticiou, triumphante, a Havas, em 8-4.

O contragolpe alemão

Mas não faltaram também as ameaças. „E' apenas o começo da offensiva aliada“, disse (Continua na 2.a pag.)

devido á attitude da Italia

Genebra, 18. (T.O., Agencia Allemã)

— A depressão que se apoderou dos circulos influentes da opinião franceza bem como do governo, em face do desfavoravel andamento da situação militar e politica, reflete-se claramente nesta capital.

Os diplomatas representantes dos paizes neutros junto á Liga das Nações, homenageados com distintivos da Legião de Honra como amigos da França declararam abertamente que durante todo o tempo desta guerra jamais pesou um ambiente tão catastrophico como esse surgido ao se conhecer a attitude da Italia em face dos ultimos acontecimentos, sob o ponto de vista da politica exterior, confirma-se que, não obstante a intensiva propaganda interna feita em torno da nomeação de Paul Reynaud para a presidencia do Conselho de França, affirmase que essa escolha fora sem a menor duvida o passo mais infeliz que os partidos politicos francezes poderiam ter feito com relação á Italia, pois, como expoente da politica de guerra britannica, o snr. Reynaud será o homem menos apropriado para facilitar a comprehensão entre a Italia e a França. Acrescentam os circulos britannicos, que o Snr. Laval teria recusado a nova missão que lhe fora confiada em Roma, argumentando que o periodo de intelligencia estava definitivamente encerrado com a politica do snr. Reynaud. Diante de taes factos, pode-se fazer uma

idea do estado de animo em que se encontram os deputados francezes. Si os alemães continuam mantendo consolidadas as suas posições na Noruega, enquanto os inglezes tentam sem exito os seus desembarques nas costas norueguesas, poucas semanas serão necessarias para que nos sectores da opinião franceza produza-se modificação profunda, que talvez alije o snr. Reynaud da posição que disfruta perante a opinião publica. O correspondente da „T. O.“ em Genebra constata que os circulos diplomaticos genebrinos interessam-se mais do que tudo pelos assumptos estrategicos. Nunca como agora, ouvem-se conversações abstractas e theoricas sobre estrategia. Esses circulos devotam seu melhor interesse á Italia, e a possivel intervenção da Italia no conflito, na opinião delles, forçaria a Inglaterra a dividir sua esquadra. Enquanto de uma parte a Home Fleet teria de proseguir em suas tentativas contra a Noruega, fim que no momento parece principal, — de outra, deveria passar á offensiva no Mediterraneo, si realmente pretende enfrentar o inimigo italiano. No caso ainda problematico da Italia metter-se no conflito, — acrescentam os conversadores estrategicos, — a esquadra ingleza ainda teria de se ver a braços com a actividade dos submarinos italianos, que constituem bellissima frota, e que difficultarão enormemente a manutenção dos pontos estrategicos inglezes em Malta.

Jetzt sollen die Briten zittern

Die Entscheidung im Norden ist gefallen. In zehn Tagen haben die deutschen Truppen Leistungen vollbracht, die noch im Weltkrieg unmöglich schienen. In zehn Tagen setzten sie sich in den Besitz der skandinavischen Halbinsel, von der englische Politiker sagten, sie sei eine auf das Herz Britanniens gerichtete Pistole, über die man unbedingt verfügen müsse, um eine drohende Gefahr abzuwenden. Schon darum ist verständlich, warum Winston Churchill der Heimatflotte den Auftrag erteilte, um jeden Preis anzugreifen und die Deutschen wenigstens an einer Stelle der norwegischen Küste zurückzuschlagen. Seine Befehle wurden ausgeführt, aber endeten wie alle seine Unternehmen mit einer furchtbaren Katastrophe. Die britische Verlustliste liegt noch nicht vollständig vor, doch die bisherigen Bekanntgaben von versenkten und kampfunfähig gemachten Schlachtschiffen, schweren Kreuzern, Kreuzern, Zerstörern, U-Booten und Flugzeugen übersteigt jedes Vorstellungsvermögen. Die deutschen Verluste stehen hierzu in keinem Verhältnis. Nur vor Narvik, wo sieben deutsche Zerstörer gegen ein ganzes Hochseegeschwader bis zur letzten Granate feuerten, verzeichnet die junge deutsche Kriegsmarine Abschreibungen. Wir wissen, wie die englische Propaganda arbeitet. Sie wird trotzdem nicht verhindern, dass die Ereignisse der bisher schwärzesten Woche des britischen Krieges gegen das Reich in der ganzen Welt und gewiss auch in England selbst bekannt werden. Und eins steht dann fest: Das grosse Zähneklappern auf der seit tausend Jahren unbesiegten Insel wird laut über die Länder und Meere hallen.

Die deutschen Truppen haben Norwegen fest in der Hand. Die lokalen Widerstände einzelner Teile des norwegischen Heeres sind gebrochen. Die tatsächliche Landung britischer Truppen bei Harstad, 60 km nordwestlich von Narvik, ist und bleibt eine Prestigeangelegenheit der Alliierten. Niemand wird die Deutschen jetzt daran hindern können, an der südwestnorwegischen Küste jene Flugbasen zu schaffen, die sie für die künftigen Operationen gegen England brauchen. Und

es ist dabei ein grosser Unterschied, ob die deutschen Bomber statt 1000 oder 1500 km von der Deutschen Bucht nach dem Firth of Forth oder Scapa Flow heute nur 350 bzw. 500 km zu fliegen haben. In diesem Fall ist die deutsche Strategie so erfolgversprechend, wie die Illusion Churchills für England verderblich ist.

In der letzten Folge erst brachten wir zum Ausdruck, dass der Führer sich niemals mit einer halben Arbeit zufrieden gibt. Die Aktion der deutschen Wehrmacht in Skandinavien stellt ein militärisches Meisterwerk dar, das vollkommen gelang und für die Alliierten eine ähnliche Enttäuschung brachte wie der deutsch-russische Nichtangriffsvertrag, ergänzt durch das spätere Freundschaftsabkommen zwischen beiden Ländern. Aber auch sonst sind die Aussichten der Briten und Franzosen kümmerlich. Von höchster italienischer Stelle sind in diesen Tagen Warnungen laut geworden, die nur die eiskalte Konsequenz zu erkennen geben, dass das römische Imperium auf Befehl des Duce bis zum Aeussersten gewappnet ist und stündlich in den Krieg eintreten kann, um seine Aufgabe als Bundesgenosse des Reiches zu erfüllen. Im Balkan und im Orient werden die Alliierten ihre militärischen Pläne kaum verwirklichen können. Sie fühlen sich immer mehr in die Verteidigung gedrängt und unternehmen verzweifelte Ablenkungsmanöver vom eigentlichen Kriegsschauplatz, der dank der entschiedenen Kraft des Reiches auf die Westfront beschränkt blieb; denn was bedeutet die Besetzung Norwegens mehr als eine Erweiterung des Westwalls nach Norden, um England in ganzer Breite von Osten und Norden her zu fassen.

Wenn der deutsche Adlerflug nach Norden in der vorgesehenen glänzenden Weise glückte, wenn die Lords in London mit jedem weiteren europäischen Frühlingstag furchtsamer zu zittern beginnen, wenn den Lügen der Reuter und Havas, United Press, Radio London und der übrigen Juden so schnell der Garaus gemacht wurde, dann hat der unbekannte deutsche Soldat daran den Haupt- (Schluss auf Seite 2.)

Der Lügenkrieg

Unser schwarzes Brett

32. Woche

kt. — Seit dem 9. April geht ein solcher Wolkenbruch von Lügenmeldungen über die Welt hernieder, wie er bisher nur einmal zu verzeichnen war, nämlich im ersten Kriegsmonat, im September. Damals wurden gewaltige Schlachten und vernichtende deutsche Niederlagen an der Westfront erfunden, die Polen marschierten auf Berlin, ihre Flugzeuggeschwader überflogen die Reichshauptstadt, und das ging so lange, bis der ganze, ungeheuerliche Schwindel vor der Macht der Tatsachen kümmerlich zerflatterte.

Wie damals, so wurde auch jetzt wieder vielen Menschen der Atem benommen. Die Unwahrheiten und Entstellungen erreichten in wenigen Tagen ein Ausmass, das weit über alle brasilianischen oder deutschen Begriffe von den Möglichkeiten der politischen Lüge hinausgeht. Insbesondere die Bewohner unserer Gross- und Mittelstädte, die der Wirkung fetter Schlagzeilen am unbarmherzigsten ausgesetzt sind, waren zeitweise verblüfft. Das kann doch nicht alles aus der Luft gegriffen sein, so hiess es immer wieder, bis sich nach wenigen Stunden oder Tagen erwies, dass es dennoch aus der Luft gegriffen war.

Dieses Zugeständnis ist erforderlich. Und mancher wird auch weiterhin unter dem allgemeinen Eindruck dieses Wolkenbruchs bleiben, denn Berichtigungen erfolgen bekanntlich selten oder in so kleinem Druck, so unauffällig, dass sie leicht übersehen werden.

Wer den Vorgang aber mit offenen Augen und kühler Zurückhaltung verfolgt, der hat einen neuen Beweis dafür in der Hand, dass man alle von Reuter, Havas und United Press übermittelten, Deutschland ungünstigen Nachrichten solange für glatte Fälschungen halten muss, bis sie von Transocean bestätigt werden. Und das kommt selten vor. Ja, er muss sogar den Angaben gewisser Staatsmänner aufs äusserste misstrauen. Auch das ist eine Schlussfolgerung, die sich von neuem aufdrängt.

Wie es anfang

Zug um Zug verletzen die Engländer die norwegische Neutralität. Sie überfielen in norwegischen Gewässern die unbewaffnete „Altmark“, erschossen unbewaffnete deutsche Matrosen und entführten Hunderte von englischen Gefangenen. Norwegen schickte einen Protest nach London, der völlig unbeachtet blieb. Sie versenkten deutsche Handelsschiffe in der norwegischen Dreimeilenzone, sie legten Minensperren in norwegischem Gebiet und liessen sie durch Kriegsschiffe bewachen. Es blieb bei Protesten, die ebensowenig Beachtung fanden. Sie verkündeten unter Führung Churchills in zahllosen Reden, Artikeln und Rundfunksendungen drohend die „Pflicht der Neutralen“, sich an dem „Kreuzzug“ gegen Deutschland zu beteiligen. Sie bekundeten, insbesondere nach der Sitzung des Obersten Kriegsrates der Alliierten vom 28. März, offen ihre Entschlossenheit, das Reich von Skandinavien aus in der Flanke zu packen, wirtschaftlich und, wenn nötig, militärisch (Times, 9. 4.). Und die Welpresse, soweit sie unter dem Einfluss von Havas, Reuter und United Press steht, fand kein Wort des Tadel für die bereits begonnene Vergewaltigung des schwachen Norwegens. Im Gegenteil, sie gestand den Westmächten mehr oder weniger offen das Recht zu, sich Norwegen und überhaupt der kleinen Neutralen gegen das Reich zu bedie-

nen und bejubelten in vielen Fällen sogar die „deutschen Niederlagen“, wie sie den wiederholten Bruch der norwegischen Neutralität betitelte. „Blitzartig erfolgte der Schlag der alliierten Flotte“, so hiess es triumphierend am 8. 4. nach einer Havas-meldung.

Der deutsche Gegen Schlag

Aber auch an Drohungen fehlte es nicht. „Das ist erst der Anfang des Angriffes der Westmächte“, hiess es am 8. 4. mit Bezug auf die englische Minensperre an der norwegischen Küste, und der Sprecher des französischen Aussenministeriums erklärte am selben Tage nach U. P.: „Das ist der erste Abschnitt des grossen Programmes, das in den letzten Wochen durch die Militär- und Flottenbefehlshaber der Alliierten ausgearbeitet wurde, gemeinsam mit den Herren Ronald Cross und Georges Monnet, den englischen und französischen Ministern für den Wirtschaftskrieg.“

Da erst erfolgte, nach mehrfachen Warnungen und als die norwegische Neutralität nur noch auf dem Papier stand, der deutsche Gegen Schlag, überraschend schnell, zielbewusst und scharf. Das Reich übernahm den Schutz der norwegischen und dänischen Neutralität im letzten Augenblick und tat damit nur, wozu es von den Alliierten gezwungen war und was jeder andere Staat an seiner Stelle selbstverständlich auch getan haben würde.

„Die grösste Seeschlacht aller Zeiten“

Der Hieb sass. Er gestaltete die strategische Lage von Grund auf um, und wenn die Deutschen sich auch nur in Dänemark und Südnorwegen festgesetzt hätten, so wäre schon damit ein voller militärischer und wirtschaftspolitischer Sieg errungen gewesen. Das lag vor aller Augen klar. England musste dagegen etwas unternehmen, schon um sein Ansehen zu verteidigen. Es unternahm auch etwas, aber in sehr bescheidenem Umfang, wenn man von dem Angriff auf den nördlichsten deutschen Stützpunkt, Narvik, absieht. Diese begrenzten Vorstösse britischer Schiffe und Flieger wurden aber von Havas und United Press in unzähligen Berichten masslos übertrieben dargestellt. Tagelang hiess es: „700 Flugzeuge der Westmächte auf dem Flug nach Oslo“, „Die grösste Seeschlacht aller Zeiten“, „150 Kriegsschiffe und 800 Flugzeuge der Westmächte gegen 100 Kriegsschiffe und 1000 Flugzeuge der Deutschen“, „Die Kämpfe spielen sich während eines fürchterlichen Sturmes an den norwegischen Küsten ab“, „Offensive der Alliierten in Skandinavien“, „18 deutsche Schiffe versenkt“ (Ministerpräsident Reynaud, 11. 4., Havas), „Alle deutschen Kriegsschiffe in norwegischen Gewässern abgeriegelt“ (derselbe), die „Bremen“, die „Emden“ versenkt usw., mit einer unübersehbaren Fülle von Einzelheiten. Heute steht fest, dass alles erfunden ist. Diesen Lügen der „Verteidiger der Zivilisation“ gegenüber hat der Nachrichtendienst der „nazistischen Menschenfresser“ ganz schlecht und einfach immer nur die Wahrheit festgestellt und dabei betont, dass man in Deutschland die feindlichen Flieger und Seeleute, die wirklich eingesetzt wurden, als Gegner achte, die Erfinder der Schlachten aber von diesen Männern sehr wohl zu unterscheiden wisse. So denken eben die „Barbaren“, sie haben einfach kein Verständnis für das Ritterliche in der Lüge.

Durch Kattegatt und Belt in die Ostsee

Das genügte jedoch nicht. Der Eindruck der deutschen Erfolge war so stark, dass die alliierten Flotten alles vor sich niederwerfend durch Skagerrak, Kattegatt und Belt bis an die Ostsee vordringen mussten, ja bis in die Ostsee selbst, in der die englischen Einheiten Minenfelder anlegten. „Die Kanonen dröhnen am Eingang zum Baltischen Meer!“ Ja, allerdings nur in der Phantasie von Havas und United Press und in der anglophilen Druckerschwärze. Ausserdem dröhnten im Kattegatt deutsche Unterwasserbomben, mit denen englische U-Boote vernichtet wurden (T.-O., 12. 4.), und die deutschen Truppentransporte nach Norwegen werden ununterbrochen fortgesetzt.

Bergen und Trondheim wiedererobert!

Eine Prestigefrage stellte für England auch die Wiedereroberung einiger norwegischer Städte dar. Deswegen wurde vom 10. bis

(Schluss von Seite 1.)

anteil. Diese niemals für möglich gehaltene Aktion des Reiches wurde vom besten Soldaten der Welt durchgeführt, der schweigend seine harte Pflicht erfüllt und heute an den Fjorden der Felsenküste des Nordlandes die Wacht hält für ein neues, im Werden begriffenes Europa. Aus dem kalten Winter der eigenen Heimat ist er um 2000 Kilometer nordwärts auf seinen Posten gezogen, in ein Land, das noch zwei Monate länger unter Schnee und Eis begraben liegt. Eine fremde, zerklüftete Landschaft ragt um ihn auf, meilenweit dehnen sich unwegsame Wälder, brausend brandet das Meer in ewiger Wut gegen die Berge. Was wissen wir, unter Palmen, warmer Sonne und blauem Him-

zum 13. 4. ununterbrochen und hartnäckig behauptet, Bergen und Trondheim seien von den Engländern genommen. United Press gab das am 11. 4. sogar als eine Mitteilung des schwedischen Generalstabes bekannt, und man konnte das erstlote Trondheim im Bilde bewundern. Und heute? Verrauschter Siegesjubiläum über freche Lügensiege.

Aber Narvik?

Es wäre nun jedoch falsch, anzunehmen, dass die Briten keine ersten Anstrengungen machten, ihre grosse Niederlage wenigstens zum Teil wettzumachen, und ungefähr seit dem 13. 4. werfen sie sich mit ganzer Wucht auf Narvik, den nördlichsten deutschen Vorposten im Eismeer, wo es zu erbitterten und heldenhaften Kämpfen kam. Das Schicksal Narviks ist heute noch nicht entschieden, aber die zwischen dem 11. und 14. verbreiteten Nachrichten über den Fall und den Brand der Stadt haben sich jedenfalls auch als unwahr erwiesen, als blosser Propagandamache.

Dazu die Greuel

Zur Stimmungsmache gehören nach wie vor Greuelmeldungen. Auch sie blieben nicht aus. Zu dem üblichen Fliegerbombardement offener Städte, wie Oslo, die noch nie einer Nachprüfung standgehalten haben, gesellten sich am 13. und 14. 4. Nachrichten der Havas, deren Verbreitung zum Teil durch das Staatsdepartement der Vereinigten Staaten erfolgt sein soll und nach denen die deutsche Luftwaffe es besonders auf den König von Norwegen und seine Familie abgesehen hätte. Havas versteigt sich sogar zu der hetzerischen Behauptung, Hitler habe Anweisung erteilt, besonders die Ortschaften und Häuser zu bombardieren, in denen sich die königliche Familie möglicherweise aufhalte! Darauf lässt sich nur sagen: festnageln und dabei niedriger hängen.

Und die übrigen Neutralen

Selbstverständlich wurden im Zusammenhang mit dem Kampf um Norwegen auch die Versuche fortgesetzt, die übrigen Neutralen in den Krieg zu verwickeln. Das geschah u. a. durch die Nachrichten, dass Schweden mobilisiert habe (H., 8. 4. und 9. 4.), dass Hitler ein Ultimatum an Schweden gerichtet und die Erlaubnis zum Durchmarsch deutscher Truppen verlangt habe (U. P., 11. und 12. 4.), ja, dass deutsche Truppen in Schweden gelandet seien (U. P., 9. 4.). Ferner wurde von je einem deutschen Ultimatum an Holland und Belgien berichtet (U. P., 11. und 12. 4.), von der Ansammlung von 1.200.000 deutschen Soldaten an der holländischen Grenze (U. P., 10. 4.), von deutschen Drohungen gegenüber den Donaufürstentümern u. a. m. Selbst Russland wurde hineingezogen, indem Havas am 13. 4. feststellte, dass Molotow der Reichsregierung die Bitte abgeschlagen habe, sich des Hafens von Murmansk als Stützpunkt zu bedienen. Auch das hat sich alles einwandfrei als unwahr erwiesen, so dass sich eine Widerlegung im einzelnen erübrigt.

Hambro — die Spinne im Netz

Die Verbreiter all dieser Unwahrheiten sind bekannt. Sie müssen ja nach einer begründeten Vorschrift für unsere Landespresse ihren Namen und ihre Nationalität mit jeder Meldung angeben. Es verlohnt sich bei dieser Gelegenheit aber, auch einmal auf die grossmächtigen Regenmacher hinzuweisen, die gern im Hintergrund bleiben. Das sind für die meisten oben erwähnten Nachrichten zwei Brüder Hambro, die nach ausführlichen Berichten der Trans-Ocean vom 12. 4. seit dem 11. 4. ihr Hauptquartier im Grand-Hotel in Stockholm haben, offenbar nicht zur Freude der schwedischen Regierung, die ihre Bewegungsfreiheit bereits ein wenig eingeschränkt hat. Sie stammen aus dem deutsch-dänischen

mel, vom selbstlosen Einsatz dieser Männer? Wer denkt beim hastigen Ueberfliegen der Telegramme und Berichte an jenes einzigartige Soldatentum, das sich mit dem Begriff Heldenentum deckt? Hüten wir uns darum vor der billigen Meinung in den Berichten von diesem Krieg Sensationen entdecken zu müssen. Die Berichte des Oberkommandos der Deutschen Wehrmacht sind niemals „interessant“, wie von vielen Leuten manche Modeerscheinung oder gar Hundenkreuzung interessant gefunden wird, dafür aber wahr. Man muss sie nur richtig zu lesen verstehen, um zu begreifen, warum die Zeit nahe ist, in der Britannien vor dem deutschen Sieg zittert.

ep.

Grenzgebiet, wo die Familie — Hamburger hiess. C. J. Hambro ist der geflüchtete Präsident des norwegischen Parlaments, Eigentümer der Osloer „Morgenbladet“, einer der reichsten Männer Norwegens. Seinen Verwandten in England gehört die Londoner Bank Hambro. Sie zählen zu den mächtigsten Bankiersfamilien der City, und der Bruder, der durch die letzten Ereignisse an der Rückkehr nach England verhindert wurde, gehört dem englischen Aussenministerium an. Diese beiden Hambros haben mit ihrem Stab das Hauptverdienst an dem Zustandekommen der „grössten Seeschlacht aller Zeiten“, der „Wiedereroberung Bergens, Trondheims“ usw. Und wenn Associated Press und Reuter sich am 11. 4. verschiedene Alarmnachrichten „aus Hambro“ bestätigen lassen, so beweist das nur, dass man das Büro dieses Brüderpaares mit einem — Orte verwechselt hat.

Zum Schluss: die Wirkung

Der Kampf um Norwegen ist noch nicht abgeschlossen. Die Kritik aber an den Begleitlügen, von denen hier ja nur eine Anzahl angeführt wurde, macht sich bereits in vielen Ländern bemerkbar, und zwar selbst in England. „Daily Herald“ z. B. tadelt am 13. 4. die englische Regierung schärfstens, weil sie das Volk mit falschen Angaben über die Vorgänge vor Bergen und Trondheim täusche und zulasse, dass Reuter seine Nachrichten „aus zuständigen Kreisen Stockholms“ ungehindert verbreite. Am selben Tage stand in der rumänischen Presse zu lesen, so im „Curentul“, nach den Erfahrungen der letzten Woche sei das Vertrauen in die Meldungen der Alliierten verloren (T.-O., 13. 4.). Solche Beispiele lassen sich noch viele anführen, und zum Schluss dürfte die Wirkung auf Freund und Feind auch falsch berechnet sein. Wie so manches in diesem überausreichen Kriege.

(Conclusão da 1.a pag.)

zia-se am 8-4, com referencia a barreira de minas inglesas na costa norueguesa. E no mesmo dia o porta-voz do Ministerio do Exterior da França declarou, segundo a United Press: „Temos ali a primeira phase do amplo programma elaborado nas ultimas semanas pelos chefes militares e navais dos aliados, em collaboração com os srs. Ronald Cross e Georges Monnet, ministros da Guerra Economica da Inglaterra e França, respectivamente.“

Só então é que se verificou, depois de repetidas advertencias e quando a neutralidade norueguesa só ainda constava do papel, o contragolpe allemão, surpreendentemente rapido, energico, de directriz segura. A Alemanha assumiu a defesa da neutralidade norueguesa e dinamiqueza no derradeiro instante, e com isso fez apenas aquilo a que fôra obrigada pelos aliados e que qualquer outro Estado teria em seu lugar, feito com a mesmissima naturalidade.

“A maior batalha naval de todos os tempos”

Foi um golpe seguro. Alterou, fundamentalmente, a situação estratégica. Mesmo que os allemães se tivessem fixado apenas na Dinamarca e no sul da Noruega, isso já teria constituído uma cabal victoria militar e politico-economica. Isso evidenciava-se claramente aos olhos de todos. Ora, cabia á Inglaterra emprehender algo contra isso, ao menos para salvar o seu prestigio. Realmente, emprehendeu alguma coisa, porém, numa extensão bem modesta, se fizermos abstracção do ataque á base allemã mais septentrional, isto é, Narvik. Essas investidas limitadas de navios e aviões britannicos foram apresentadas pela Havas e United Press excessivamente exaggeradas em innumeradas noticias. Durante dias e dias lia-se: „700 aviões aliados voam em direcção a Oslo“, „a maior batalha naval de todos os tempos“, „150 vasos de guerra e 800 aviões aliados contra 100 bellonaves e 1000 aparelhos allemães“, „os combates travam-se nas costas norueguesas em meio a uma formidável tempestade“, „offensiva aliada na Escandinavia“, „18 navios allemães afundados“, (affirmação do presidente do Ministerio francez, Reynaud, Havas), „engarrafadas todas as bellonaves allemães em aguas norueguesas“ (igualmente Reynaud), „foram postos a pique o „Bremen“ e o „Emden“, etc. E tudo isso acompanhado

de uma immensuravel copia de detalhes. Hoje está constatado, que tudo fôra inventado. Em contraste com essas mentiras dos „defensores da civilização“, o serviço de informações dos „nacionais-socialistas antophagos“ tratou de conservar ilibada a verdade, transmitindo seu noticiário sempre simples e sobriamente, accentuando, que na Alemanha se respeitava como adversario os aviadores e marujos inimigos que se empenhavam na luta, mas que se sabe distinguir muito bem esses homens dos inventores das batalhas. Eis como pensam os „barbaros“ que ignoram o que ha de cavalheiresco na mentira.

Através do Kattegat e do Belt rumo ao Baltico

Entretanto, tudo aquillo não bastava. A impressão dos successos allemães era tão grande, que as froas aliadas tinham de penetrar, arrazando tudo á sua frente, via Skagerrak-Kattegat-Belt, até ao Mar Baltico, em que as unidades inglesas semeariam minas... „Troam os canhões á entrada do Baltico!“ Sim, mas apenas na phantasia da Havas e da United Press e na tinta de impressão anglophila. Afóra isso, troaram no Kattegat bombas de profundidade allemães, com que se destruíram submarinos ingleses (T. O., 12-4). E os transportes de tropas teutas seguem para a Noruega sem solução de continuidade.

Bergen e Trondheim reconquistadas!

Para a Inglaterra representava uma questão de prestigio tambem a reconquista de algumas cidades norueguesas. Eis por que se affirmou, de 10 á 13-4, ininterrupta e obstinadamente, que Bergen e Trondheim haviam sido tomadas pelos ingleses. A United Press espalhou essa noticia, em 11-4, mesmo como comunicado do Estado Maior sueco, e pôde-se mesmo admirar num clichê Trondheim libertada. E hoje? Desvaneceu-se o jubilo despertado por essas reles victorias inventadas.

E Narvik então?

Elaborar-se-ia, comtudo, em erro, si se admitisse, que os bretões não fariam serios esforços para desfazer, ao menos em parte, seu grande revez, tanto assim que desde 13-4 elles se lançam, com toda violencia, contra Narvik, que é o posto allemão mais avançado ao norte, no Oceano Glacial, onde se registaram encarnicados e heroicos embates. Até hoje a sorte de Narvik ainda não está decidida; todavia, as noticias diffundidas entre 11 e 14-4 sobre a capitulação e o incendio da cidade provaram, em todo o caso, não passar de meras invenciones, de mero recurso de propaganda.

Atrocidades...

Para predispor os animos recorre-se, já se sabe, tambem ás noticias que falem de barbaridades. E tivemos-as em boa dose. Aos costumeiros bombardeamentos aéreos de cidades abertas, como Oslo, que, entretanto, não resistiram a nenhuma prova em contrario, juntaram-se, nos dias 13 e 14-4, informações da Havas, cuja divulgação ter-se-ia verificada, em parte, segundo consta, através do Departamento de Estado dos Estados Unidos da America do Norte, e consoante as quaes a arma aérea allemã teria visado, particularmente, a pessoa do rei da Noruega e os membros de sua familia. A Havas chegou mesmo ao cumulo de affirmar, aleivosamente, que Hitler teria dado ordens de bombardear sobretudo localidades e casas em que se poderia suppor estivesse installada a familia real!! Deante disso só resta observar: A que disparates se deixam arrastar os homens em desespero de causa, dando por paus e por pedras, no afan de achincalhar o proximo!

Não se deixa em socego os demais neutros

Subentende-se, que em correlação com a luta em torno da Noruega proseguiram as tentativas no sentido de envolver nesta guerra tambem os neutros restantes. Isso se fez, entre outras, através das noticias de que a Suecia havia decretado a mobilização (H., 8-4 e 9-4), de que Hitler havia enviado um ultimatum á Suecia, pedindo permissão para a travessia de tropas teutas (U. P., 11 e 12-4), sim, de que teriam mesmo desembarcado tropas na Suecia (U. P., 9-4). Falou-se de ultimata allemães dirigidos á Hollanda e á Belgica (U. P., 11 e 12-4), da concentração de 1.200.000 soldados tudescos junto á fronteira hollandeza (U. P., 10-4), de ameaças allemãs aos Estados danubianos, e assim por diante. Envolvceu-se nisso mesmo a Russia, pois a Havas affirmou em 13-4, que Molotow teria negado ao governo da Alemanha o pedido de se servir do porto de Murmansk como base. Tudo isso provou, igualmente, não passar de deslavadas falsidades, tanto assim que podemos dispensar-nos de refutar, uma por uma, essas cabeludas patranhas.

(Continúa no proximo numero.)

VERTRETUNGEN FÜR RIO GRANDE DO SUL

übernimmt

ADOLFO SCHWAB, FILHO & CIA.

PORTO ALEGRE

Caixa postal 332 — — Rio Grande do Sul

Zum 20. April

Der Führer einundfünfzig Jahre alt



Zum Geburtstag des Führers

„Führer's Geburtstag!“ Dies frohe Wort
Gilt heute in Deutschland von Ort zu Ort,
überall wehen grüßend die Fahnen!
Auch wir hier wünschen das Höchste, das Beste
Dem Führer zu seinem Wiegenfeste!
Alld Deutschlands Liebe, des Heeres Sieg
Und ein baldiges, glorreiches Ende dem Krieg!

Diesem Krieg, zu dem der Feind uns zwingt;
Er führt auf des Reiches Untergang,
Will es entrichten, zerstücken, vernichten!
Doch des Führers Genie, seine Weisheit und Kraft
Und des Volkes allopfernde Heldenschaft
Werden zerschmettern den Feind und gewinnen den Krieg
Mit der deutschen Geschichte ruhmreichstem Sieg!

Wir können hier betend die Hände nur halten:
Gott wolle den Führer noch lang uns erhalten
In des Reiches Glück, Heil und Segen!
Es bedarf seiner wachsam forgenden Treue
Ja immer und immer wieder auf's Neue;
Tief gläubig vertraut ihm ganz Deutschland und weicht
Ihm verehrende Liebe und Dankbarkeit.

Viel tausend Deutsche, verstreut in der Welt,
Die Heimat in treuer Gut jetzt hält,
Sie sind nicht mehr verlassen, verloren!
Quält Heimweh und Sehnsucht sie noch so sehr,
Im neuen Deutschland, fern über dem Meer,
Ist auch für sie ein „Willkommen“ bereit,
Finden Trost, Rat und Hilfe sie jederzeit.

Verschwunden sind Klassenkampf, Zwietracht und Streit!
Nationale Gemeinschaft und Einigkeit
Haben Deutschlands Schicksal gewendet!
Vertrauen und Glauben schlingen ein Band
Der Liebe um Führer und Vaterland;
Das großdeutsche Volkreich, stark, siegreich und frei,
In die Hand des Allmächtigen befohlen sei!

Fran G. W.

Stolz auf unsere großen Männer dürfen wir nur sein, solange sie sich ihrerseits nicht unserer zu schämen brauchen

Clausenwitz

O Anniversario Natalicio do Presidente da Republica Dr. Getulio Vargas.

O Chefe da Nação Brasileira ve transcorrer na data de hoje, 19 de abril, seu 58. aniversário natalicio. Corporificam-se na sua pessoa, que se mantém sempre em attitudo modesta por trás da obra que vem sendo realizada, a vontade e o caminho deste prospero paiz, que é o maior da America Meridional. Deve-se a elle o ter passado o traço final no obsoleto systema dos partidos, e

de ter lançado as bases do Estado Novo, graças á sua resolução energica de 10 de novembro de 1937, a cujas bases deu expressão vital. Sob o seu governo, o Brasil tornou-se um factor apreciavel na politica internacional, o qual deu a entender, mais de uma vez, que vindica para si, soberanamente, o direito para a propria estruturação do seu Destino.



Der brasilianische Regierungschef begeht am heutigen 19. April seinen 58. Geburtstag. In seiner Person, die immer bescheiden hinter ihr Werk tritt, ist Wille und Weg des aufstrebenden grössten südamerikanischen Landes verkörpert. Er hat den Schlusstrich unter das Parteiensystem gezogen, die Grundsätze des Neuen Staates durch seine mutige

Entscheidung vom 10. November 1937 aufgestellt und demselben lebendigen Ausdruck verliehen. Brasilien ist unter seiner Regierung zu einem beachtlichen Faktor der internationalen Politik geworden, der mehr als einmal zu erkennen gab, dass er einen souveränen Anspruch auf die eigene Gestaltung seines Geschickes erhebt.

Conheçamos melhor os nossos amigos!

Eu sou mortal, como qualquer cavalo, ásnio, cobra ou lagartixa. Mas, porisso mesmo, é que me sinto no dever indeclinavel de dizer algo, a respeito da gloriosa Alemanha, antes do meu inevitavel desaparecimento!

Em 1914, o então Kaiser Guilherme II, não podendo mais suportar a opressão que lhe faziam ha tantos anos os grandes amigos dos Povos, da Civilização e da Cultura—OS INGLESES, desembainhou a sua espada, em um momento de justa revolta contra tais injustiças, proclamando ao seu povo:

«Tudo fiz, ha 40 anos, de governo, para manter a paz na Europa, e talvez no Mundo! Os meus esforços foram baldados!»

Estes argumentos, todavia foram transmitidos ao Mundo, com a pécha de que o Imperio Alemão se havia preparado durante 40 anos para a guerra!...

Os ingleses chegaram mais: donos da situação telegrafica, anunciaram para o Brasil, que a sua situação geografica seria mudada, após a vitoria alemã.

Santa Catarina, por exemplo, seria uma COLONIA ALEMA.

A seguir, quatro vapores mercantes brasileiros foram torpedeados... Por quem?

«Pelos submarinos alemães...»
E o Brasil — a minha Patria, — então

sob o governo de Wenceslau Braz, declarou guerra á Alemanha!...

Mais tarde fomos saber que os navios torpedeados, brasileiros, o foram por submarinos não Alemães!

A Alemanha jamais cobiçou terras do Brasil, porisso que os seus filhos aqui radicados, são verdadeiros brasileiros. Trabalhadores, obedientes ás leis pátrias, os alemães portam-se com elegancia moral e altruísmo. A Ilha da Trindade, a Guyana «Inglesa», jamais foram objecto de cogitações alemãs...

Notemos que o nosso commercio, com a Alemanha, em CINCO ANOS apenas, nos trouxe mais benefícios que com o da ENGLAND, após quatro Séculos!...

Como jornalistas, vamos dar a César o que é de César. A Alemanha, invejada por um bando de capitalistas inimigos tem o dever de defender-se, mormente agora que o Tratado de Versalhes negou-lhe todas as colonias e, ipso facto, a possibilidade de viver...

Mas, em conclusão: quem tem sido mais amiga do Brasil? A Inglaterra ou a Alemanha?...

Estudem, reflitam, sobre a Historia Universal e depois respondam...

João da Cruz Leite no 'Jornal de Antonina'. (Paraná). Num. 398, dia 8 de Abril).

Löwensprung oder Adlerflug

Von Konteradmiral Lützow

Wer den Ablauf der Ereignisse in Nord-europa seit Dezember vorigen Jahres mit aufmerksamen Augen beobachtet hat, für den sind die dramatischen Vorgänge der vergangenen Woche keine Ueberraschung gewesen.

In dem Augenblick, in dem die britisch-französischen Versprechungen die finnische Regierung zum Widerstand gegen die russischen Forderungen, über deren Berechtigung oder Nichtberechtigung hier nicht gesprochen werden soll, ermunterten, war es klar, dass gemäss jahrhundertalter Tradition britischer Weltmachtpolitik England versuchen würde, auf dem Wege über den finnisch-russischen Konflikt eine Ausweitung des Krieges auf Nordeuropa anzustreben.

Aus allen Aeusserungen offizieller britischer und französischer Staatsmänner geht einwandfrei hervor, dass diese Kriegsausweitungspläne nicht gegen Russland gerichtet waren, denn in diesem Fall hätte sowohl England wie Frankreich schon während des Polenfeldzuges eine Begründung in dem bestehenden Sicherheitsvertrag mit Polen gehabt, Russland den Krieg zu erklären. Daran lag jedoch den britisch-französischen Staatsmännern gar nichts — ja sie haben vielleicht bis heute noch nicht die Hoffnung aufgegeben, Russland von der Zusammenarbeit mit Deutschland weg- und in ihren eigenen Kreis hineinzuziehen. Es gibt keinen klareren Beweis als diesen für die Behauptung, dass der Krieg, den die Westmächte Deutschland aufgezwungen haben, nicht um Polen, noch viel weniger um das angeblich bedrohte Leben kleiner Völker geht, sondern einzig und allein darum, die wirtschaftliche Vormachtstellung über Europa zu erhalten und damit einen Zustand zu verewigen, den England mit dem von ihm gewollten Weltkrieg 1914—18 angestrebt hat, den England zwar nicht durch seine militärische Ueberlegenheit, wohl aber durch die Ueberlegenheit seiner wirtschaftlichen und propagandistischen Kräfte gewonnen hat und der für die ungeheuren Wirtschaftskrisen der vergangenen zwei Jahrzehnte, unter denen Millionen von Menschen verhungert sind und unter denen die meisten Völker dieser Erde auf das schwerste gelitten haben, verantwortlich ist.

Dass Polen oder die Gründe der deutsch-polnischen Auseinandersetzung den Engländern vollständig gleichgültig waren und sind, bezweifelt in der ganzen Welt heute kein Mensch.

Ebenso gleichgültig war England und Frankreich das Schicksal Finnlands. Finnland bzw. seine Staatsführung haben das rechtzeitig erkannt und einen Frieden geschlossen, der seine wirtschaftliche und politische Existenz und Selbständigkeit auch in Zukunft bewahren wird. Dieser Friedensschluss, der Finnland als Staat vor dem Untergang und das finnische Volk vor Not und Leiden verschont hat, der also in menschlichem Sinne ein Segen für Finnland war, war den Engländern und Franzosen äusserst unbequem. Wenn es nach ihnen gegangen wäre, hätte Finnland sich gegen den grossen russischen Nachbarn verbluten können. England und Frankreich hätten dann aber die Gelegenheit gehabt, durch Skandinavien zu marschieren unter dem Vorwand, Finnland zu helfen — aber einzig und allein mit dem Ziel, die deutsche Vormachtstellung in Ostsee und Ostraum zu bedrohen. Dass die angebliche Hilfeleistung für Finnland nur ein Vorwand war, das glauben englische Staatsmänner nicht einmal zu verbergen für nötig zu halten. Seit dem finnischen Friedensschluss mehrten sich in England und Frankreich die Stimmen, vor allen Dingen von Offizieren selbst, die ganz klar und eindeutig darauf hinwiesen, dass nachdem die gute Gelegenheit, die nordische Neutralität unter dem Vorwand der Hilfeleistung für Finnland beiseite zu schieben, verpasst sei, nunmehr diese Beiseiteschiebung der Neutralität der nordischen Länder auch ohne Vorwand durchgeführt werden müsse.

Am 28. März d. J. hat der alliierte Oberste Kriegsrat beschlossen, unter Benutzung des norwegischen Territoriums nach Schweden zu gehen, um von Schweden aus militärische Operationen gegen Deutschland einzuleiten.

Die „Times“ vom 8. 4. haben in einem Leitartikel diese Pläne ganz offen erläutert. Ministerpräsident Reynaud hat es in seiner am 11. 4. vor der französischen Kammer ge-

haltenen Rede durch den etwas unvorsichtigen Satz bestätigt: „Deutschland ist uns zuvorgekommen.“

Die englischen Pläne, Deutschland unter Nichtachtung der Neutralität der skandinavischen Länder in der Flanke anzugreifen, sind strategisch durchaus verständlich. Es handelt sich keineswegs nur um die Abschneidung der Erzzufuhr nach Deutschland über den Hafen von Narvik, denn nur ein Drittel der berühmten schwedischen Erze der Gruben Kiruna und Gievvara geht über Narvik. Der Rest geht während der eisfreien Periode über die Ostseehäfen Gävle und Lulea. Wenn es den Engländern gelungen wäre, die Erzzufuhr auch über die Ostseehäfen durch Durchmarsch von Narvik nach Schweden zu stoppen, so würde damit die Erzversorgung Deutschlands eine nicht unwichtige Beeinträchtigung erfahren und zumindest das Kriegspotenzial Deutschlands geschwächt werden. Aber auch das ist nicht allein der entscheidende Grund gewesen, warum England und Frankreich sich militärisch auf der skandinavischen Halbinsel festsetzen wollten.

Wenn nämlich die alliierten Truppen eine Operationsbasis in Schweden hätten errichten können, so würde das bedeuten, dass die deutsche Ostseeküste von der alliierten Flugwaffe in wenig mehr als einer Stunde hätte erreicht werden können. Die Einflugsmöglichkeiten über die Deutsche Bucht und über die Westgrenze sind, solange England und Frankreich die Ein- und Ausflüge über neutrales Land noch nicht regelmässig und vor allen Dingen in grösserer Zahl für selbstverständlich ausführen, verhältnismässig gering und durch eine ausserordentlich starke Luft- und Flugabwehr gesichert. Die geringen praktischen Ergebnisse, die die alliierte Luftwaffe bisher bei ihren Einflügen erzielt hat, sind ein Beweis für die obige Behauptung.

In ganz anderem Masse liegt die deutsche Ostseeküste für Luftangriffe von Skandinavien geeignet. Ihre breite Ausdehnung macht ihren Schutz sehr viel schwerer. Ganz abgesehen davon, dass über die Ostsee ein grosser Teil der deutschen Auslandsversorgung aus den der Ostsee anliegenden Staaten abgewickelt wird, die ebenfalls durch alliierte militärische Basen in Skandinavien stark gestört werden könnte. Von Norwegen und Dänemark aus wäre es den Alliierten möglich gewesen, offensiv gegen Deutschland vorzugehen, in einer Form, die die Abwehrkräfte des Reiches in sehr viel stärkerem Ausmasse in Anspruch genommen hätte.

Nicht mit Unrecht hat daher die alliierte Presse die Besetzung der skandinavischen Länder, die von den alliierten Staatsmännern vorbereitet wurde, in allen Tonarten als berechtigt geschildert.

Der Ueberfall auf die „Altmark“ mitten in norwegischem Gebiet war ein Beweis dafür, dass die Alliierten gar nicht daran dachten, sich an die bisher gültigen internationalen Bestimmungen über Neutralität zu halten. Torpedierungen deutscher Schiffe innerhalb der norwegischen Hoheitsgewässer, die nicht etwa 300 Seemeilen, wie die panamerikanische Sicherheitszone, sondern nur 3 See-

meilen breit sind, wurden von alliierten Seestreitkräften ohne Rücksicht durchgeführt.

Doch das alles war nur ein Anfang! Die grosse Aktion der Alliierten zur Einkreisung Deutschlands, der Sprung des britischen Löwen nach Skandinavien, war für den 10. April vorgesehen. Er war durch britische Admiralstabsoffiziere, die in den letzten Monaten die bisherigen ehrenamtlichen norwegischen Persönlichkeiten, die als britische Konsuln fungierten, abgelöst hatten und noch eine Reihe von Marinemitgliedern beschäftigten, bis ins einzelne vorbereitet. Allein im Hafen von Bergen lagen seit mehreren Tagen 5 englische Dampfer mit alliiertem Kriegsmaterial: Geschützen, Munition, Tanks etc.

Am Montag, den 8. 4., morgens, wurde seitens der Alliierten bekanntgegeben, dass die norwegischen Hoheitsgewässer durch grosse Minenfelder gesperrt seien und dass diese Minenfelder innerhalb norwegischen Territoriums durch britische Seestreitkräfte geschützt würden. Damit war effektiv der Krieg auf die skandinavische Halbinsel übertragen. Die Engländer bemühten sich im Gegensatz zu ihren sonstigen Gewohnheiten auch gar nicht, diese Tatsache zu verschleiern, sondern — im Gegenteil — erklärten, dass nunmehr die Einkreisung Deutschlands auch vom Norden vollendet sei und dass Deutschland damit einen schweren militärischen Schlag erhalten habe.

Höhnisch erklärte die regierungsamtliche englische Presse, Herr Hitler würde auf diesen Offensivakt der Alliierten nichts erwidern können.

Im Laufe des Dienstag waren starke englische Seestreitkräfte mit grossen Truppentransporten unterwegs, um endgültig von Skandinavien aus militärische Positionen gegen Deutschland einzunehmen.

Die neutrale Welt hielt den Atem an.

Dass die Neutralität Skandinaviens beendet war, stand ausser Frage. Die Wichtigkeit, die der neuen Kriegsausweitung gegen Deutschland zukam, war auch den nicht militärisch gebildeten Lesern der Welpresse klar. Deutschland schien an einer entscheidenden Stelle geschlagen zu sein. Es konnte sich nach Ansicht der Engländer nur noch um Stunden handeln, dass ihr grossangelegtes Unternehmen zu dem endgültigen Erfolg führte. — Es kümmerte sie dabei wenig, dass damit die skandinavischen Länder, insbesondere Schweden und Südnorwegen, zu einem Schauplatz erbitterter Kämpfe werden mussten.

Die Haltung der norwegischen Regierung gegenüber der englischen Nichtachtung der norwegischen Neutralität beschränkte sich auf schwache Proteste. Das klingt merkwürdig, liegt aber in der politischen Situation Norwegens begründet, das von jeher gewisse Sympathien für England empfand und dessen König ein Sohn einer Schwester des verstorbenen Königs Georg V. von England ist. Königin Maud von Norwegen ist eine Nichte des Königs Eduard VII., des berühmten Führers der Einkreisungspolitik gegen das Deutschland von 1914. Die Tendenzen des norwegischen Königshauses sind absolut pro-englisch.

Deutschland hat diesen Plänen gegen seine Existenz durch eine militärische Aktion Schach geboten, die in der Militärgeschichte der Welt bisher einzig dasteht. Im Laufe von wenigen Stunden wurde die von den Engländern beabsichtigte Besetzung skandinavischer Stützpunkte durch einen mustergültig organisierten Einsatz von Luft-, See- und Landstreitkräften vereitelt.

Nachdem Norwegen nicht in der Lage war, seine Neutralität zu schützen und damit Deutschland in sehr erhebliche Schwierigkeiten bringen musste, war Deutschland gezwungen, nun auch seinerseits einzugreifen.

Es ist ausser Frage, dass die Alliierten diesen Gegenschlag Deutschlands nicht erwartet haben und daher in den ersten Tagen geradezu unter einer Schockwirkung standen. Wie stark dieser Schock war, ging aus den widersprechenden englischen Meldungen über angebliche alliierte Erfolge hervor, die fast alle unmittelbar darauf dementiert werden mussten. England hat wohl in dem Bestreben, den schweren Verlust am eigenen Prestige zu verschleiern, auch propagandistisch sich zunächst darauf beschränkt, den deutschen Erfolg zu verkleinern oder durch Meldungen über angebliche eigene Erfolge zu übertönen. Man hätte erwarten können, dass die englische Propaganda, ohne daran zu denken, dass sie wenige Tage vorher bereits die norwegische Neutralität ungültig gemacht hatte, sich darauf legen würde, den Deutschen einen Neutralitätsbruch vorzuwerfen. Man ist von Englands Seite gewohnt, dass alles, was England selber tut, richtig, und alles, was sein Gegner tut, falsch ist.

Die englische Propaganda, die vielleicht an ihre eigenen Siegesmeldungen glaubte, bemühte sich, den deutschen Schritt nach Skandinavien als einen militärischen Misserfolg und den Anfang einer sicheren Niederlage darzustellen. Erst als sich nach einigen Tagen herausstellte, dass die militärischen Erfolge auf Seiten Deutschlands waren und England einen Misserfolg seiner Politik und seiner Strategie erlitten hatte, versuchte die englische Propaganda, eine neue Walze aufzulegen, indem sie von der Unterdrückung kleiner Nationen sprach. In Wirklichkeit hat der deutsche Schritt Skandinavien davor bewahrt, zum Schauplatz langer, verheerender und blutiger Kämpfe zu werden.

Das kleine Land Dänemark hat diesen deutschen Schritt mit bewundernswerter politischer Klugheit verstanden und arbeitet mit Deutschland zusammen. Sein Lohn für diese Klugheit wird sein, dass Dänemark auch in Zukunft vor den Schrecken des Krieges bewahrt bleiben wird und seine eigene Selbstständigkeit und wirtschaftliche Position in vollem Umfange erhalten kann.

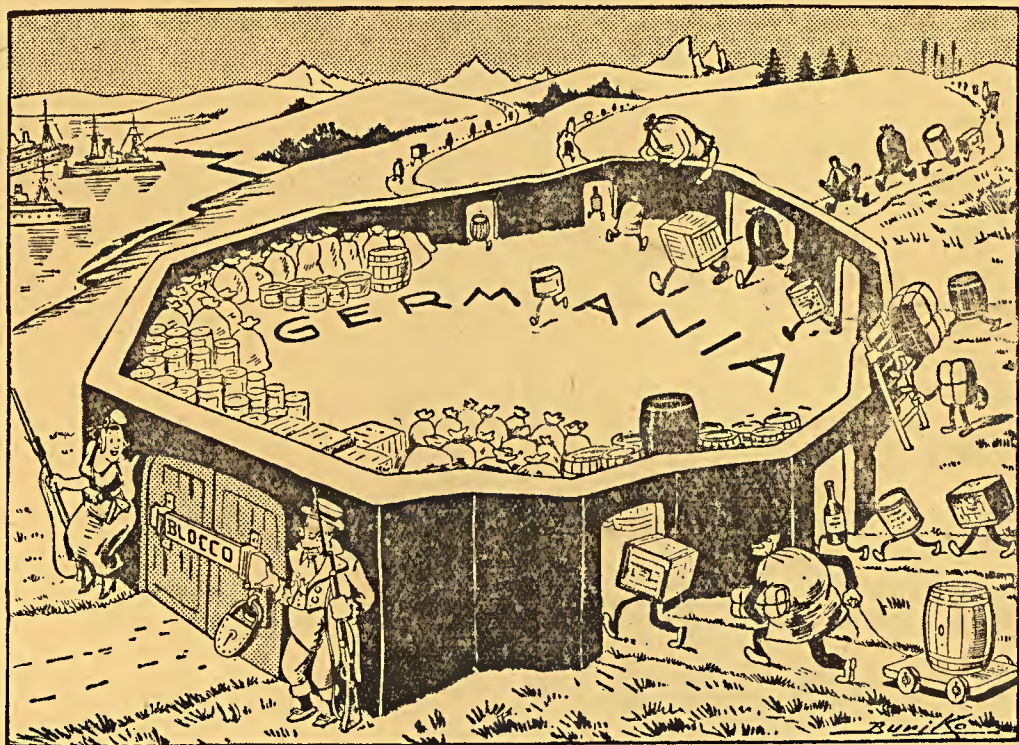
In Norwegen haben sich die Dinge nicht so einfach abgespielt, weil ein kleiner Teil der norwegischen Regierung, an der Spitze der jüdische, englisch versippte Präsident des Storting, Hambro — alias Hamburger —, und der englisch versippte und orientierte norwegische König, ohne Rücksicht auf Sicherheit und Frieden ihres Landes, sich zunächst gegen Deutschland stellten. Damit läuft Norwegen Gefahr, zu einem Kriegsschauplatz zu werden, während es an sich ohne weiteres unter dem bewährten Schutz Deutschlands friedlich weiterleben könnte.

Sicher ist, dass der Sprung des englischen Löwen nach Norwegen buchstäblich ins Wasser fiel. Ebenso sicher ist, dass der deutsche Adler seinen Flug nach Norwegen so erfolgreich durchführte, dass damit für 10 Millionen Skandinavier ihr friedliches Leben gesichert bleibt und England gleichzeitig von einem unerlässlichen Teil seiner Zufuhren endgültig abgeschnitten ist, die alles, was England heute schon an militärischen Gefahren in Kauf nehmen musste, in den Schatten stellt.

Es gibt nicht wenige Fachleute, die der Auffassung sind, dass durch die Stellung in Norwegen der Krieg zugunsten dessen entschieden würde, der die norwegischen Positionen innehatte.

Es ist jedoch nicht die Absicht dieses Artikels zu prophezeien. Die Zukunft wird lehren, ob England in der Lage ist, auch diesen neuen Schlag gegen seine Politik der Vergewaltigung fremder Völker noch einzustecken oder ob sein ohnehin in der Welt gesunkenes Prestige damit endgültig verloren geht.

O bloqueio inglez visto pela Italia.



So sieht Italien die englische Blockade.

Die Deutsche Frau

Ein Wort voraus

Eine Frist von beinahe acht Monaten liegt zwischen der letzten Frauenbeilage und unserer heutigen Nummer. Aus technischen Gründen entschlossen wir uns damals, auf die Beilage zeitweilig zu verzichten. Aber nach wie vor fühlt sich die im Auslande lebende Frau mit dem Schicksal der Heimat verkettet, und gerade in der jetzigen Zeit ist manche gezwungen, ihren Mann im täglichen Kampf ums Dasein in weit grösserem Masse zu unterstützen, als das bisher der Fall war.

Wir haben uns darum zur Aufgabe gemacht, unseren Leserinnen neben Berichten über das Leben der Frau im Reiche vor allem praktische Ratschläge aus der Hauswirtschaft und der Gesundheitspflege zu bringen, der hier im heissen Lande eine ganz besondere Bedeutung zukommt.

Anfragen und Anregungen nehmen wir gern entgegen und werden sie gern verwerten, dass sie einem weiteren Kreis unserer Leserinnen zugute kommen.



Ahnenbild und Erbe

Von Margarete Weinhandl

Ich kenne eine Familie, in der ein ganz bestimmter, lange verstorbener Ahne besondere Ehrfurcht und Liebe geniesst. Nicht nur rühmen sie die Tatkraft und Zähigkeit, durch die er sich aus den bedürftigsten Verhältnissen zu Wohlstand und Ansehen emporgearbeitet hatte; sondern mit noch mehr Stolz zeigen sie im Heimatort so manche gemeinnützige Anlage und Einrichtung, die mit seinem Namen noch heute dankbar verknüpft sind. Gern erzählen sie auch von seinen Jahren im fernen Ausland, den Abenteuern, die er dort bestand, den Fehlschlägen, die nichts über ihn vermochten, den Gefahren, denen er trotzte und ein glückliches Ende abgerungen. Am stärksten jedoch bewegt es die Enkelkinder, wenn Vater und Mutter in seltenen Feierstunden die alte Schatulle öffnen und auf der dunklen Tischdecke in silbernem Glanz die Ehrenzeichen ausbreiten, die sich der Ahn im Kriegsdienst für das Vaterland erworben hatte. An jedes einzelne knüpft sich eine andere Begebenheit. Hier eine rasche Entscheidung in bedenklich schwankender Lage, dort ein tollkühner Angriff auf vielfache feindliche Ueberzahl oder ein Zusammenreißen weichender Kameraden, ein Standhalten trotz schwerer Verwundung, das Heraushauen eines geliebten Führers aus Feindeshaufen. Dann ist wohl keines von all den Jungen und Mädchen, das in solchen Augenblicken nicht erglühend den stillen oder lauten Beschluss fasste zu einem ähnlich hochgemuten Leben. Und das ist das Grosse an diesem Ahnenbild: Es will, es kann, es wird Erbe werden im lebendig dauernden Blute.

Es kommt aber auch vor, dass unter den Enkeln dieses Mannes eine Torheit ausbricht, ein kindlicher Streit, wer von ihnen allen sein „eigentlicher“ Erbe sei, wer seine Gestalt, seinen Wuchs, seine Augen, seine Nase, seine Hände an sich habe. Ein gegenseitiges Vergleichen, Geringschätzen, Absprechen; hier ein hochmütiges Auftrumpfen, dort der neidische Groll des Unterlegenen, des „Verkürzten“. Und übel hätte diese Zwietracht geendet, wäre nicht inmitten des heftiger werdenden Wortwechsels die Mutter ins Zimmer getreten und hätte ernst, ja schmerzhaft gerufen: „Keiner von euch allen erweist sich als Erbe unseres Ahnen. Denn sein Wesen war Grossmut — nie hätte er den Schwächeren gekränkt und beschämt! Der Kern seiner Persönlichkeit ein edles Selbstgefühl — nie hätte er sich von Gegnern kleinkriegen und demütigen lassen, wenn er sich der Reinheit seines Willens und Wirkens be-

Zum Geburtstag des Führers

In diesen Tagen treten die Gedanken von 80 Millionen Menschen den Weg in die deutsche Heimat an, um ihrem grössten Sohne an seinem Ehrentage nahe zu sein. Es ist ein unvorstellbar gewaltiger Kraftstrom der Liebe, der ihn wie ein undurchdringlicher Wall umgibt. Ein Millionenvolk müht sich auch dieses Jahr um die sinnvollste Ausdrucksmöglichkeit seiner unbeschreiblichen Dankbarkeit. Jeder einzelne — ob Mann oder Frau — möchte an diesem Tage seinem Empfinden besonderen Ausdruck verleihen!

In den ersten Jahren des neuen Werdens war diese Ausdrucksform stürmisch — wie ein Schrei der Freude nach langen Zeiten bitterster Not und stummen Leidens. Es war wie ein Rausch, wieder schenken zu dürfen, beglücken zu können, wo man vorher misstrauen musste, ja verachten lernte! Auf Lastkraftwagen wurden die Abertausend Gaben unzähliger fleissiger Hände und sorgender Mutterherzen zur Reichskanzlei geschafft. War es da ein Wunder, dass alle diese Geschenke trotz liebevoller Auslese oftmals recht „Ich-bezogen“ waren? Jeder schenkte, was ihm das Schönste und Nützlichste schien! Allen voran unsere Frauen und Mädchen! Wer hätte es nicht getan?

Heute ist das schon ganz anders. Und dass dem so ist, kann auch nur ganz selbstlose und hingebende Liebe fertig bringen.

Seit diesem ersten stürmischen Danksagen sind sieben arbeitsreiche Jahre ins Land gegangen. Sieben Jahre des Wachsens und des Lernens. Vor allem lernte das deutsche Volk eines: gemeinschaftsverbundenes Denken und sinnvolles Denken! Der Blick weitete sich mit dem Grade der Verantwortung, die jedem einzelnen übertragen wurde.

Der Blick des einzelnen ging über das eigene Ich hinaus und lernte den anderen sehen und verstehen; und dadurch wuchs auch das Verständnis bei dem Mann und bei der Frau für den Willen des Führers. Jedes Jahr konnten sie aus dem Teilgebiet ihrer Verantwortlichkeit heraus seinen Gedankengängen besser folgen. So war es ganz natürlich, dass dieses Verständnis nicht vor dem Geschenk zu seinem Geburtstag Halt machte. Ganz im Gegenteil versuchten nun alle Teile des Volkes irgendeinem Wunsch Adolf Hitlers auf die Spur zu kommen, um ihn durch die selbstloseste Form des Gebens gestalten zu helfen.

/ Ohne jede Rücksicht auf das persönlich beglückende Moment direkter Fühlungnahme durch eine Einzelgabe schliessen sich jedes Jahr Männer und Frauen zusammen, um durch gemeinschaftlichen Einsatz, sei es durch Geldspenden aus kleinen und kleinsten Beträgen oder durch die einheitliche Arbeit vieler schaffender Hände, sein Werk sinnvoll zu ergänzen. — Wenige Glückliche können immer nur dem Geburtstagskind durch ihre freudestrahlenden Augen die Liebe der Tausend vermitteln, die an dem Geschenk mitschufen. Diese Tausende aber sind durch das Wesen der Gabe, an der sie teilhaben, innerlich über sich selbst hinaus in die innere Freiheit gewachsen.

So tragen die Gaben des deutschen Volkes, die sie ihrem Führer am 20. April überreichen, stets dreifache Segenskraft in sich: als glückbringendes Sinnbild der Liebe, als Zeichen gleicher innerer Ausrichtung und tiefster Verbundenheit und als Beitrag zur Wohlfahrt der Volksgemeinschaft! S. L.



Auch die Kleinsten musizieren. — Eine Flötengruppe der Kinderschar im Deutschen Frauenwerk

wusst war. Er hasste Uneinigkeit, Kleinsinn und Geschwätz um nichts, und stünde er hier unter euch —“

„Ja, sage uns, Mutter, was würde er sprechen, wie entscheiden, welchen von uns seinen Erben nennen?“

Die Mutter wandte sich dem Ahnenbild zu, das an der Wand über der Truhe hing, und, als löse sie die Antwort aus den schöngefassten klaren Zügen, sprach sie langsam:

„Er würde sagen: Der ist mein Erbe, in dessen Blut mein Wille lebt.“

„Und was heisst das, Mutter?“

„Der will, was er wollte.“

„Und was wollte er?“

„Denkt seiner Taten, und ihr wisst es. Nie sich selber, immer das Werk. Nie das Bequemste, immer das Schwerste. Nie den Eigennutz, immer den Gemeinnutz.“

Da schwieg der Streit der Kinder. Sie ahnten betroffen, dass man solch Erbe nicht mit Worten behaupten, nicht alles an äus-

seren Zeichen erkenne, sondern durch ein Leben voller Adel erweisen müsse.

Und geht es im deutschen Volk um anderes? Haben wir nicht alle ein hohes Ahnenbild vor Augen und im Blut, von dem wir abstammen, dem wir gleichen wollen an Leib und Seele, seit man es uns wieder leuchtend vor Augen stellte, als den Weg, unseren Weg durch die Jahrtausende der Geschichte hindurch in den hellen Horizont künftiger Steigerung und Entfaltung hinein? „Nordische Rasse“, so nennt man dieses Ahnenbild; und es ist kein Phantasiegespinnst, sondern wir kennen seine Züge genau und lieben sie mit der ganzen Inbrunst unverwandten Gemütes. Wir wissen, dass die Söhne dieser Rasse im nordischen Raum wohnten, ackerten, sich Werkzeuge erschufen, Häuser bauten, Schiffe fügten, und mit einer Bildungskraft ohnmassen die lebendigen Stoffe der Natur durchdrangen und zu Gestalten aller Art prägten. Dass sie aus den ursprüng-

Der Furchtame erschrickt vor der Gefahr, der Feige in ihr und der Mutige nach ihr.

Jean Paul

Der Kluge liebt „Kampf der Gefahr“ und verbietet sie.

Darab

lichen Wohnräumen nach Süden, Osten, Westen hinausdrängen, Staaten gründeten und über den ganzen Erdball hin das Saatgut hin das Saatgut der Gesittung und Kunst, des Weistums und der Gerechtigkeit trugen. Und nicht nur bewundern wir den schwindelnden Aufstieg aus mühseligen Anfängen zu höchsten Gipfeln friedlicher wie kriegerischer Leistungen dieser Rasse, sondern wir kennen heute noch kein Werk der Schönheit und der Nützlichkeit, von Hammer und Pilg bis zu Säule und Steinbild, von Staat und Gemeinde bis zu Drama und Fuge, das nicht nordischem Erfindergeist entstammte. Und die Geschichte aller hochstehenden Völker, ihre Taten, ihre Ehre, ihre Kämpfe und Siege, ist geknüpft an den Anteil nordischer Rasse in ihrem Blut.

Wir Deutsche aber, obwohl, wie die meisten jetzt lebenden arischen Kulturvölker, nicht einer einzigen, sondern verschiedenen Rassen angehörig, dürfen uns einen besonders hohen Prozentsatz nordischen Blutes zuschreiben. Und wo immer die reinsten Gestalten deutscher Geschichte, Sage und Kunst vor uns aufstehen, sichtbar oder vor dem inneren Auge, wo der Bamberger Reiter Leben und Ross zügelt, Gudrun in schweigendem Stolz vor ihrer Peinigerin steht, Parsifal die erhabene Wolkenburg letzter Geheimnisse sucht, Goldmarie in stiller Selbstverständlichkeit dem Apfelbäumchen, dem Brot, der wunderlichen alten Frau dient, wo der Ritter gradausblickend Tod und Teufel nicht achtet, wo Iphigenie es wider ihre reine Natur nicht vermag, durch eine Lüge Bruder und Freund zu retten: überall da — das fühlen wir am Aufklagen unserer Herzen, an der Hingerissenheit unserer Seele — ist Blut von unserm Blut, ist das Ahnenbild ureigener Art am Werk, sonst blieben wir ja unberührt, bliebe selbst unsere Bewunderung kalt und abständig. Und wie die Kinder jenes Ahns vor den Ehrenzeichen seines Daseins, so erglühn wir auch im Drang, gleich zu werden den Trägern solches Adels. Und das ist gut und natürlich und ist der tiefste Sinn unseres heutigen Bemühens, immer wieder das Bild des nordischen Menschen, seine innere und äussere Gestalt, vor die Sinne der Männer, der Mütter, der heranwachsenden Kinder zu rücken. Ein-bilden soll sein Wesen sich unserem Wesen, sein Schauen unserem Schauen, sein Tun unserem Tun.

Aber töricht und kindisch sind wir, wenn wir um dieses Erbeil des nordischen Menschen in unserem Blut Streit erheben, einander vergleichen und abschätzen, höher oder geringer bewerten. Wenn der eine auf seine äusseren Rassenmerkmale pocht, sich über den Volksgenossen erhebt, bei dem diese zu fehlen scheinen, oder der deutlich Kennzeichen anderer (etwa der ostischen, dinarischen usw.) Rassen an sich trägt, mit der Behauptung: „Was wollt ihr anderen? Ich bin der nordische Typ, der eigentliche Erbe schöpferischer Rasse.“ Freilich ebenso töricht auch der andere, der im Gefühl seiner vermeintlichen Minderwertigkeit nun zu hadern beginnt mit dem Rassegedanken überhaupt: „Ihr mit euerem nordischen Menschen! Was soll uns das? Reisst ihr nicht mit solcher Lehre Klüfte auf zwischen den Kindern eines Volkes? Waren wir nicht unbefangener und glücklicher, als wir uns noch alle, ob blond und dunkel, lang- oder kurzschädig, braun- oder blauäugig, einfach als Deutsche verstanden und vertrugen?“

Nein, ihr schmäht zu Unrecht den Rassegedanken als Bringer der Zwietracht. Nicht er selbst, nur seine falsche Auslegung verführt hier zu Prahlerei, dort zu Missmut und Bitterkeit. Und fand der Deutsche nicht seit jeher Gründe uneins zu sein, so dass diese Verirrung nur die Abwandlung einer alten Unart erscheint? Träte das Urbild des nordischen Menschen aus der zeitlosen Tiefe seines Bestandes mitten unter uns, es spräche wohl wie der Ahn: „Der ist mein echter Erbe, in dessen Blut mein Wille lebt. Nicht an äussere Zeichen sollt ihr euch verhaften, sondern durch innerste Lauterkeit und Zucht eures Lebens dessen adelige Herkunft erweisen. Und dies in der glücklichen Ueberzeugung, dass ihr damit nichts Unerreichbares beginnt, sondern nur entfaltet und steigert,

was als natürliches Erbteil jedem Deutschen ein- und mitgeboren ist."

Und wie geschieht solche Entfaltung?

Wie alle Entfaltung, sei es bei Knospe, Ei, Schmetterling oder Menschenseele, durch Freimachen von umschürender Hülle, Durchbrechen des unfertigen Zustandes, Wagnis zu neuerer höherer Form.

Und das Bild dieser höheren Form?

Ist das Hochbild des nordischen Menschen. Hart, wie der den Horizont zerschneidende Mast des Schiffes, steil, wie der im Zenit strahlende Stern, zieht es Auge und Willen an sich, aufwärtsbannend und -bildend. Und in solcher Gemeinsamkeit des Aufblicks nicht trennend, sondern vielmehr willensmächtig zur Einheit verbindend alle Deutschen eines Schauens und Wollens. Eine Idee, ein Ideal, wenn man will. Und doch weit mehr. Tausendmal Fleisch und Blut geworden im Stromgang deutscher Geschichte, heute allsichtbare Wirklichkeit in der lebendigen Gestalt des Führers und seiner Gefolgschaft. Und das sei die Probe auf dein Bluterbe:

Soviel Kühnheit, Ehre, Opferwille, Gemeinschaftsgeist, Treue und Arbeitsernst dir innewohnt, oder mit einem Wort: so weit und so tief du Nationalsozialist bist, soviel nordisches Blut ist dein Teil.



Ein kinderreiches Haus vor 100 Jahren

Eine Anregung für das Familienbuch

Meine Mutter, heute Grossmutter von sieben Enkelkindern, schickte mir folgenden Bericht für unsere Familienchronik:

In dem Weserstädtchen V. wuchs damals in der Kinderstube des jungen Amtmannes ein gesundes, blühendes Kindervölkchen heran. Als sogar einmal in der Spanne eines Jahres drei Kinder geboren wurden (dem ältesten Jungen folgte nach elf Monaten ein Mädchenzwillingspaar), da soll allerdings meine Mutter oft mit Tränen ihr Tagewerk begonnen haben, weil die Last zunächst für sie recht schwer war. Die mehr zarte als robuste junge Frau stammte aus einem alten hessischen Pfarrergeschlecht, und Heiterkeit des Gemütes, eine seltene Herzensgüte und Sanftmut wurden ihr nachgerühmt. So war sie die glückliche Ergänzung ihres strengen, ersten Mannes, der unsere achtköpfige kleine Schar in guter Zucht hielt.

Der Lebensstandard, wie man heute sagt, der jungen Familie war spartanisch einfach, und der junge Amtmann soll von seinen 600 Talern Jahresgehalt die Hälfte zurückgelegt haben. Durch eigene Bedürfnislosigkeit und strengste Sparsamkeit im Haushalt haben diese Eltern, als sie 83- und 84jährig starben, ihren Kindern ein Vermögen von 180.000 Mark hinterlassen. Dieses sauer ersparte Vermögen des sorgsamsten Vaters ist freilich dann in der Kriegs- und Inflationszeit verweht wie Spreu im Wind. Was sich aber erhalten hat durch ein Jahrhundert hindurch, das ist das kostbare Erbe, das die Mutter besonders ihrem jüngsten Kinde, meiner Mutter, mitgegeben hat, ihr echt frauliches, feines Wesen, ihre Sanftmut und unendliche Herzensgüte. Noch heute leuchtet das auf bei mancher Enkelin und mancher der vielen Urenkelinnen nicht nur im deutschen Lande, sondern auch drüben in Südafrika, wo zwei Zweige unseres Familienstammes sich entfalten. Das Gelderbe ist zerronnen, das Erbe des Blutes spüren dankbar viele Enkelkinder in sich.

Manche Einzelheiten geben ein lebendiges Bild von diesem kinderreichen Haus. Die Kleidung war denkbar einfach. Im Herbst wurden alle abgetragenen Wollkleider und Stricksachen jeder Art in eine Weberei geschickt, wo sie zu einem warmen Kleiderstoff verarbeitet wurden. Aus diesem grauen derben Zeug wurden die Habitchen für alle Kinder, Jungen wie Mädchen, geschneidert. Um den Sonntagskleidern aber doch etwas Glanz zu verleihen, bekamen sie einen schwarzen Samtaufsatz auf die Ärmel und ein weisses Krägelchen um den Halsausschnitt.

Bei dieser kaum glaublichen Sparsamkeit in der Lebensführung hat der Vater doch später keine Kosten gescheut, um seinen Kindern eine gediegene Ausbildung zu geben. Die Söhne studierten Rechtswissenschaft, und die Töchter besuchten in Kassel die sogenannten höheren Privatschulen.

So schlicht wie die Kleidung der acht Kinder, so einfach war auch die Ernährung. Fleisch und Butter waren knapp, aber in überströmender Fülle spendete der Garten der Kinderschar das herrlichste Obst. Zwei-, drei-

mal am Tag bekam die kleine Bande das selbstgekochte Zwetschengenuss als Brotaufstrich und ausserdem Äpfel und Birnen, soviel die Mägen fassen konnten.

Ob den acht Kindern aus diesem Obstreichum die lebenskräftigen Säfte zugeströmt sind, die zu der von den Eltern ererbten, köstlichen Gesundheit noch hinzukamen? Jedenfalls haben die meisten dieser acht Kinder ein hohes Alter erreicht — ungeachtet



Müttererholungsheim im Reich. — Unser Bild zeigt einen Blick in den täglichen Aufenthaltsraum des Erholungsheimes. Hier sind die Mütter mit Heimarbeiten beschäftigt.

Frauenpflicht und Gesundheitspflege

Frauen und Mädchen, die ihr Mütter seid und es sein werdet. Aus eurem Leibe und eurem Geiste wird das kommende Geschlecht erwachsen, und von der Kraft eures leiblichen und seelischen Wesens wird es abhängen, ob eure Nachkommenschaft stark, froh, stolz und kampffähig in der Welt dastehen wird oder nicht. An eurem guten Geist zweifle ich nicht, aber der beste Geist erlahmt im kranken Körper. Darum gebe ich kurz an, was zur Erhaltung der Gesundheit hiezulande nützt.

Reinhaltung des Körpers ist eine ihrer Grundbedingungen. Wasche deinen Körper täglich mit Wasser und Seife. Auch in der einfachsten Wohnung ist leicht ein Duschbad herzurichten: in eine Benzinlatte Löcher einbohren und sie zum Hochziehen einrichten. Einer steht darunter, ein anderer füllt die Latte mit Wasser. — Spült den Mund und gurgelt nach dem Essen, putzt morgens und abends die Zähne mit Bürste. Sorgt, dass der Stoffwechsel in Ordnung ist. (In diesem Klima noch viel wichtiger als in Europa.)

Richtige Ernährung ist eine weitere Grundlage der Gesundheit. Esst neben dem Fleisch reichlich Gemüse und Obst und gekochtes Obst. Trinkt reichlich; aber gar nicht oder nur selten und wenig geistige Getränke, dafür Zitronenwasser und dünnen Mate. Kocht das Trinkwasser lieber ab.

Welche sind nun hiezulande die häufigsten bösen Krankheiten, die euch bedrohen?

Die Wurmkrankheit, die Blutrühr, der Typhus, die Diphtherie, der Wundstarrkrampf, die Malaria (Wechselfieber), die Tuberkulose, der „Bicheiro“ (Wurmbildung), die Pocken.

Wie äussern sich diese Krankheiten?

Wurmkrankheit bringt ständige Müdigkeit, fortschreitende Blutarmut, häufige Schwindelanfälle.

Blutrühr macht heftige Leibscherzen, Durchfall mit Schleim und Blut, Stuhlzwang auch nach der Entleerung, Fieber, schneller Kräfteverfall.

Typhus, anfangs schwer zu erkennen, beginnt mit Mattigkeit, Niedergeschlagenheit, Kopfweh, Gliederschmerzen und langsam ansteigendem Fieber, das nach 10—14 Tagen über 39 Grad geht und hochbleibt. Oft gar kein Durchfall.

Diphtherie: Halsweh, rauher Husten, Fieber, auf den Mandeln zusammenhängende graue Häute.

Wundstarrkrampf (Tetanus): anfangs Steifigkeit in den Kaumuskeln. (Dann noch Möglichkeit zur Heilung.) Später Krampfanfälle und Steifigkeit am ganzen Körper.

Malaria (Wechselfieber): Fieberanfälle mit Schüttelfrost alle 3—4 Tage. Zwischen den Anfällen kein Fieber.

Tuberkulose: Langdauernder Husten und

und trotz des für unsere Begriffe unerhört unhygienischen, einzigen Taschentuches, das in dieser Kinderstube vor hundert Jahren in einer Tasche an der Wand bereit lag zu Nutz und Frommen aller acht Kindernäsen!!! — Dieses Gemeinschaftsschnupftuch ausgenommen, könnte dies kinderreiche Haus in seiner soliden Einfachheit und Schlichtheit der heutigen Generation Vorbild und Ansporn sein.

I. Fr.

Vom Anfang zum Ende

Kein Leben, das ohne Pflicht ist,
Kein Alter, das ohne Verzicht ist,
Keine Jugend, die ohne Not ist,
Kein Ende, das ohne Tod ist.

Wie wir es tragen, das eine, das andre,
Macht es uns groß oder klein,
Über vom Anfang zum Ende
Wird das Schönste und Schwerste
Die Liebe sein.

Paula Klein-Bynands.

Geschirren, Fässern herumstehen. Wöchentlich einige Löffel Petroleum auf sumpfige Wasserstellen gegossen, hindern das Wachsen der Moskitos.

Wurmbildung (Bicheiro) in Nase oder Ohr. Schliesst fließende Ohren mit Wattepfropfen am Ohreingang. Deckt beim Schlafen fließende Nasen mit Gaze zu (zum Schutz gegen grüne Fliegen).

Pocken: Schutzimpfung! Bei Pflege eines Pockenkranken nach allen Handreichungen Waschen mit Kreolinlösung. Wäsche kochen.

Allgemeine Anweisungen: Eure Wasserstellen legt höher an als eure Latrinen und möglichst entfernt von diesen.

Fliegen sind eure schlimmsten Feinde. Gegen diese und Moskitos schützen euch Drahtfenster.

Gegen Typhus gibt es wirksame Schutzimpfung, auch gegen Starrkrampf, rechtzeitig angewandt. — Vorsicht mit ungekochtem Wasser! — In allen Fällen frühzeitig zum Arzt gehen.

Vater ist auf Urlaub gekommen. Natürlich hat sich das ganze Familiengeschwader zu seinem Empfang auf dem Bahnhof eingefunden. Nachdem der erste Begrüssungssturm vorüber ist, kommt endlich ein anwesender kleiner Pimpf zu Wort:

„Knoke, Vata, dette wieda da bist, mir war et schon manchmal direkt unanjehm, als Mann von Muttan vahau'n zu werden!“

Schmunzelnd entgegnete da der feldgraue Haushaltungsvorstand: „Na, tröste dir, mein Junge, solange ich hiar bin, krichste de Keile wieda von mir!“

Frau Gädike hat das Schlafzimmer verdunkelt und ist dabei nicht gerade sparsam mit Reissnägeln umgegangen. Als Herr Gädike zu Bett gehen will, tritt er sich einen der Reissnägeln in den Fuss. Wutentbrannt brüllt er: „Glaubst du vielleicht, du hast einen Fakir geheiratet?“

An der Feldküche fragt der Kommandeur einen Mann nach seinem Beruf.

„Schlossmeister!“

„Wie kommen Sie denn da zur Feldküche?“

„Ich verarbeite die eisernen Portionen, Herr General!“

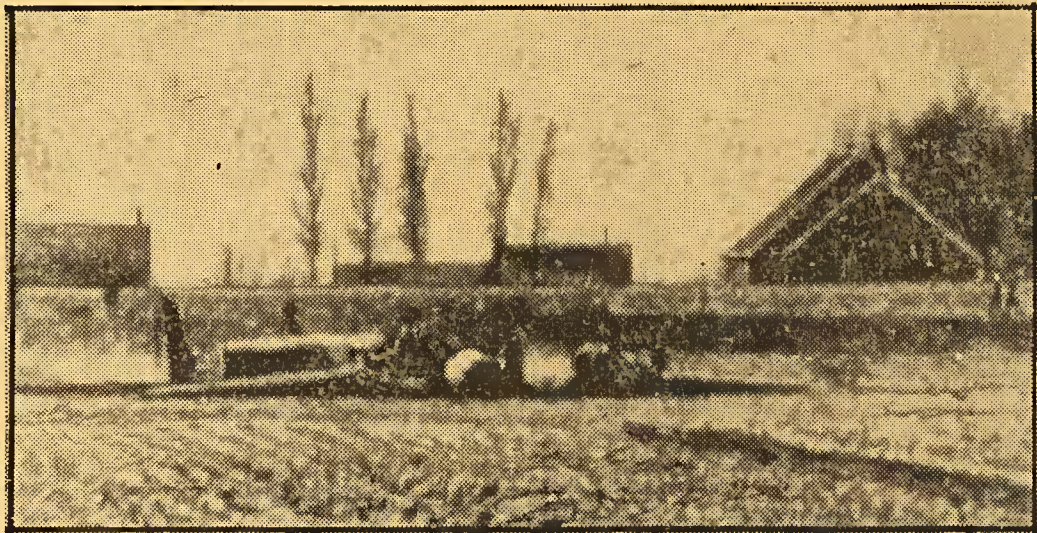
Jedes irdische Ding hat seine bestimmte Abteilung im Himmel. Auch die Flugzeuge. So kamen dieser Tage 12 englische Flugzeuge im Himmel an und begehrten Einlass. Petrus öffnete. „Wer seid ihr?“ fragte er. — „Zwölf abgeschossene englische Flugzeuge.“ — „Schwindler seid ihr! Hier ist der neueste englische Heeresbericht. Nach ihm ist seit Kriegsbeginn erst ein einziges englisches Flugzeug abgeschossen worden.“

Hierüber lacht Deutschland



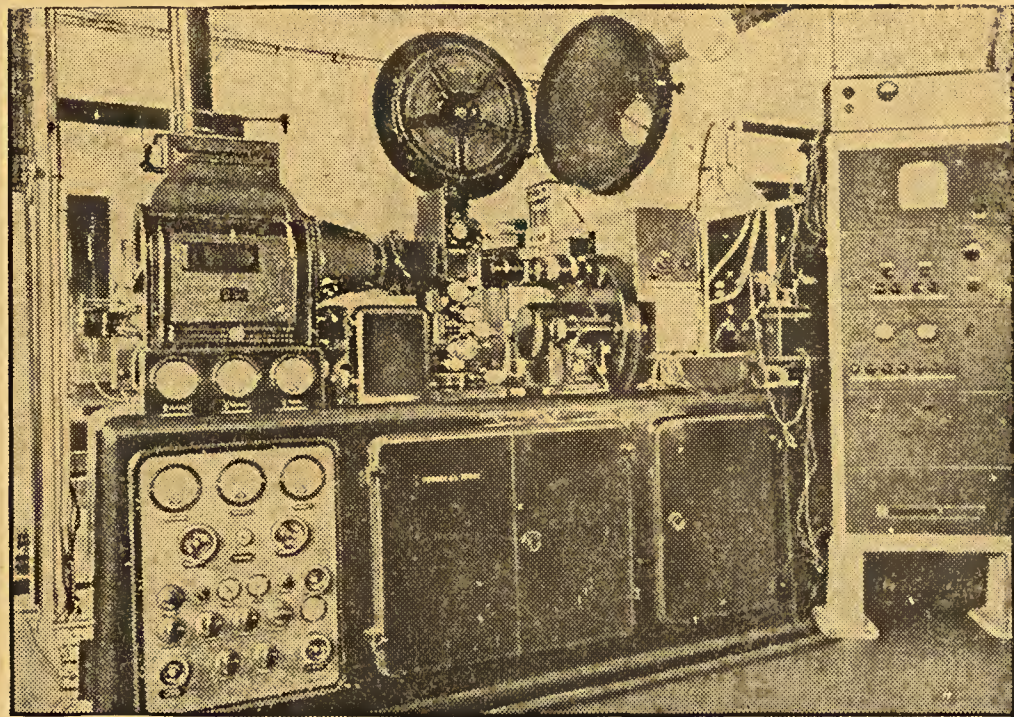
Die Hamsterer: „Man kann gar nicht so viel essen, wie es auf Brotkarte gibt.“

Os holandeses abateram um bombardeiro britânico. — Dous aviões de caça neerlandezes derrubaram sobre a ilha holandesa de IJssel Monde um avião de bombardeio britânico tipo Blenheim que, como de habito, havia violado a neutralidade da Holanda. Os tiros de aviso dos aviadores holandeses foram respondidos pelos ingleses por meio de salvas disparadas pelas metralhadoras. Deante disso, os aviões de caça neerlandezes fizeram fogo cerrado contra o bombardeiro inglez, numa altitude de 400 metros, abatendo a machina depois dos primeiros tiros. O cliché reproduz o aparelho inglez que se espatifou de encontro ao solo, sendo completamente devorado pelas chaminas.



Holländer schossen britischen Bomber ab. — Zwei holländische Jagdflugzeuge schossen über der holländischen Insel IJssel Monde einen britischen Blenheim-Bomber ab, der in gewohnter Weise die holländische Neutralität verletzte. Die Warnschüsse der Holländer erwiderten die englischen Flieger durch Maschinengewehrsalven. Daraufhin nahmen die holländischen Jagdflugzeuge den Bomber in 400 m Höhe unter Feuer, der nach den ersten Schüssen in Flammen stand und auf dem Boden völlig ausbrannte. Unser Bildtelegramm zeigt die vernichtete englische Maschine.

A televisão comemora seu primeiro lustro. — Em 17 de março de 1935, installou-se na Alemanha o primeiro aparelhamento de televisão para exibições publicas. O cliché apresenta o conjunto completo dos aparelhos de um emissor cinematographico.



Fünf Jahre Fernsehen. — Am 17. März 1935 wurde in Deutschland der erste öffentliche Fernsehbetrieb eingerichtet. Unser Bild zeigt die Apparatur eines Kinosenders.

Dr. Todt, ministro de Armamentos e Munições da Alemanha.



Der Reichsminister für Bewaffnung und Munition Dr. Todt.

O encontro no Brenner.

O Duce.



Der Duce.

O Fuehrer.



Der Führer.

Der zurückgetretene Marschall der englischen Luftstreitkräfte, Sir Edward Ellington.



Sir Edward Ellington, marechal demissionario das forças aéreas britannicas.

O Commandante em Chefe do Exército Alemão iniciou há 40 anos, isto é, a 22 de março de 1900, sua carreira militar, como tenente, no regimento n. 2 de granadeiros da guarda. O cliché apresenta-nos o general von Brauchitsch em seu gabinete de trabalho.



Der Oberbefehlshaber des Heeres 40 Jahre Soldat. — Vor 40 Jahren, am 22. März 1900, begann die militärische Laufbahn des Leutnants von Brauchitsch, im Garde-Grenadier-Regiment Nr. 2, die bis zum Generaloberst und Oberbefehlshaber des Heeres führte.

Um giro por uma fabrica de munições alemã.

Examinando o som dos cartuchos de granadas. — Trata-se de um trabalho importante que consiste em determinar a excellencia do acabamento do envolucro externo da granada.



Ein Rundgang durch eine Heeres-Munitionsanstalt

Der Ton gibt Auskunft. — In dem langen Arbeitsgang der Granathülse spielt die Prüfung auf fehlerloses Material nach dem Klang durch Anhämmern eine wichtige Rolle.

Cartuchos velhos são aproveitados de novo, depois de repassados, tratados a acido e repolidos.



Alte Kartuschen sind durch Reinigen, Ausbeulen und Aetzen wieder verwendungsfähig gemacht worden und werden zur Weiterverarbeitung gelagert.



A' esquerda:

Da feira de Leipzig. — Em cima: A lata de lixo moderna possui um recipiente à parte para os resíduos culinários que são encaminhados ao serviço auxiliar de alimentação para a engorda de suínos. — Em baixo: O disco de longa duração contém oito peças musicais ao invés de duas. Externamente não se nota nenhuma distinção. O disco abriga „mais sons nas gravações", razão por que tem de girar mais lentamente.

Links:

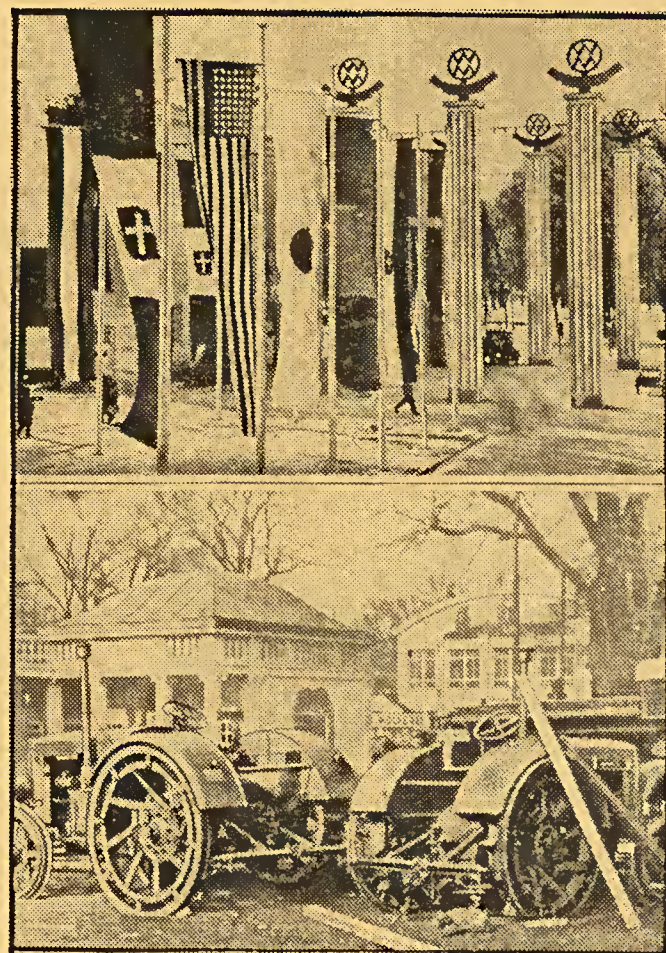
Von der Leipziger Messe. — Oben: Der zeitgemässe Mülleimer hat einen besonderen Einsatz für Küchenabfälle, die dem Ernährungshilfswerk zur Schweinefütterung zugeführt werden. — Unten: Die Langspielplatte enthält acht Musikstücke statt zweien. Aeusserlich ist kein Unterschied zu sehen. Sie hat „mehr Töne in den Rillen" und muss daher langsamer laufen.

A' direita:

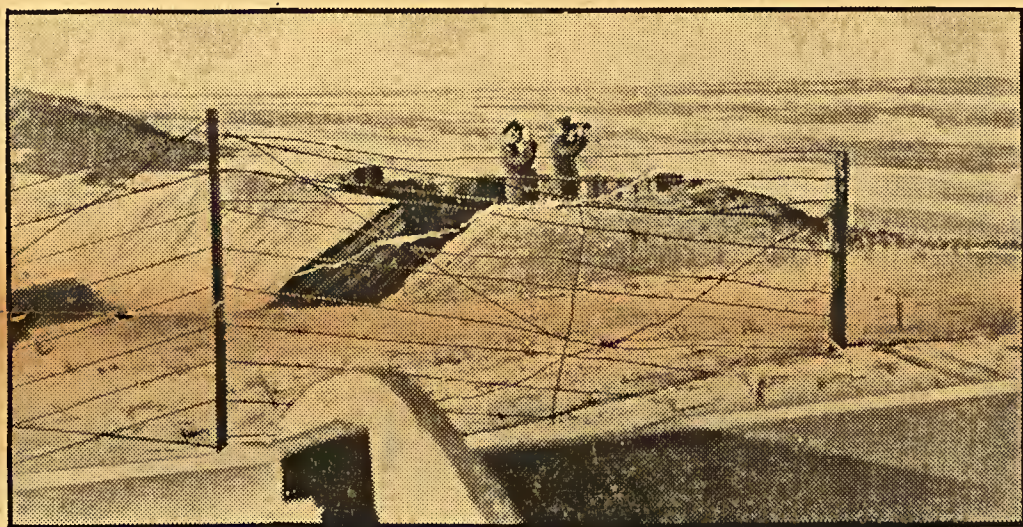
A força económica inquebrantável da Grã-Alliança. — A' entrada da Feira de Viena, há pouco realizada, tremulavam os pavilhões dos países neutros. A Feira, em que foram expostos automóveis e motocicletas, era, em primeira linha, uma mostra estimuladora da exportação. Grande interesse foi despertado, outrossim, pela exposição de máquinas agrícolas.

Rechts:

Ungebrochene Wirtschaftskraft Grossdeutschlands. — An den Eingangstoren der unlängst durchgeführten Wiener Messe mit der Auto- und Motorradschau flattern die Fahnen des neutralen Auslandes. Die Messe war in erster Linie eine Exportschau. Auch eine Schau landwirtschaftlicher Maschinen fand grosses Interesse.

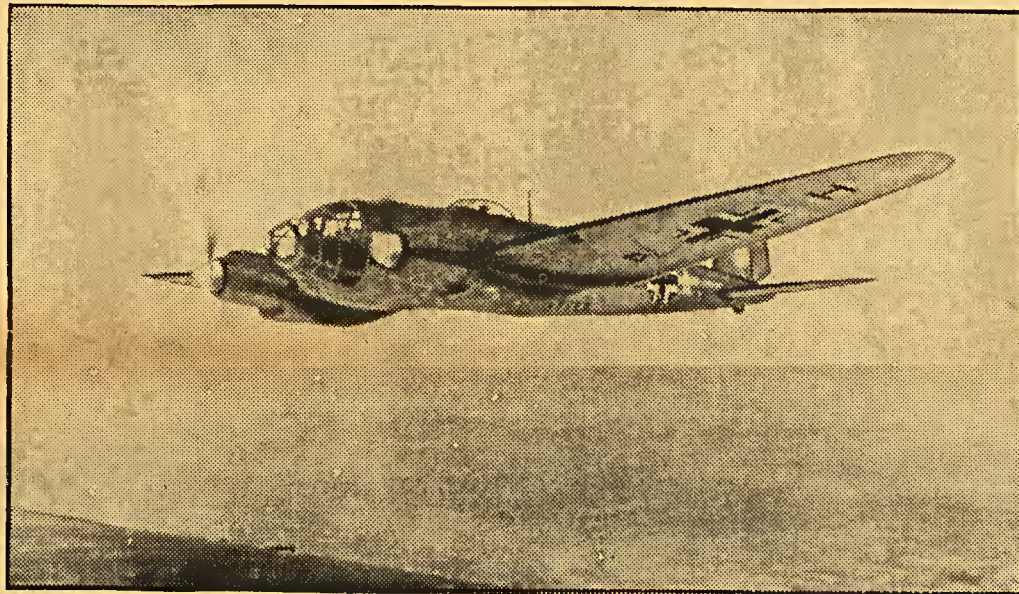


Sentinellas avançadas no Mar do Norte. — Qual mole protectora estendem-se ao longo das costas da Alemanha as fortificações destinadas a suffocar no nascedouro qualquer agressão por parte do inimigo. Assim fracassaram, graças ao fogo destruidor anti-aéreo alemão também os raides dos ingleses sobre a ilha de Sylt. O cliché apresenta sentinelas alemãs perscrutando, vigilantes, o Mar do Norte.

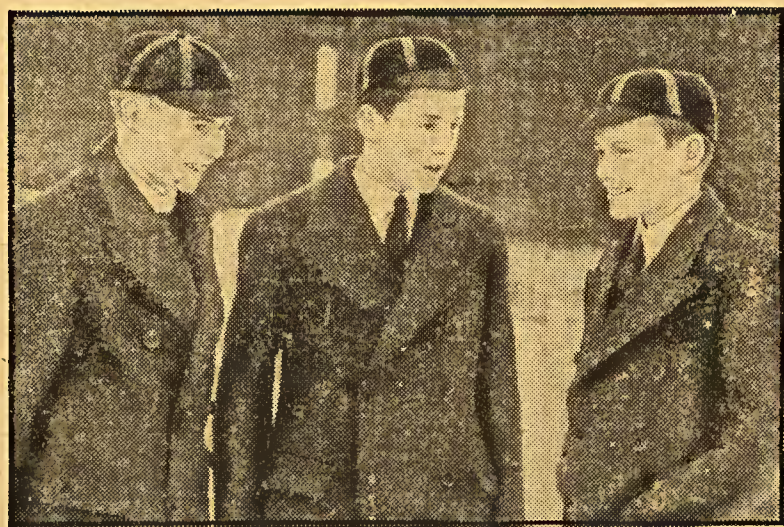


Auf Posten an der Nordsee. — Wie ein sicherer Wall ziehen sich an Deutschlands Küsten die Befestigungen entlang, um jeden feindlichen Ueberfall schon im Keime zu ersticken. So sind auch die britischen Luftangriffe auf der Insel Sylt im Vernichtungsfeuer unserer Flak gescheitert. Unser Bild zeigt Posten an der Nordseeküste.

Aviões de bombardeio Heinkel He 111. — Cabe aos bombardeiros Heinkel He 111 a tarefa de atacar objectivos militares inimigos, destruindo-os por meio de lançamento de bombas. Vemos aqui um He 111 em pleno voo.



Kampfflugzeug Heinkel He 111. — Das Kampfflugzeug Heinkel He 111 hat die Aufgabe, feindliche militärische Ziele anzugreifen und durch Bombenabwurf zu zerstören. Unser Bild zeigt eine He 111 im Fluge.



Abaixo:

Navio-tanque russo ao entrar no porto de Dantzig.

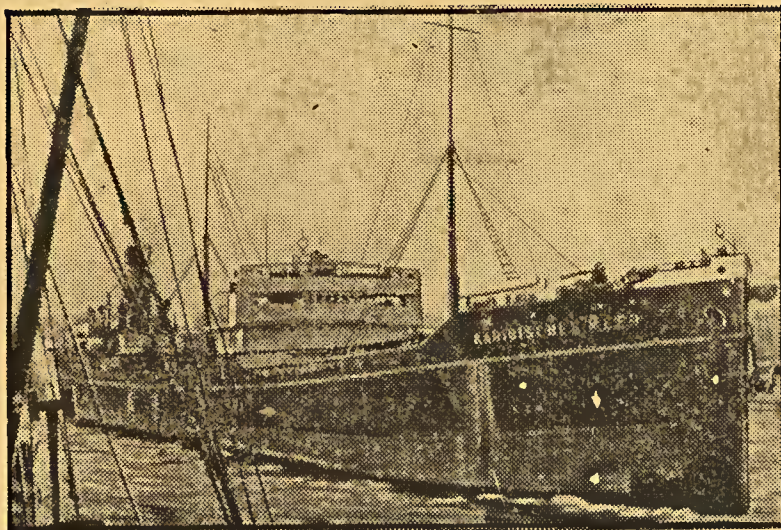
Unten:

Oeltransporter aus der Sowjet-Union in Dantzig angelauten. — Der russische Oeltransporter bei seinem Einlaufen in Dantzig.



O filho do general Ironside, depois de haver percorrido a linha Maginot. — Temos aqui o filho do chefe do Estado Maior britânico, general Ironside, comunicando a companheiros do collegio as impressões trazidas de sua visita à linha Maginot. Como se sabe, a viagem do collegial de 16 annos à zona do front provocou a maior indignação e excitação mesmo em círculos ingleses, dada a circunstância de que são vedadas viagens urgentes de commerciantes britannicos à França. Edmund Ironside é o rapaz à direita na photographia reproduzida.

Der Sohn Ironsides nach der Besichtigung der Maginotlinie. — Hier berichtet der Sohn des britischen Generalstabschefs General Ironside seinen Schulkameraden über seine Eindrücke von seinem Besuch der Maginotlinie. Bekanntlich hatte die Reise des 16jährigen Schuljungen in die Frontgebiete grosse Empörung und Erregung sogar in britischen Kreisen gefunden, angesichts der Tatsache, das dringende Reisen britischer Geschäftsleute nach Frankreich untersagt wurden. Edmund Ironside ist auf unserem Bild rechts zu sehen.



Aproveitamento dos restos de cozinha. — Vemos aqui um vehiculo-collector de tipo unitario construido em cooperação entre o Serviço Auxiliar de Subsistencia da Obra de Socorro de Inverno e a União dos Artífices Marceneiros e de Carrosseria do Reich. As pessoas encarregadas da collecta dos residuos de cozinha vão com esses vehiculos, construidos com o menos possivel de ferro, de porta em porta, recolhendo as sobras que se destinam à alimentação de suínos.

Für die Erfassung der Küchenabfälle ist in Zusammenarbeit des WHW, Ernährungshilfswerks mit dem Reichsinnungsverband des Stellmacher- und Karosserie-Handwerks ein Einheitssammelkarren hergestellt worden. Die Sammler gehen mit diesen eisernarm konstruierten Einheitshandwagen von Haus zu Haus um die in Bottichen gesammelten Küchenabfälle auf dem Wagen zu einer Sammelstelle abzufahren.

HELMUT ANDRÄ, NITEROI:

Menschenhandel und Seeherrschaft

ENGLAND UND DER SKLAVENHANDEL - ERLÄUTERT AM BRASILIANISCHEN BEISPIEL (1800—1860)

(Schluss)

Der Menschenhandel war natürlich nach Ablauf der dreijährigen Frist nicht eingestellt, hatte vielmehr an Umfang gewonnen. Man wandte tausenderlei Listen und Vorsichtsmaßnahmen an, benutzte kleinere und schnellere Schiffe und umging die Gesetze auf allen möglichen und unmöglichen Wegen. Vor allem arbeitete das englische Kapital in diesem Handel, wie selbst der britische Mini-

ster in Rio eingestehen musste. Ab 1830 konnte England nach dem Abkommen den Sklavenhandel als Piraterie behandeln, dieses Recht durfte aber, nach einer Bestimmung von 1817, die 1826 mit übernommen worden war, nicht in brasilianischen Häfen oder Buchten oder innerhalb eines Küstenstreifens von der Breite der Reichweite einer Landbatterie ausgeübt werden. Daran hielt sich Albion aber nicht im entferntesten.

war, dass England auch während der ganzen Geltungsdauer des Vertrages das für den Fall der Nichterfüllung vorgesehene Recht der Gleichsetzung von Sklavenhandel und Piraterie ausgenützt und überschritten hatte. Brasilien war jedoch nach Calogeras seinen Verpflichtungen nicht nachgekommen. „Lord Aberdeen“, schreibt er, „befand sich deshalb vollständig im Recht, wenn er Massnahmen ergriff, diesen Skandalen ein Ende zu bereiten... Auf der Seite Englands befanden sich die Humanität, der christliche Geist, die Vernunft, die Seele aller derer, die denken und fühlen.“ Und er findet es fast verwunderlich, wenn Brasilien solch edlen Motiven noch Rechtsgründe entgegensetzt. Wut und Hass löste das Gesetz in Amerika aus, und der Sklavenhandel erreichte in den nächsten Jahren den zwei- bis dreifachen Umfang gegen die vorhergegangene Zeit. Ohne die ständigen englischen Eingriffe wäre er wohl in den Jahrzehnten nach der Unabhängigkeitserklärung durch spontane Massnahmen der Brasilianer und ihrer Regierung bedeutend zurückgegangen. Dabei befanden sich nur wenige Brasilianer unter den Sklavenhändlern, es waren in der Hauptsache Portugiesen, hinter denen sich wieder englische Kapitalisten verbargen. In Rio zählte man 1850 unter 38 oder 39 Händlern 19 Portugiesen. Im selben Jahre gaben Palmerston und Aberdeen den britischen Geschwadern Befehl, selbst in brasilianischen Territorialgewässern, in brasilianischen Häfen und unter den Rohren seiner Festungen brasilianische Schiffe anzuhalten und aufzubringen. Das musste bewaffnete Zusammenstöße unvermeidbar machen. Sie blieben auch nicht aus, wie z. B. in Paranagua.

Am 29. Juni 1850 hatte der englische Kreuzer „Cormorant“ unter Befehl des Kapitäns Hubert Schumberg eine Galeere und drei Brigantinen bis in den Hafen von Paranagua verfolgt, in dem sich noch weitere Sklavenschiffe aufhielten. Die Brigantinen „D. Anna“ und „Sereia“ sowie die Galeere „Campeadora“ wurden aufgebracht. Der Kommandant der Brigg „Astro“ fasste, um mit seiner schwarzen Ladung der Gefangenschaft zu entgehen, einen unmenschlichen Entschluss: er versenkte das Schiff. Schumberg richtete an den Kommandanten von Paranagua ein Schreiben, dessen Annahme dieser ebenso wie andere Amtspersonen verweigerten. Die Jugend von Paranagua beabsichtigte zusammen mit den Besatzungen der weggenommenen Schiffe die Brasilien angetane Schmach zu rächen. Am Morgen des folgenden Tages landeten die improvisierten Krieger auf der Ilha do Mel und stellten sich dem Festungskommandanten zur Verfügung. Als der „Cormorant“ mit den brasilianischen Schiffen „Anna“, „Sereia“ und „Campeadora“ am Ausgang der Barra erschien, schickte ihm der Kommandant eine Schaluppe mit einem Sergeanten entgegen, Schumberg eine Botschaft zu überbringen, die besagte, der Festungskommandant habe Auftrag von seiner Regierung, den Engländer nicht mit den brasilianischen Schiffen auslaufen zu lassen und notfalls zur Verhinderung das Feuer zu eröffnen. Der Sergeant kam aber nicht dazu, sein Schreiben zu überreichen; seine Schaluppe wurde mit einem blinden Schuss empfangen und drehte um. Gleichzeitig wurde die Festung mit Granaten und Kugeln belegt, Kaliber 80 und 36. Der Kampf begann.

Alle Geschütze der Festung und des englischen Kreuzers feuerten 30 Minuten lang,

dann befand sich der Brite ausserhalb des Feuerbereichs und ankerte in der Enseada das Conchas, wo er Schäden ausbesserte, die Galeere „Campeadora“ bemannte, die beiden Brigg verbrannte und dann mit der Prise seine Fahrt fortsetzte (nach Romario Martins, Historia do Parana, S. 334—337). Wenige Monate nach diesem Vorfall (am 4. September 1850) erliess die brasilianische Regierung ein Gesetz, das die Ausrottung des Sklavenhandels in verhältnismässig kurzer Zeit zur Folge hatte. Beinahe wäre es noch im letzten Augenblick wegen der durch Vorgänge wie in Paranagua hervorgerufenen Empörung gescheitert, da man nicht den Eindruck erwecken wollte, unter der Drohung der englischen Schiffgeschütze gehandelt zu haben. Mit einer bisher in Brasilien uner-

hörten Folgerichtigkeit und Tatkraft wurde das Gesetz, taub gegen alle Beziehungen und Verbindungen, gegen Bestechungen und Drohungen, ohne Ansehen der Person und Stellung durchgeführt. Das hatte Britannien wohl nicht erwartet; der gefälligste Anlass zu ständigen Uebergriffen und Einmischungen in innere Angelegenheiten, zur Missachtung der brasilianischen Hoheitsrechte war ihm genommen. Die jahrzehntelange Aufregung über den Briten ebte ab, wenn sie auch 1861 noch einmal wild aufloderte, infolge der Auswirkungen zweier Ereignisse, die in die brasilianische Geschichte als Questão Christie eingingen und mit deren kurzen Skizzierung wir unsere Schilderung der Geschichte des brasilianischen Sklavenhandels im 19. Jahrhundert schliessen wollen.

An der Küste von Rio Grande do Sul war 1861 das englische Handelsschiff „Prince of Wales“ gestrandet. Die Ladung wurde gestohlen; die Schuldigen flohen über die nahe Grenze. Der britische Vertreter in Rio, William Douglas Christie, gab sich mit der Versicherung der brasilianischen Regierung, die nötigen Massnahmen zur Bestrafung der Schuldigen würden ergriffen, nicht zufrieden und forderte Schadenersatz und Anwesenheit eines englischen Agenten bei den Verhandlungen. Brasilien hingegen lehnte die Verantwortung für Verbrechen, die in einer unbewohnten Gegend erfolgten, ab wie auch die Teilnahme eines Engländers an den Verhandlungen, da dies den brasilianischen Gesetzen widerspreche.

Der zweite Zwischenfall ereignete sich im Juni 1862. Drei Offiziere der englischen Fregatte „Ford“ hatten auf dem Rückwege von einem Ausfluge nach Tijuca unter dem Einfluss von Alkohol mit der Schildwache einer Polizeistation Streit begonnen und schliesslich versucht, mit Gewalt in das Gebäude einzudringen. Es kam nun zu einer Kampelei, und die drei Ruhe- und Ordnungstörer, die Zivil trugen, wanderten in das Gefängnis. Nachdem man aber in ihnen Offiziere erkannt hatte, wurden sie auf Ersuchen der englischen Behörden sofort in Freiheit gesetzt. Christie aber protestierte und forderte von der brasilianischen Regierung Satisfaktion. Ein Notenwechsel setzte ein, in dessen Verlauf Christie immer herausfordernder wurde, bis Rio erklärte, es werde sich durch seinen Botschafter in London mit der englischen Regierung verständigen. Christie bestand nicht nur auf seinen Forderungen, sondern wies auch den Admiral Warren an, Repressalien zu ergreifen und Eigentum brasilianischer Untertanen zu beschlagnahmen. Fünf Küstenhandelsschiffe wurden daraufhin aufgebracht und nach der Enseada das Palmas verschleppt. Nur schwer konnten die Behörden die Ordnung in Rio aufrecht erhalten und einen Sturm auf die britische Legation verhindern. Unter Protest zahlte

Mitten in brasilianischen Häfen, im Angesicht der brasilianischen Befestigungen, unter den Mündungen seiner Geschütze wurden brasilianische Schiffe angehalten, durchsucht und aufgebracht.

Ja, man ging so weit, in brasilianischen Gewässern ein englisches Gefängnis einzurichten, in das Brasilianer eingeliefert wurden, von denen man einige nach der Kap-Kolonie weiter verschleppte. Von einem gewissen Zeitpunkt an erfuhr die Mannschaft der in brasilianischen Gewässern aufgebrachten Schiffe das gleiche Schicksal! Moraes berichtet: „Ein Fall unter Dutzenden. In der Bucht von Rio de Janeiro wurde im April 1839 João Soares de Bulhões, der mit seiner Familie auf der Dampffähre von Paqueta kam, durch Schüsse getötet, die von der englischen Kriegsbrigg „Ganges“ ausgingen. Und das unter dem Vorwand der Bekämpfung des Sklavenhandels!“

Alle Fälle von aufgebrachten Schiffen sollten eigentlich nach dem Vertrag vor eigens

dafür eingesetzten Sklaventribunalen in Rio de Janeiro und Serra Leoa (Afrika) verhandelt werden. Es kam aber für Brasilien so ziemlich auf dasselbe hinaus, ob man sich daran hielt oder nicht. Hören wir Calogeras. „Es waren zwei Tribunale eingesetzt worden, in Serra Leoa (Afrika) und in Rio de Janeiro; im Herkunftsland der Neger gelegen, erhielt das erste mehr Prozesse über Beschlagnahme von Sklavenschiffen zugewiesen. Dort wurde die Frage der Gesetzmässigkeit des Vorgehens der Kriegsschiffe und der Beschlagnahme geprüft. Ein brasilianischer Kommissär hatte an den Sitzungen des Tribunals teilzunehmen; aber der Beamte war in der Mehrzahl der Fälle abwesend. Selbst so wurden verschiedene Prisen als ungesetzlich erklärt und die Entschädigung verhängt.

Ungeachtet der wiederholten dringenden Vorstellungen Brasiliens um Bezahlung der geschuldeten Summen und Rückgabe der Schiffe, sind Rückgaben und Bezahlungen nie erfolgt,

trotz der Tatsache, dass das eigene englische Gericht von sich aus die Unbesonnenheit und Ungesetzlichkeit des unbeschreiblichen Vorgehens der englischen Kreuzer verurteilt hatte.“

Sowohl nach brasilianischer als auch englischer Auslegung des Vertrages von 1826 würde das Recht zum Anhalten und Durchsuchen der brasilianischen Schiffe durch britische Einheiten am 13. März 1845 erlöschen, weshalb der brasilianische Aussenminister am Vortage der Regierung von London entsprechende Mitteilung machte. Was würde Grossbritannien tun? Schon lange hatte es die brasilianische Regierung erfolglos bearbeitet, einer Erneuerung des entwürdigenden Vorrechtes zuzustimmen, und ein Jahr vor Ablauf des Vertrages hatte man zur Aufmunterung den aus Ländern mit Sklaven als Arbeitskräften stammenden Zucker mit übermässigen Abgaben belegt und damit Brasiliens zweitwertigstes Ausführprodukt getroffen, das damals dem Kaffee mengenmässig wenig nachstand. Brant hatte aber schon Jahre vorher, während der Bemühungen seines Landes, in verschiedenen Punkten Entgegenkommen zu finden, wenig von dem Engländer erhofft. „Könnten die Brasilianer einig sein, ganz anders wäre dann die Rücksicht der europäischen Regierungen auf uns; aber mit Aufständen im Norden und Süden und bei der Anarchie, die mehr oder weniger in verschiedenen Teilen herrscht, beachtet niemand eine solche schwache Regierung. Algier wurde unter dem Vorwand von Satisfaktionen besetzt, und nach deren Gewährung hätten die Franzosen sich zurückziehen müssen; trotzdem befinden sie sich noch heute dort. Die Malwinen-Inseln wurden unter demselben Vorwand besetzt, und ungeachtet der Proteste von Buenos Aires sind dort die Engländer. Wird sich dasselbe in Salinas ereignen?“

Das portugiesische Beispiel liess nicht viel Gutes ahnen. Als 1838 das kleine Land sich weigerte, einen Vertrag, der seine Souveränität verletzte und der noch ungünstiger als frühere war, abzuschliessen, überreichte Lord Howard der portugiesischen Regierung die Abschrift eines Dienstschreibens des englischen Aussenministers Lord Palmerston, in dem ummunden erklärt wurde: „Sollte Portugal noch länger zögern, den von der britischen Regierung vorgeschlagenen Vertrag abzuschliessen, würde diese ohne weitere Verzögerung dazu übergehen, durch eigene Mittel, ohne die Mitarbeit Portugals, sein Ziel zu erreichen.“ Im brasilianischen Fall wurde der englische Vertreter in Rio zu der Erklärung angewiesen, England wür-

de zu keinen anderen Mitteln greifen, wenn Brasilien sich sofort bereit zeige, einen neuen Vertrag abzuschliessen. Unmissverständlich wies man dabei noch auf das Beispiel Portugals und Spaniens hin. Die „Times“, offensichtlich auf höhere Anregung, wurde noch deutlicher und erklärte wörtlich: „Die Kriegsschiffe S. Brit. Majestät werden ohne Zweifel Befehl erhalten, die Untertanen S. Kaiserlichen Majestät, welche den Sklavenhandel ausüben, als Piraten zu betrachten, die als solche kein Recht auf Schutz seitens ihrer eigenen Regierung haben, ausgesetzt der grössten Strenge des Seegesetzes der Nationen.“ Während in Brasilien sich noch die Gemüter erhitzten, hatte John Bull gehandelt: am 8. August 1845 war die berühmte Bill Aberdeen erlassen worden. Dieses Gesetz gab England, auf einseitigen Beschluss, das Recht, brasilianische Schiffe anzuhalten, zu durchsuchen, mit Ladung und Besatzung der Gerichtsbarkeit der britischen Admiralität unter dem Vorwande der Bekämpfung des Sklavenhandels zu unterwerfen. Moraes unterstreicht die Tatsache, dass Spezialisten des internationalen Rechtes sich gegen die Einräumung des gegenseitigen Rechtes des Anhaltens und der Durchsuchung in Friedenszeiten aussprechen und fährt dann fort: „Um wie vieles grösser musste der Schrecken aller unabhängigen und unparteiischen Menschen sein, wenn sie sahen, wie eine Macht, um einen Vertrag nach seinen Wünschen zu erreichen, von sich aus, durch eigenes Gesetz, den Plan annimmt, das Eigentum und die Bürger einer anderen Macht seiner Gerichtsbarkeit zu unterwerfen und für diese Bürger den Gebrauch und die Nutzniessung der Freiheit der Meere einzuschränken?“ Als Haiti 1840 etwas Ähnliches plante, verwahrte sich Palmerston dagegen als ungesetzlich, und kein Geringerer als Lord Aberdeen selbst, der Schöpfer der brutalen Bill, hatte noch 1841 Mister Stevenson, dem amerikanischen Vertreter, erklärt: „Die Ausübung des Rechtes der Durchsuchung in Friedenszeiten, wenn nicht durch Verträge eingeräumt, ist eine Verletzung der Menschenrechte und ein Attentat gegen die nationale Würde und Unabhängigkeit.“

Die „Times“ ihrerseits gab ungeschminkt zu, das Gesetz käme einer kriegerischen Geste gleich

Aber Calogeras weist darauf hin, dass es seit 1831 in Brasilien keine Sklaveneinfuhr mehr hätte geben dürfen, ohne sich zu erinnern, dass 1826 (ratifiziert 1827) die kurze Frist von drei Jahren aufgezungen worden



Die Gesundheit
ihres Kindes

macht der Mutter häufig viele Sorgen, vor allem, wenn die furchtbare Diarrhoe den kindlichen Körper angreift. Aber da wir in den bekannten Eldoformio-Tabletten ein bewährtes Mittel gegen Diarrhoe besitzen, können wir dieses schwere Übel verhüten.

Vergessen Sie niemals: **Gegen Diarrhoe** stets



Eldoformio
Tabletten
die sowohl Kindern
wie Erwachsenen helfen.

Brasilien für die Verluste der „Prince of Wales“ 3200 Pfund Sterling, um seine weggenommenen Schiffe zurückzuerhalten. Schliesslich kam man überein, die Streitfragen einem Schiedsgericht zu unterbreiten. Am 18. Juni 1863 fällte Leopold I. von Belgien seinen Spruch, der für Brasilien günstig ausfiel. Dieses erneuerte nun seine Beschwerden und forderte Genugtuung für die Beschlagnahme der Schiffe und Schadenersatz. England weigerte sich, auf irgendwelche Vorstellungen einzugehen. Nun brach Brasilien die diplomatischen Beziehungen zu London ab, die erst wieder aufgenommen wurden, nachdem der englische Vertreter in Buenos Aires, Thornton, dem auf dem Wege nach dem Kriegsschauplatz befindlichen Kaiser im Auftrage der britischen Regierung 1865 in Uruguay sein Bedauern aussprach. (Nach Jonathan Serrano, Historia do Brasil.)

Hauptsächlich benutzte Veröffentlichungen: Accioly, Hildebrando: O Reconhecimento da Independencia do Brasil;

Aguar, Ant. Augusto de: Vida do Marquez de Barbacena;

Bomfim, M.: O Brasil na Historia;

Calmon, Pedro: Espirito da Sociedade Colonial;

Calmon, Pedro: Historia da Civilização Brasileira;

Calogeras, J. P. A: Politica Exterior do Imperio, Bd. 2 O Primeiro Reinado; Formação Historica do Brasil;

Fleiss, Max: Apostilas de Historia do Brasil;

Forjaz, Djalma: O Senador Vergueiro; Leopoldo, Dom Duarte: O Clero na Independencia;

Martins, Romario: Historia do Parana; Maul, Carlos: Historia da Independencia do Brasil;

Moraes, Evaristo de: A escravidão africana no Brasil;

Moraes: A Campanha Abolicionista;

Nina Rodrigues: Os Africanos no Brasil;

Oliveira Lima: O Movimento da Independencia;

Pfister, Albert: Die amerikanische Revolution 1775—1783, Bd. 1;

Rocha Pombo: Historia do Brasil, Bd. 7;

Serrano, Jonathan: Historia do Brasil;

Souza, Alberto: Os Andradas, Bd. 2;

Vasconcellos, Mario: Motivos de Historia Diplomatica do Brasil.

Die Leichenfledderer

Von Prof. Dr. Johann von Leers

Wer erinnert sich eigentlich noch des Skandals um Madame Hanau? Das war eine Pariser Jüdin mit recht neuem französischen Staatsbürgerrecht, die einen ganzen Konzern von schwindelhaften Unternehmungen gegründet hatte. In diesen Unternehmungen hatte sie zahlreiches französisches Sparkapital eingefangen — als sie pleite machte, waren die Franzosen ihr Geld los, aber es stellte sich heraus, dass nicht wenige Parlamentarier und Politiker an diesen Schiebungen beteiligt waren. Wer weiss noch, wie die „Bayonnaise“ roch? In Bayonne hatte der Jude Stavisky ein grosses Pfandhaus durch allerlei Schiebungen in seinen Besitz gebracht, von dort aus schliesslich einen Konzern von Pfandhäusern aufgebaut, die verpfändeten Waren fünf- bis sechsmal bei Sparbanken weiterverpfändet — als der Skandal bekannt wurde, stellte sich wiederum heraus, dass eine Anzahl einflussreicher Politiker Stavisky begünstigt hatte, ja dass seine Verbindungen bis ins Ministerzimmer führten. Wer gedenkt eigentlich noch des Tannenzapf? Im vorigen Jahr gelang es dem Juden Tannenzapf mit einer Anzahl Rassegenossen sich in den Besitz mehrerer französischer Filmgesellschaften zu setzen. Die Filmproduktion war minderwertig, die Schuldenproduktion um so reichhaltiger. Am Ende waren wieder französische Arbeiter, Angestellte und Gläubiger die Leidtragenden. Der Jude Tannenzapf aber fand lebhafteste Unterstützung seiner Rassegenossen.

Das französische Volk, diese braven fleissigen Bauern und ordentlichen ehrbaren Handwerker, haben sich in den letzten Jahren an einen üblen Finanzskandal nach dem anderen gewöhnen müssen. Die Gaunerei in Frankreich hat immer mehr zugenommen. 1932 machten die Bankrotte und Liquidationen der Emigranten 18,5 vH., 1933 schon 22,4 vH., 1935 schon 25,5 vH. aller Pleiten aus.

Jetzt im Kriege aber blüht das Geschäft der Juden.

Die Ernährung Frankreichs liegt fast restlos in den Händen von Juden, die sich schamlos bereichern. Die „Chambre syndicale“ für Getreide, Mehl- und Mühlengenossenschaften, die staatliche Ueberwachungseinrichtung für die Brotversorgung Frankreichs, hat als Präsidenten den Juden Goldschmidt, einen der reichsten Getreidehändler Frankreichs, als Vizepräsidenten den Juden Martin Bloch, als Schatzmeister den Juden Jacob Israel, als weitere Mitglieder den Juden André Cremieux (aus der alten, ursprünglich in Holland beheimateten jüdischen Händlerfamilie Smeerkopp), ferner die Juden Paul Lévy, Louis Ullmann, Paul Etlin und Albert Simpère — der französische Bauer ist in dieser Organisation nicht vertreten. Im vorigen Sommer hatten die jüdischen Getreidespekulanten gegen Ende der Ernte die Nachricht verbreitet, dass riesige Getreideeinkäufe in Argentinien getätigt seien. Die französischen Kornpreise stürzten darauf in die Tiefe, der französische Bauer musste sein Korn unter Wert abgeben — als erst das Korn bei den Getreidejuden war, hörte man nichts mehr von den grossen Getreideeinkäufen und die Verbraucher mussten die Preise bezahlen, die die Kornschieber diktieren. Das Comité für Preisüberwachung kann nichts dagegen tun, es wird auch nichts dagegen tun — denn es hat sechs jüdische Mitglieder zum Aufpassen für einen nichtjüdischen Präsidenten!

Wenn die Franzosen die Kohle teuer bezahlen müssen, wenn man in diesem strengen Winter in den Städten Frankreichs vielfach die Kohle nur „hintenherum“ bekommen konnte und nur für ein Aufgeld, das von den Frauen der im Felde stehenden Soldaten schwer genug aufzubringen war — so darf man feststellen, dass die wichtigsten französischen Kohlenunternehmungen sich in der Hand von Juden befinden: „Mines d'Ostricourt“ kontrolliert der Jude L. Javal, „Mines de Vicoigne, Noeux et Drocourt“ der Jude Paul Weiss, „Houilles de Marles“ A. Benac vom jüdischen Bankhaus Finaly, „Mines de Marmaux“ der Jude M. Pereire, „Minerals de Mokta el Hadid“ und „Société du Diabolo-Djerissa“ die Juden Louis und David Beigbeder, „Mines de potasse de Blodelsheim“ der Jude Raymond Berr, „Mines de potasse“ der Jude Georges Lévi, „Mines Coframet“ ein gewisser Mirabaud von der Rothschild-Gruppe, „Mines de Nickel“ Robert de Rothschild und „Mines de Pekaroya“ Cahen d'Anvers.

In der Kommission für Kriegsindustrie sitzen die beiden Juden Alphonse Fould (zur alten berühmten Hofjudenfamilie Fuld gehörig) und Léon Lévy als Vertreter der französischen Hüttenwerke.

Wer liefert die Geschütze für die französische Armee? Selbstverständlich Léon Lévy! Wer liefert die Autos, Tanks und Geschosse? Der Autojude Citroen! Gasmasken, in der Zeit der nervösen Fliegeralarme in Frankreich ein Bombengeschäft, die „Société d'Etudes et de Construction du Matériel de Protection“, Giftgase liefern die Juden Klotz — verwandt mit dem berühmten, später ins Gefängnis gesperrten betrügerischen Finanzminister Klotz! —, Mannheimer, Weill und Berr; an grossen Kriegsgewinnlern finden sich in der Rüstungsindustrie der bekannte Kriegshetzer Goudchaud, Aron, Cahen, Eiffel, Lehmann und Stern. Die bekannte Automobilfirma „Latil“ wird, wie die „Mitteilungen über die Judenfrage“ vom 30. Dezember 1939 feststellen, beherrscht von dem Juden Blum, Georges Latil, Lazare Latil, Jean-Paul Levy, Amey, Fribourg, Fortoul, Korn, Pons und Weill.

Während die französischen Soldaten in der Maginot-Linie im Interesse Englands im Felde stehen müssen, scheffeln die Juden hemmungslos Kriegsgewinne. Dieser Krieg ist für sie eine herrliche Gelegenheit, die Reichtümer Frankreichs in ihre eigene Tasche zu bringen. Das war nämlich, neben ihrer Rache an Deutschland, auch ein Zweck, den die Juden bei der Entfesselung dieses Krieges verfolgten. Diese Kriegsgewinne glitzerten vor ihren Augen, als der IX. Kongress der berühmten „Liga gegen den Antisemitismus“ des Juden Lecache, eines der übelsten Kriegshetzer, im vorigen Herbst beschloss: „Wir werden mit allen unseren Kräften gegen die deutsch-französischen Abkommen kämpfen oder genauer gesagt, gegen die französisch-deutschen Abkommen“, das beschlossen diese Juden, als der deutsche Reichsaussenminister von Ribbentrop nach Paris kam und ein Abkommen über dauernden Frieden zwischen Deutschland und Frankreich mit der französischen Regierung abschloss. Mit der ganzen Schamlosigkeit eines Juden, der erst 1905 das französische Staatsbürgerrecht bekam, schrieb damals Lecache: „Wir billigen es nicht, und wir machen von unserem Recht als französische Staatsbürger Gebrauch, dass man ir-

gendwelche Franco-Hitlerische Annäherung versucht. Man darf nicht mit Hitler Annäherungspolitik betreiben...“ Selbstverständlich — denn dann würden die Juden ja nicht die riesigen Rüstungsgewinne machen —! An den Leichen der französischen Soldaten, die in diesem Kriege fallen, mästen sich die Juden. Das Vermögen Frankreichs gleitet in ihre Hände. Während die grauköpfigen Väter des französischen Volkes an der Front stehen, sind die jungen Juden reklamiert oder unabhörmlich, haben bestenfalls eine Etappenuniform, aber die Taschen voll Geld und stellen den Frauen und Töchtern der fran-

zösischen Familien nach. Während der Poilu glaubt, Frankreich gegen einen Gegner zu verteidigen, der es gar nicht angreift, steht der wirkliche Fremdling, der alte Völkerzerstörer, der Jude, bereits als Eroberer im französischen Lande, scheffelt unermessliche Reichtümer und wälzt sich in den Betten eines Volkes, das gesetzlich bestraft wird, wenn es auch nur Kritik an Juden unternimmt, das man ins Feuer treibt, weil die Juden auch Deutschland beherrschen wollen.

Frankreich hat nur noch zwei Wege — den Weg zur Auszehrung oder in die Revolution gegen die Juden!

„The Weather-Cock“

Churchill im Urteil Lord Jellicoe's

Winston Churchill ist seit etwa dreiviertel Jahren „Erster Lord der britischen Admiralität“ und schon erheblich länger einer der eifrigsten Verteidiger der These, dass ein Krieg gegen Deutschland die vordringlichste Aufgabe des britischen Weltreiches wäre. Und Lord Jellicoe ist im Weltkriege der erste englische „Sea-Lord“, d. h. mit anderen Worten der oberste Befehlshaber der englischen Flotte gewesen. Was diese beiden Männer übereinander zu sagen hatten, besitzt zweifellos, besonders für den unbefangenen neutralen Beurteiler, ein grosses Interesse.

Winston Churchill, der einer der ersten englischen Familien entstammt — ihr Oberhaupt trägt den Titel eines Herzogs von Marlborough —, hat eine eigenartige, sehr abwechslungsreiche politische Laufbahn gehabt. Er galt in jüngeren Jahren, schon bald nachdem er verhältnismässig früh einen Sitz im Unterhause erlangt hatte, für das „enfant terrible“ in den ehrwürdigen Sälen von Westminster. Er wurde damals nicht ernst genommen. „Aus irgendeinem Grunde“, so schrieb ein Mann, der ihn lange Jahre beobachtet hat, „fühle ich die Neigung, milde zu lächeln, wenn von Winston Churchill die Rede ist“, und deshalb war das Erstaunen um so grösser, als er im Oktober 1911 zum erstenmal auf den Posten des britischen Marineministers berufen wurde. Dieser Mann hatte doch bis dahin für die Belange der Flotte nicht das geringste übrig gehabt, er hatte als Home-Secretary — das war er im liberalen Kabinett Asquith — jede Flottenvorlage auf das heftigste bekämpft! Er war im Jahre 1906 „aus Zweckmässigkeitsgründen“ aus der konservativen Partei, in der sein Vater eine bedeutende Rolle gespielt hatte, ausgeschieden und zu den Liberalen übergetreten, als diese die Regierung zu bilden hatten; er hatte dann im liberalen Kabinett zu der Gruppe der „little Navyites“, zu den prinzipiellen Flottengegnern, gehört und die ganze Kraft seiner Rede der „Verstaatlichung der sozialen Fürsorge“ gewidmet! Er hat damals auf Wahlversammlungen häufig genug erklärt: „Keinen Penny für nutzlose Flottenvermehrung, alles Geld für die Betreuung der Armen!“ Diese Parole hat Churchill, als er Marineminister wurde, freilich prompt vergessen. Er ist, man möchte fast sagen, von dem Tage seiner Ernennung an, ein emsiger Verfechter der Flottenausrüstung geworden. Warum? Es gibt Leute, die auch heute noch von dem Folgenden fest überzeugt sind: Die Deutschen hatten im Sommer 1911 den „Panthersprung nach Agadir“ gemacht, d. h. sie hatten zur Wahrnehmung irgendwelcher Interessen das Kanonenboot „Panther“ nach Südmarokko geschickt und dadurch nicht so sehr den Widerspruch der doch zunächst interessierten Franzosen als die wilde Opposition der unmittelbar gar nicht beteiligten Engländer wachgerufen. Die künstlich geschürte Erregung schlug damals in London sehr hohe Wellen, und wer sich zum Interpretieren dieser Volksstimmung machte, konnte erwarten, von der Woge emporgetragen zu werden. Damit ist vielleicht Churchills Schwenkung, aber nicht der Entschluss des Ministerpräsidenten Asquith hinreichend erklärt, die Ernennung seines ebenso ehrgeizigen wie unruhigen Kollegen wirklich zu vollziehen. Ueber Asquiths Gründe hat uns nun Lord Jellicoe einiges angedeutet. Admiral Jellicoe gehörte damals schon zum „Board of the Admiralty“, dem ständigen Marinerrat, der aus vier besonders qualifizierten Admiralen und dem parlamentarischen First Lord bestand. Als Jellicoe von einem befreundeten Ausländer gefragt wurde, wie man in englischen Marinekreisen die Ernennung Winston Churchills aufgenommen habe, gab er zur Antwort, der bisherige Marineminister McKenna habe nach Ansicht der britischen Admiralität versagt und der Premier sei deshalb an und für sich genötigt gewesen, einen neuen Mann an seine Stelle zu setzen. Wenn er schliesslich Churchill gewählt habe, der sich trotz seiner bis-

herigen Flottenfeindschaft besonders eifrig um den Posten bemüht habe, so sei der Hintergrund hierbei wohl der gewesen, auf diese Weise „diesen unzuverlässigen Charakter im Zaum zu halten“. Kein anderes britisches Ministerium habe, so fügte Jellicoe mit feinem Lächeln hinzu, „die segensreiche Einrichtung eines Board“, d. h. eines Fachmänner-Kollegiums, das, wenn seine Mitglieder energische, parteipolitisch nicht gebundene Leute wären, einen parlamentarischen Minister daran hindern könnte, schädliche Seitensprünge zu machen und Mr. Asquith habe wohl in erster Linie aus diesem Grunde geglaubt, der „weather-cock“ Churchill, den er irgendwie berücksichtigen musste, sei am besten in der Admiralität untergebracht und dort am unschädlichsten.

Vom englischen Standpunkt aus betrachtet ist Churchills Wahl entgegen den Hoffnungen des damaligen Chefs der britischen Regierung jedoch sehr schädlich gewesen. Ihm war die verspätete und gänzlich unzulängliche und daher verunglückte Entsatzexpedition nach Antwerpen zu verdanken. Churchill hat es damals, im September—Oktober 1914, nicht hindern können, dass die wichtige Stadt Antwerpen nach einer Belagerung von nur 12 Tagen in die Hände der Deutschen fiel. Weit verhängnisvoller für die Alliierten war jedoch der Misserfolg des Dardanellen-Unternehmens, das gegen den Rat von Jellicoe und Kitchener hauptsächlich auf Betreiben Winston Churchills 1915 improvisiert worden war. Der amerikanische Korvettenkapitän Frost, der ein berühmtes Buch über die Seekriegsführung 1914—18 geschrieben hat, urteilt darüber: „Die Dardanellen-Offensive begann Mitte Februar 1915 mit Anfangserfolgen. Bereits im März kam der Flottenangriff auf die Dardanellen zu einem jähen Ende, die alliierten Flotten erlitten eine entscheidende Niederlage und sehr grosse Verluste. Im August war ein neuer Landungsversuch mit frischen Kräften auf der Gallipoli-Halbinsel zurückgeschlagen worden. Im Dezember und Januar räumten die Briten die Halbinsel Gallipoli; es war das bittere Zugeständnis, dass auch hier ein mit grossem Einsatz geführter Feldzug gescheitert war.“

Deutsch-japanische Freundschaft. — In Berlin wurde eine sehenswerte Japanschau eröffnet. — Eine alte Samurairüstung aus dem 16. Jahrhundert und eine bei japanischen Volksfesten beliebte Trachtenmaske.



Amizade tauto-japoneza. — Foi aberta em Berlin uma exposição japonesa que despertava viva atenção. Vemos aqui uma armadura de samurai do século XVI e a máscara usada em festas populares japonesas.

TECHNISCHE ABTEILUNG:

BROMBERG & CIA.
SÃO PAULO
AV. TIRADENTES NR. 32
CAIXA POSTAL 756
TELEFON: 4-5151

Krupp-Stühle zur Herstellung von Federn, Matrizen jeder Art, Drehstühle, WIDIA-Metall, Qualitäts-Schneidwerkzeuge, Bohrer, Schneidmaschinen, Fräser, Gewindebohrer usw., Messwerkzeuge jeder Art, Schleblehren, Zirkel, Tourenzähler, Geodimeter, Mikrometer, Dampf-Armaturen wie Kondensstöpfe, Stahlbursten, Dampfpumpen, KLINGERIT Dichtungsplatten, Zylinderschmier-Apparate, Tropföler, Manometer, Ventile, Wasserstandsgläser, Transmissionsgeräte, Lederriemen, Gummiriemen der bekannten Marken BULLDOG und O PODEROSO, Riemenverbinder, Lagermetalle, Riemenwachs, Holz- und Stahlriemen-Scheiben, Ringachsmier-Lager, Kugellager, Glasscher-Artikel wie Schmelzegel, Graphit, Stahlbürsten usw., Mechanische Werkstätten-Werkzeuge und Zubehörfelle, Schmirgelscheiben Marke ALEGRITE, Schmirgel-Leinen und -Papier in Blättern und Rollen, Schweißapparate mit sämtl. Zubehör, Metallabblätter für Hand- und Maschinenbetrieb, Staufwerkzeuge, Stahldraht-Seile, Drehbankfutter, usw., Galvanoplastik-Artikel wie Nickelanoden, Filzschleifen, usw., Holzindustrie-Zubehör, Kreis-, Band- und Gattersäge-Blätter Marke HUNDEKOPF, Schmirgelpapier Marke RUBINITE, Bohrer usw., Eisenwaren-Abteilung: Klein-Eisenwaren und Werkzeuge aller Art, Feilen Marke „TOTENKOPF“ und „KRIEGER“, Bau- und Möbelbeschläge, Haus- und Küchengeräte, sanitäre Artikel, Fittings, Röhren, Bleche, Drähte, Schweißmittel, Arsenik, Bleiarzenat Marke „BROMBERG“, Öl- und Trockenfarben, Zinkweiß, Leinöl usw., Elektrische Abteilung: Drehstrommotoren und Dynamos in jeder Größe, Isolierte Drähte und Kabel jeder Art für Hoch- und Niederspannung, Zählapparate, Voltmeter und Amperemeter, tragbar und für Schalttafeln, Elektrische Heiz- und Kochapparate, Bügeleisen und Lötöfen, Widerstandsdrähte für Heizapparate, Konstantan und Chromnickel, Material für Inneneinrichtungen und Freileitungen, Isolierrohre, Schalter in jeder Ausführung, Klingeln, Lampen, Leuchten, Sicherungen und Sicherungsdrähte aus Blei und Silber, Isolatoren, Blitzableiter und blanke Kupferdrähte, Anker-Isoliermaterialien, Pressspan und Vulkanfaser in allen Stärken, Lacke, Löt-paste und Isolierband, Material zur Installation von Motoren, Stern-dreieck-Schalter, autom. Schalter und handbetätigte Diazed-Sicherungen, — Schalter — Abteilung landwirtschaftl. Maschinen: Traktoren „LANZ BULLDOG“, Schleppergeräte, Pflüge, Pferdehacken, Sämaschinen „RUD. SACK“, Mähmaschinen und Heuschere, „KRUPP“, Milchzentrifugen „LANZ“, Ameisenstör, Pflanzenspitzen, Dreschmaschinen, Windfegen, Futterschneider, Pumpen und sonstige zur Landwirtschaft gehörenden Geräte und Maschinen, Marken „BROMBERG“, „O PODEROSO“ und „OLONO“, — Öl-Abteilung: Öle und Fette „SUNOCO“ der Sun Oil Company, Philadelphia (USA), Öle für Automobile, Lastwagen und Traktoren, Öle für Dynamos, Motoren und Turbinen, Öle für allgemeine Maschinen-Schmierung, Öle für besondere Zwecke: Bohreröl, Elasmaschinen-Öl usw., Fette in allen Arten, — Maschinen-Abteilung: Maschinen für Eisen-, Blech- und Holzverarbeitung, Komplett-Einrichtungen für jede Industrie, — Innenleer-Abteilung: Fried. Krupp A. G., Gussstahlfabrik, Essen; Fried. Krupp A. G., Friedrich-Alfred-Hütte, Rheinfelden; Fried. Krupp Germania-Werke A. G., Kiel; Bleichert, Transportanlagen G. m. b. H., Leipzig; Drahtseilbahnen, Transportanlagen usw.; Maschinenfabrik Buckau R. Wolf A. G., Magdeburg; Lokomobilen, Dieselmotoren; Bayerische Maschinenfabrik F. J. Schlageter, Regensburg; Gerberet-Maschinen.

CONDOR FLUGDIENST

PASSAGIERE
 POST
 FRACHT

Telegr. AERONAUTA

Succursol S. PAULO: r. Alvaro Penteado, 8
 Agentur SANTOS: r. 15 de Novembro, 19

Telef.: 2-7919
 Telef.: 5001

Damen-Schönheits-Institut „ELSE“

Dauerwellen (elektr. u. nicht elektr.), Ondulation u. Wasserw., Maniküre, Färben u. Mass

Rua Domingos de Moraes Nr. 84-c
 Telephon 7-5480

Josef Hüls

Erstklassige Schneiderei.
 Mäßige Preise. Rua Dom José de Barros 216, fobr., São Paulo Tel. 4-1725

Uhren • Reparaturen Deutsche Uhrmacherei

OTTO

Rua São Bento Nr. 484
 4. Stock, Saal 25

Jorge Dammann

Deutsche Damen- u. Herrenschneiderei. / Große Auswahl in nat. u. ausländ. Stoffen. Rua Ypiranga 193, / Tel 4-2320

Werner Pfeffer

Nickelacão Cambucy
 Rua Lavapés 801
 SÃO PAULO

Deutsche Schuhmacherei

Rua Sta. Ephigenia 225
 Ausführung all. ins Fachschlagende Arbeiten
 Hermann Radelcherner

João Knapp

Klempner, Installateur
 Registr. Rep. de Aguas e Esg. Rua Monj. Passalacqua 6
 Telefon 7-2211.

Hugo Lichtenthaler

Rua Aurora Nr. 135
 Aalt. deutsches Möbelhaus
 Grosse Auswahl in kompl. Zimmern und Einzelmöbeln. - Auch TAUSCH u. KAUF von gebrauchten Möbelstücken

Fogg bringt ein Mädchen mit

Roman von WALTHER KLOEPFFER — Verlag August Scherl GmbH, Berlin.

(7. Fortsetzung.)

Engasser hat ihr Zaudern, diese Schrecksekunde, wohl bemerkt. Auch ihr Erröten. Vicki war von jeher eine schlechte Lügnerin. Also doch —! schiesst es ihm durch das Hirn. Soll ich es ihr auf den Kopf zusagen?

Er bezwingt sich und beschliesst abzuwarten. Man muss die beiden in flagrante ertappen; mochte sie sich jetzt in Sicherheit wiegen. Wie abscheulich das alles ist! Diese Untreue, diese Lüge, dieses Lauern und Bespitzeln ...

„Ich möchte jetzt in meinem Zimmer arbeiten“, sagte er, und die paar Worte verschlangen seine letzte Kraft.

„Gute Nacht, Gottlieb!“

„Gute Nacht!“ erwiderte er feindselig.

Droben in seinem einsamen Bett, das mit dem Arbeiten war nur ein Vorwand gewesen, legte er sich die Frage vor: Wie ist das mit mir? Liebe ich Vicki eigentlich? Natürlich liebe ich sie! Er übersah, wie weit sie sich schon voneinander entfernt hatten; er übersah, dass seine Eifersucht mehr dem verwundeten Selbstbewusstsein entsprang denn einem starken Gefühl für seine Frau. Um Mitternacht erhob er sich von seinem zerwühlten Bett und schlich in den ersten Stock, wo Viktoria schlief. Er vernahm ihre ruhigen, gleichmässigen Atemzüge durch das dünne Holz und rechnete ihr diese schamlose Ruhe als neues Verbrechen an. Er war gekommen, um eine Aussprache mit Viktoria zu haben, aber vor ihrer Tür verliess ihn plötzlich der Mut, und er ging gedemütigt zurück in sein freudloses Zimmer.

Fogg klob Fichtenscheite vor dem Schuppen. In dem verwaisten Kaninchenstall lag der Igel und überlegte, ob er nicht doch noch ausziehen sollte. Es war zuviel Unruhe rings um seine Behausung. Fogg hatte die Joppe ausgezogen, die Hemdärmel hinaufgekrempelt, und auf jeden Hieb mit der langen Axt zerkrachte ein Scheit in zwei fast gleiche Stücke. Die Anna las diese Hälften zusammen und schichtete sie zu einer ordentlichen Beuge.

„Anna, vergiss nicht, Salat nachzustechen! Ich esse ihn gern“, sagte Fogg plötzlich. „Nein. Ich werde es noch heute besorgen“, erwiderte sie gehorsam und machte sich einen Knopf in ihr Taschentuch.

Ihr Wesen war in letzter Zeit abermals umgeschlagen. Sie war nicht mehr böckig und kratzbürstig gegen Fogg, sondern von einer versonnenen schwermütigen Höflichkeit.

Sie hatte Kummer mit Basil. Aber sie durfte ihn nicht laut werden lassen, sondern sie musste ihn in sich sperren und hinunterwürgen. Sie spürte: Basil liebt mich nicht mehr. Seit die neue Zofe im Schloss ist, diese geleckte Person mit den frechen Hüften, ist Basil verwandelt, kälter ganz einfach. Früher trafen sich Tutschek und Anna oft und lange; denn Doktor Fogg war viel abwesend, mal über Land, mal in München, mal bei einer Entbindung. Das Ueberwachungssystem, das er sich gelobt hatte, wirkte noch nicht recht. Anna setzte dann das Fenzlmädchen Regine an den Fernsprecher und war frei. Aber in allerjüngster Zeit wurden diese Stelldichein mit dem Verwalter immer seltener. Er schützte Zeitmangel vor, und man konnte wenig darauf erwidern. Gestern nun hatte sie ihn in seiner Wohnung aufgesucht, in diesem zartblau und honiggelb gehaltenen Zimmer, er war zornig geworden, hatte ihr eine Szene gemacht und sich ein für allemal derartige

aus guter Quelle erfahren habe. Aber das konnte sie Fogg doch nicht sagen.

„Selbstverständlich, bitte sehr!“ stammelte er ungeschickt und setzte betrübt hinzu: „Das ist aber sehr schade!“

„Vielleicht richten Sie sich die Schmitt ab; das ist ein helles Mädchen und hat Geschwister im Haus“, schlug sie vor.

„Ganz richtig, die Schmitt. Die könnte das machen. An die habe ich gar nicht gedacht“, erwiderte er ein wenig abwesend. Dann nahm er sich zusammen. „Dann bleibt mir nur noch übrig, Ihnen für alle Mühe und Bereitschaft, auch im Namen der hiesigen Kranken, recht herzlich zu danken. Ich habe Sie ein bisschen häufig in Anspruch nehmen müssen.“

„Gar nichts zu danken. Ich habe manches bei Ihnen hinzugeerbt. Und es war mir eine Freude“, sagte sie leise. Sie war erbittert auf ihren Mann, der sie mit seinem, Gerede zwang, Fogg Schwierigkeiten zu machen. Gott-

sicherheit, und das Mädchen Anna wunderte sich ein bisschen. Denn erst vorhin hatte ihr Brotgeber Fogg noch gesagt: „Mit denen geht mir. Die liegen mir gut bis zum jüngsten Tag!“

Am Nachmittag unternahm er einen Spaziergang nach der Kuhlentei. Dort ging es wild auf. Er hatte zwölf kinderreiche Familienväter eingestellt und unter ihnen den Fenzl. Die zerstampelten nun das bisschen Gras noch vollends und gingen dem Graphit mit Pickel und Schaufel zu Leibe. Es wurden nämlich die beiden 25-Meter-Schächte gegraben. Die Förderart war denkbar einfach, Handhaspel, Wasserpumpe, Körbe; aber sie genügte fürs erste, wie Herr Bärdammer versicherte. Das war der von Dolchi empfohlene Fachmann, und er hatte schon in Kropfmühl gearbeitet.

Auf dem Heimweg verscheuchte Fogg die Gedanken an Viktoria mit denen an Anna. Der „Beritt“ war seither in ein neues Verhältnis zu ihr getreten.

Der Ameiser, zum Beispiel, der jeden Tag die Post bringt, sagt ihr jedesmal ein paar freundliche Worte, wenn er ihr den für Fogg bestimmten Stoss Zeitungen und Drucksachen in die Hand drückt. Und letzthin hat er ihr gar einen Strauss Blumen aus seinem Gärtchen verehrt, heimlich zwar und wegen seines Hausdrachens Afra in Packpapier geschlagen, aber mit hellichter Freude und lauter Gutsein auf dem bekümmerten Gesicht.

Der Fenzl packt das nun wieder anders an. Jeden Abend nach der Arbeit spricht er im Doktorhaus vor und schleppt der Anna das viele Wasser in die Waschküche, oder er macht ihr Späne für den Herd, oder er sticht ihr rasch ein Beet um, damit sie sich nicht so plagen muss. Und wenn er allein mit der Anna ist — solche Sachen lassen sich tadellos durch ein Fenster beobachten —, wird er merkwürdig zahm und sanft, wie es kein Mensch an diesem Rauhbein gewöhnt ist. Einmal strich er der Anna sogar über das Haar, zog aber die Hand gleich wieder weg, als ob er sich schämte. Am liebsten aber sitzt er neben ihr auf der Bank unter dem Nussbaum und horcht zu, wie sie Matrosenlieder singt und sich auf dem Bandonion begleitet.

Auch der Kern tut das Seine, obschon verdreht und ganz unangenehm. Er wollte nämlich der Anna eine Stelle als Kellnerin in der „Sonne“ anbieten. Er redete von Trinkgeldern und Mehr-Lohnverdiensten und von Sommerfrischlern. Dabei weiss Fogg genau, es gibt für eine Kellnerin in der „Sonne“ nichts zu tun, weil kein Geschäft geht und die Wirtin das bisschen Bedienung bequem nebenher machen kann. Die Wirtin hat denn auch, wie nicht anders zu erwarten, gezetert als ihr Kern seinen Plan unterbreitete. Ob er nährisch sei, und was sie mit so einem unnützen Weibsbild im Haus anfange? Da hätte ihr den Kern sehen sollen! Ich weiss schon, was ich tue — hat er aufbegehrt — und es gehört ein frisches, sauberes Gesicht in die Gaststube, damit die Leut' einen Gusto kriegen, und nicht so eine zuwider Essiggurke wie du! Und was das „Weibsbild“ betrifft, so halt dich schön stad und kümmer dich um deine eigenen zwei Bamsen, da hast du

Confeitaria

EIGENE BÄCKEREI
 EIGENE KONFITOREI

Bestellungen ins Haus werden gewissenhaft u. pünktlich ausgeführt

RUA BARÃO DE ITAPETINGA 239



Biennense

CAFÉ - BAR

Im Café nachmittags und abends

Erstklassiges Konzert

Leitung: Maestro Mauricio

Telephon 49230 — Ab 18 Uhr können Autos vor der Tür parken

Ueberrumpelungen verboten. Ja, Anna war ziemlich unglücklich, das kann man wohl sagen.

Der Mann Fogg hingegen, blind in derlei Geschichten wie alle Männer, hatte mal wieder keine Ahnung, was in seinem Wohnzimmer vorging. Es genügte ihm, dass die Gerüche verstümmt waren und dass er Anna nie bei Heimlichkeiten erwischte. Wenn du ihn nach seiner Meinung fragen würdest, kämst du zur Antwort: Das mit Tutschek ist eingeschlafen. Junge Mädchen haben oft solche Schwärmerien, papperlapapp.

Anna sah Frau Engasser auf das Haus zukommen, sagte es Fogg, rief verzweifelt an ihren harzigen Fingern herum und geleitete den Besuch ins Wohnzimmer. Fogg brachte seine Kleidung in Ordnung und schritt ins Haus.

„Guten Tag, Herr Doktor! Ich bin nur auf einen Sprung da, um Ihnen zu sagen, dass ich Ihnen von nun an leider nicht mehr assistieren kann. Ich habe soviel Arbeit, seit mein Mann den ganzen Tag zu Hause ist“, begann Frau Engasser, und es ging ihr nicht recht flott über die Lippen. Das mit der „vielen Arbeit“ war nämlich eine faustdicke Lüge. In Wirklichkeit hatte ihr der Professor gestern angeraten, dieses Narkosenmachen einzustellen, weil die Schellenberger sich darüber schon die Mäuler verrissen, wie er

lieb wurde tagtäglich nervöser und unleidlicher. Seit vorgestern war es ganz arg mit ihm. Er sprach nur das Allernötigste mit ihr und starrte, wenn er sich unbeobachtet wühlte, in die Ecken. Einmal ertappte sie ihn, wie er sie gehässig und höhnisch anstierte. Sollte er eifersüchtig sein?

Sie schüttelte diesen Gedanken ab und gab Fogg mit einem guten Blick die Hand. „Ich muss jetzt gehen. Wir haben heute einen gebratenen Gockel, und die Köchin liegt im Bett. Adieu!“

„Guten Tag, Frau Viktoria!“ sagte er abschiednehmend und undiszipliniert. Es ging nicht an, dass man die Frau eines andern bei ihrem Vornamen nannte.

Das war ein richtiger Abschied, von allem — dachte er, als die Tür sich hinter Viktoria Engasser geschlossen hatte. Ganz gut so. Dies Beisammensein führte einen nur immer tiefer in die Verstrickung hinein. Er seufzte wider Willen. Dann schmiss er ärgerlich die Joppe auf das Sofa und stülpte die Ärmel wieder hoch. Lieber Freund, gegen solche Anwandlungen gibt es nichts besseres als Holzhacken, bis das Hemd tropft. Er ging in den Schuppen und suchte sich etliche buchene Scheite zusammen, so abgelagerte und mit einem Haufen Knochen inwendig, dass einem schon vom Angucken bang wurde. An denen liess er seine Wut aus und seine Un-

„Sublime“

die beste Tafelbutter

Theodor Bergander

Al. Barão Limeira 117, Telefon 4-0620



Birkenwasser
 enthält natürlichen
 Birkensaft

KRANK?

Dann lassen Sie sich

homöopathisch

behandeln. — In dem

Dispensario Homöopático S. Paulo
Praça João Mendes 130

stehen Ihnen von 9 bis 18,30 Uhr die besten homöopathischen Aerzte São Paulos unentgeltlich

zur Verfügung. Denken Sie daran, dass jede leichte Erkrankung in eine schwere Krankheit ausarten kann. Die Homöopathie heilt auch in schwersten Fällen auf eine milde Weise und mit recht geringen Spesen.

(Neben der homöopathischen Apotheke Dr. Willmar Schwabe Ltda.)

Dr. Max RudolphAllg. Chirurgie, Frauenheilkunde u. Geburtshilfe
Röntgen-Bestrahlungen

Consult.: Pr. Ramos Azevedo 16, II., Tel. 4-2576

Wohnung: Rua Hollanda 5, Tel. 8-1337

Sprechstunden v. 3-5, Sonntags v. 11-1 Uhr

Dr. Mario de Fiori

Spezialarzt für allg. Chirurgie — Röntgenapparat

Sprechst.: 2-5 Uhr nachm., Sonntags: 10-12 Uhr

Rua Barão de Itapetininga 139 - II. andar - Tel. 4-0038

Dr. G. H. Nick

Facharzt für

innere Krankheiten.

Sprechst. täglich v. 14-17 Uhr

R. 16, Badaró 73, Tel. 2-3371

Privatwohnung: Tel. 8-2263

Dr. Erich Müller-Carioba

Frauenheilkunde, Geburtshilfe

Röntgenstrahlen - Diathermie

Ultraschallstrahlen

Konsult.: R. Aurora 1018 von

2-4,30 Uhr - Tel. 4-6898.

Wohnung: Rua Greenlandia

Nr. 72 - Tel. 8-1481

Deutsche Apotheke

Ludwig Schmiedes

Rua Lib. Badaró 318

S. Paulo, Tel. 2-4468

Erwin Schmied

Dentist

Largo Santa Efigenia 1

1. Stock, App. 11

(Gingang von der Brücke)

Sprechstunden von

8.30—18.30 Uhr, Sonntags

abends: bis 12 mittags

Deutsche Apotheke
In Jardim America

Anfertigung ärztl. Re-

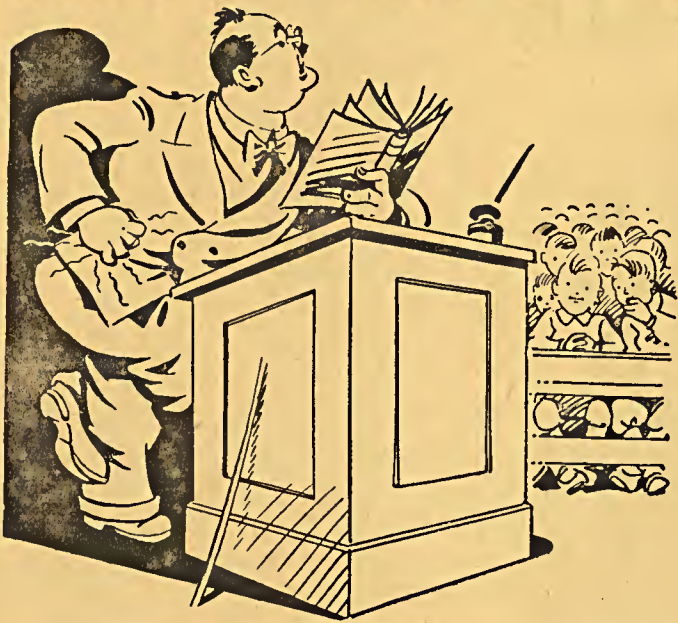
zepte, pharmazeutische

Spezialitäten — Schnelle

Lieferung ins Haus.

RUA AUGUSTA 2843

Tel. 8-2182

Juckt es, dann niemals kratzen

das vermehrt nur den Juckreiz. Krätze, einige Fälle von Hautjucken, Insektenstiche und gewisse parasitäre Hautaffektionen werden mit Mitigal beseitigt. Machen Sie sich nicht zu einem armen, lächerlichen Wesen und befolgen Sie den guten Rat: Juckt es, dann niemals kratzen . . . Benutzen Sie dann

Mitigal**Zum Hirschen Hotel und Restaurant**Rua Victoria 186 — Tel. 4-4561
São Paulo Inh.: Emil Russig**Deutsche Färberei und chem. Waschanstalt****„Saxonia“**Annahmestellen: R. Sen. Feijó 50. Tel. 2-2396
u. Fabrik: Rua Barão de Jaguará 980. Tel. 7-4264

Die besten Schuhe bekommen Sie nur im bekannten

Casa Brasil

Damen Schuhe bis zur Nr. 40

Abfag Louis XV., jap.

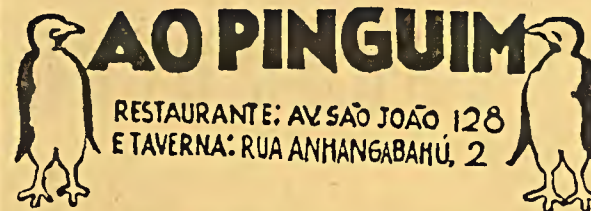
Form 40\$000, 45\$000

Das Haus, welches best.

bedient u. reelle Preise hat

Rua Sta. Efigenia 285.

nahe der Rua Aurora

**AO PINGUIM**
RESTAURANTE: AV. SÃO JOÃO 128
E TAVERNA: RUA ANHANGABAHÚ, 2**H. Hillebrecht**

São Paulo

Telefon:

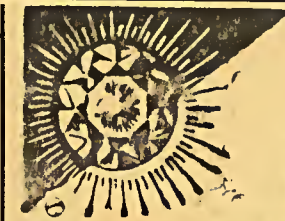
Bar 4-5507

Gruta 4-2626

Ausgezeich. Küche. Jeden Sonnabend: Feijoada completa
Allabendlich Künstlerkonzert, 7-1 Uhr; Sonn- u. Feiertags: Fühkonzert**Extra Fino**

Rua das Palmeiras 274

Tel. 5-4429

**Deutsche Edelstein Schleiferei**

R. Kröninger

Größte Auswahl in

gefeilten und unge-

feilten Edel- und

Halbedelsteinen

Rua Xavier de Toledo 54 (em frente da Light)
Telephon: 4-1083 und privat 4-2240**Adolpho E. Müller & Cia.**

Flor. de Abreu 172 / Caixa postal 712

Telefon 4-2617

Generatoren für Gleich- und Wechselstrom, Elektromotoren für alle Zwecke, Ventilatoren, Werkzeugmaschinen, Hebezeuge, biegsame Wellen usw. — Zubehör für elektrische Kühlrichtungen.

**Konzert am 20. April**

abends 8,30 Uhr, im Saale der „Lyra“,

Rua São Joaquim 329, ladet der Bund der schaf-

fenden Reichsdeutschen (União Beneficente e Edu-

cative Alemã), alle Mitglieder und reichsdeutschen Volksgenossen ein

Grosses Orchester: Leitung: Emmerich Csamer

Im einleitendem offiziellen Teil wird der Deutsche Generalkonsul

Herr Dr. Walter Molly

zum Geburtstag des Führers das Wort ergreifen.

Eintrittskarten zum Preise von 3\$500 einschl. Steuer in den Vorverkaufsstellen: Deutsche Apotheke Schwedes, Rua Libero Badaró — Deutsche

Buchhandlung Hahmann Rua Cons. Crispiniano 2a — Salon „Max“,

Mix Reichel, R. José Ant. Coelho 37 — Okonom des DMG, Lyra, Rua S.

Joaquim 329 — Geschäftsstelle des Bundes, Rua da Constituição 31.

VORANZEIGE: Festaufführung anlässlich des 1. Mai am Dienstag,

den 30. April 1940, abends 8 Uhr, mit der Komödie in drei Aufzügen

von Dietrich Eckart „Ein Kerl, der spekuliert“.

grad Arbeit genug! So redete der Kern, weil er im Zorn war, und Fogg erfuhr es wieder auf Umwegen. Und er — Fogg — hat zu tun gehabt, bis er dem Wirt seinen verrückten Plan ausgedrückt hat. Aber weil der Kern nun einmal beim Wohltäterweisen war, hat er dem Doktor einen Hundertmarkschein in die Hand gedrückt und geflüstert: „Für die Sparkasse von der Anna; jetzt extra!“

Bleibt noch der Gosdmair. Von ihm ist Fogg ein wenig enttäuscht. Zwar ist auch er auf seine bedächtige und sparsame Art gut zu der Anna, aber seinem Martl verbot er schlankweg und mit einem zünftigen Krach, sich noch weiter an das Mädchen zu hängen und ihr um die Röcke zu schwänzeln. Martl wollte den Grund wissen und strich die Anna nach Kräften heraus. Aber der Bürgermeister sagte bloss: „Der Grund geht dich einen Dreck an! Und ich werd' schon einen haben. Halt's Maul jetzt!“

Auch dies hat Fogg durch geheimnisvolle Kanäle erfahren und grübelten herum, welchen Vers er sich darauf machen soll.

Die Anna hatte es gut; die wusste von nichts. Aber er durfte sich den Kopf zerbrechen, wer von den vier eigentlich der Vater war.

Anna sass gerade auf der Hausbank beim Kartoffelschälen, als der Postbote auf sie zukam und einen Brief schwenkte. Ihre zerarbeiteten fleissigen Finger wurden still, und ein gelblicher Erdäpfelschnitz kollerte zu Boden.

„Einen Brief hätte ich für Sie, Fräulein Anna.“

„So? Einen Brief? Wer kann mir schreiben? Wollen Sie ein Gläschen Kirsch, Herr Ameiser?“

„Heute nicht, Fräulein Anna. Wissen Sie — mein Magen.“

Der Postbote ging.

Anna beschnepperte wie ein Kaninchen den elfenbeingelbten Umschlag. Roch nicht schlecht, nach Kölnisch Wasser. Der Umschlag war mit einer Achtpfennigmarke beklebt, und der Stempel lautete: Postagentur Schellenberg. Sie bekam ein unangenehmes ziehendes Gefühl in der Herzgegend. So viel wusste sie nun auch schon, dass, wenn ein Schellenberger dem anderen einen Brief mit der Post zukommen liess, dies meist ein betont unfreundlicher Akt war. Plötzlich hatte sie eine Erleuchtung peinlicher Art, die ihr alles Blut aus dem Gesicht trieb. Sie schluckte und murmelte: „Mal sehen!“ Sie fetzte hastig mit dem Schälmesser den Umschlag auf.

Tutschek teilte ihr in wohlgesetzten Wor-

ten mit, er sei sich darüber klageworden, sie passten nicht zusammen, und er bäte sie, daraus die Folgerungen zu ziehen. Es tue ihm leid, sie betrügen zu müssen, sehr sogar. Anna möge auch nicht versuchen, sich ihm noch mal zu nähern; denn es sei zwecklos. Sie würde bestimmt einen anderen Mann finden, mit dem sie glücklich zu werden vermöge. „Mit guten Wünschen Basil Tutschek.“

Anna überlas noch einmal dieses gewundene und wohlüberlegte Deutsch, obwohl das Wesentliche bereits in ihr festgespiess war wie ein schmerzhafter Pfahl, dann dachte sie: Also so ist das wenn man einen Fusstritt bekommt! Warum sagt er es denn nicht offen heraus, dass er mich überhat und dass ich ihm lästig bin wegen dem Tschelmechtel mit der Zofe? Eigentlich ist dieser Brief schon lange fällig.

Anna liess die Hand mit dem böartigen Brief sinken und sah verträumt vor sich hin. Ihr Gesicht war ausgeleert, blass und ratlos. Eine von den geschälten Kartoffeln machte sich auf die Wanderschaft und rollte in den Sand. Eine Henne kam vorsichtig näher und pickte sie an. Die Männer sind grosse Schufte, dachte sie. Der Fernsprecher rasselte; mochte er . . . Plötzlich schnellte sie den Kopf nach hinten und sagte ganz laut und deutlich: „So einfach geht das nicht! Nein, so einfach geht das nicht! Sie stellen sich das zu einfach vor, Herr Tutschek!“

Anna stand auf, schob den Brief in die Tasche ihres Schürzchens und ging wie durch Nebel und Wätere ins Haus, ins Wohnzimmer. Vor dem alten Schreibtisch blieb sie stehen und klappte den Deckel zurück. Sie zog eine Schublade auf, nahm Fogg's kleinen Colt heraus und wog ihn in der eiskalten Hand. War gar nicht schwer, so ein Ding, und ging bequem in die Tasche. Da mochten der Brief und der Revolver nun Kameradschaft schließen, wenn es ihnen behagte; dann schloss Anna das Pult, und es sah aus, als sei gar nichts geschehen.

Nein, Herr Tutschek, das ist wirklich nicht so einfach . . . Sie kommen daher, setzen einem Flausen in den Kopf . . . nehmen einem Mädchen das bisschen, was es zu verschenken hat, und dann schütteln Sie es ab . . . Sie täuschen sich, Herr Tutschek . . . Sie kennen die Anna aus Hamelskog immer noch nicht ganz — ich kann Ihnen versichern, Sie werden es bereuen . . . Aber zuvor — nicht wahr? — wollen wir in aller Güte noch einmal darüber reden . . .

Anna verschloss das Haus, ging zum Fenzl hinüber, gab der Regine den Schlüssel ab

und bat das halbwüchsige Ding, sie zu vertreten, wie schon oft. Fogg war zum Glück wieder einmal auswärts; von dieser Seite gab es also keine Schwierigkeiten. Anna schlenderte aus dem Dorf gegen das Mühlhölzchen zu, einem kleinen Laubwald, der zum Schloss gehörte und zwischen der Kühleiten und der Büchlkamer Strasse lag. Dort wird sie Basil stellen und dort wird sich das mit dem Revolver entscheiden. Sie weiss, dass Tutschek heute zwischen halb vier und vier Uhr auf seinem Reviergang durch das Mühlhölzchen muss, und sie weiss, dass sie sich in einem gewissen Falle mit dem kleinen Colt vor seinen Augen etwas antun wird, damit er sein ganzes Leben lang nimmer froh wird und bereuen muss.

Es war schwül; die Mücken schwirrten, und die Schnaken gaben keine Ruhe, die Grillen zirpten unablässig und lustvoll, und der Himmel wies verdächtige gelbe Flecken auf, die auf ein Gewitter hindeuteten. Anna schritt mit Gummiknien und wunderlich ausgehöhlt, gar nicht sie selbst, eine Anhöhe hinan und auf den Wald zu, in dem die Entscheidung fallen sollte. Ihre Schläfen brausten, und das linke Ohr brauste ebenfalls. Doch über all dem Unbehaglichen und Beklemmenden gaukelte die grosse Hoffnung: Der Basil ist gar nicht so schlecht; er nimmt den Brief zurück, und alles ist in Ordnung.

Nun war sie angelangt. Auf diesem schmalen Waldpfad musste er kommen, der Basil. Anna setzte sich auf einen abgesägten Stamm, der schon trocken und entrindet war. Sie zog den Rock züchtig über die Knie und nahm mit leichtem Erstaunen wahr, dass ihr Strumpf ein Loch hatte. Dann betrachtete sie aufmerksam ihre geflickten kleinen Schuhe. Sie bedauerte, dass sie sich nicht schön gemacht und umgezogen hatte, aber jetzt war es zu spät.

Und wenn er nicht mag?

Ja, dann natürlich . . .

Das Sitzen wurde mit der Zeit unerträglich. Anna erhob sich und ging auf und ab. Sie streifte im Vorübergehen die Blätter von einem Zweig, nahm eins zwischen die Zähne und zerbiss es. Ihr Hirn war jetzt, dicht vor der Gefahr, ungeheuer wach und beschäftigt. Viele Bilder flüchteten vorbei — der sehr helle Strand von Hamelskog, Gorch Pitters zerrunzeltes Altmännergesicht, die Mutter in ihrer letzten Stunde, und der Mann Fogg, der mit ihrer Zärtlichkeit nichts anzufangen wusste. „Das kommt nur davon, weil ihr mich immer allein lasst. Wenn es schief ausgeht, werdet ihr schon sehen“, murmelte Anna und zog eine gekränkte Unterlippe. „Vor

allem geht es dich an, Josi! Du hättest das damals im Wohnzimmer nicht tun sollen.“

Als sie aus dieser Betrachtung hochkam, waren auch schon Schritte zu hören und das leise Geklingel von Sporen. Da viel Unterholz und Buschwerk zwischen den Buchen stand, unterschied ihr Ohr eher als ihr Auge die Annäherung des Verwalters, der nichtsahnend und summend daherkam.

„Basil!“

„Ach du! Wie du mich erschreckt hast! Was willst du denn? Ich habe doch alles geschrieben“, meinte er unfreundlich.

„Hör' mal, Basil! Du kannst mich doch nicht so einfach wegschieben, wenn es dir passt! Das kannst du doch nicht!“ Oh, sie ist ganz ruhig; sie wird ihn nicht reizen. Sie hat sich das fest vorgenommen.

„Das hat doch alles keinen Zweck!“ brauste er auf. Er war sehr ärgerlich über diese neue Art von Wegelagererei. „Nun, wenn du es ganz deutlich hören willst — ich empfinde nichts mehr für dich!“

„So? Du empfindest nichts mehr für mich? Schön ausgedrückt! Aber damit kommst du nicht durch bei mir. Schliesslich war allerhand zwischen uns, nicht?“

Tutschek lachte nervös.

„Du mit deinem Theater —!“

„Du musst mich heiraten, Basil!“ sagte sie, ihm starr in die Augen sehend.

„Heiraten auch noch! Bist du denn ganz verrückt?“ schrie er.

„Du wirst doch kein Schuft sein wollen, Basil . . .?“

„Jetzt lasse mich aber aus mit deinem hysterischen Zeug! Schuft, Schuft . . .? Wer weiss denn, ob ich überhaupt der erste war!“ Er lachte roh und hässlich.

Jetzt ist alles aus! dachte sie. Dieser letzte Satz hatte ganz tief getroffen. Sie riss den Revolver aus der Tasche und rief: „Nun kenne ich wenigstens deinen Charakter —!“ „Mach doch keine Dummheiten!“ stotterte er blass.

„Du? Nein, du bist keine Kugel wert. Und wegen so einem habe ich mir etwas antun wollen. Da!“ Sie spuckte ihm ins Gesicht und lief wie eine Wahnsinnige davon. Sie blieb unterwegs mit dem Abzugsbügel der Waffe an einem Zweig hängen, der kleine Revolver wurde ihr aus der Hand gerissen und fiel mitten auf den Weg. Sie meinte es gar nicht. Sie hetzte weiter und immer weiter, bis der Wald zu Ende war. Dann sank sie zu Boden, in einen Kümmlbusch hinein, und weinte haltlos unaufhörliche, dicke, ausschwellende Tränen. Und als der ganze Vorrat versiegt war, schleppte sie sich langsam und mit schweren Gliedern heim.

Vor
Annahme falschen Geldes
schützt der bargeldlose Zahlungsverehr

Eröffnen Sie ein Konto beim

Banco Allemão Transatlantico

RUA 15 NOVEMBRO 268

und zahlen Sie ihre Rechnungen

per Scheck!

Zu jeder gewünschten Zeit erhalten Sie von uns einen Auszug ihrer Rechnung, um Ihnen die Kontrolle über Ihre Zahlungen zu erleichtern.

VIGOR-MILCH

Die beste Milch in São Paulo

S. A.
Fabrica de Productos Alimenticios "VIGOR"

Rua Joaquim Carlos 178
Tel.: 9-2161, 9-2162, 9-2163

Aços Roechling

Der gute deutsche Stahl!



Qualitätswerkzeuge!



Eigene Härtestube

mit modernsten Einrichtungen zur Verfügung unserer Kundschaft

Aços Roechling Buderus do Brasil Ltda.

São Paulo

Rua Augusto de Queiroz 71-103

Rio de Janeiro

Rua General Camara 136

Porto Alegre

Avenida Julho de Castilho 265

Vertretungen in Brasilien:

Curitiba - Belem do Pará - Bello

Horizonte - Bahia

In anderen südamerikanischen Ländern:

Buenos Aires Montevideo

Santiago de Chile

Lacke Pinsel Farben

und alle übrigen Bedarfsartikel für Hausanstrich und Dekoration

EMILIO MÜLLER / Rua José Bonifácio Nr. 114

Dres.
Lehfeld
und
Coelho
Dr.
Walter
Hoop
Rechtsanwälte

SÃO PAULO
Rua Lib. Badaró 443
Telephon: 2-0804,
2. Stock, Zim. 11-16
Postfach 444

Physikalische Apparate, Vermessungsinstrumente und Zubehör, leimechanische Werkstätten

OTTO BENDER

Rua Sta. Efigenia 80 - Telefon 4-4705
Zeichenmaterial A. Nestler, Lehr und Gebr.
Halt, Pfronten. - An- und Verkauf von gebrauchten Vermessungsinstrumenten.

Deutsches Farbenhaus

Henrique Zuehlke & Cia.
S. Paulo, R. Christovam Colombo 1, Tel. 2-0671

Alleiniger Vertrieb der bekannten

TEMPEROL-FABRIKATE
(Lacke - Oelfarben - Lackfarben)

Reichhalt. Sortiment. in: Pinseln, Buntfarben, Oelen, Schablonen und sonstigen Malerbedarfsartikeln.

Livraria Delinee

Älteste deutsche Buchhandlung

Rua São Bento 541 - Caixa Postal 2-V São Paulo

Reichhaltigstes Sortiment. Bestellungen werden rasch und gewissenhaft ausgeführt.

Oficinas Olympia

führen jede Reparatur, Überholung und Reinigung an

Schreib- u. Rechenmaschinen

aller Systeme sachgemäss aus.

Modern eingerichtete Werkstatt und wirkliche Fachleute bürgen für erstklassige Arbeit

Schnell / Gewissenhaft / Preiswert

Kostenanschläge unverbindlich



OLYMPIA MACHINAS DE ESCRIVER LTDA.

São Paulo

Praça da Sé 43 / Tel. 2-1895

Rio de Janeiro

Rua Beneditinos 21 / Tel. 43-6311

Dienst am Kunden!

Jeden Wunsch nach Möglichkeit gerecht zu werden, ist Grundidee unserer Organisation und unseres geschulten Personals.

Banco Germanico

da America do Sul

São Paulo

Rua Alvares Penteado 121
(Ecke Rua da Quitanda)

Rio de Janeiro: R. da Alfandega 5
Santos: Rua 15 de Novembro 114

Viktoria spazierte die Landstrasse entlang. Sie hatte es daheim nicht mehr ausgehalten. Ihr Mann schnitt Gesichter, peinigste sie mit Stummheit und war gereizt und mürrisch in einem. Einigemal hatte sie versucht, Klarheit zu schaffen.

„Was ist denn los, Gottlieb?“

„Was soll sein; nichts.“

„Bist du mir böse? Wegen was? Sag doch!“

„Lass mich in Frieden.“

So ähnlich waren diese Gespräche verlaufen. Da hatte sie es aufgegeben und sein krankendes Gebaren mit einem hochmütigen, abweisenden beantwortet. Zustand für eine Frau, die so gern offen und fröhlich war wie sie! Sie hatte die Vermutung, dass ihr Mann auf Fogg eifersüchtig war; bestimmt wusste sie es nicht.

Hineingestellt in diese maiengrüne Landschaft, zwischen brausenden Wäldern und smaragdnen Wiesen, zwischen Amelschlag und Drosselgesang — sah man erst, wie rank und schlank, wie jung und federnd diese Viktoria war, deren blaue Augen von anmutigen Brauenbögen überdacht waren. Sie warf die Gedanken an untersagte Narkosen und schmollende Ehemänner flugs hinter sich und stimmte ein munteres Liedchen an, das sie in der Volksschule gelernt hatte. Mittendrin blieb sie an einem Chausseebaum stehen und nestelte an ihrem rosaroten Straps herum, der sich ausgehängt hatte. Plötzlich fiel ein Tropfen auf ihre Hand. Nanu? Sie blinzelte zum Himmel, und der sah gar nicht erbauend aus. Es war zuviel Schwefelgelb und Schwärze in seinem schieferfarbenen Blau. Auch Wolken türmten sich zusammen. Und sie war ohne Schirm, ohne Regenmantel und hatte ihr dünnestes und düftigstes Kleid an! Ich sag's ja, man braucht bloss einmal den Schirm vergessen, und schon ist der Salat fertig! dachte sie empört und trat einen überstürzten Rückzug an.

Und dann brach es plötzlich mit aller Macht los. Die Wolke über ihr schien tobstüchtig geworden zu sein. Es regnete nicht mehr, es goss. Viktoria suchte unter einem Baum Zuflucht, aber das war soviel wie nichts. Während sie nach einem besseren Standort Ausschau hielt, krakeelte Fogg's Wagen heran. Der Doktor war in Büchlkam bei einer Geburt gewesen, war abgehetzt, müde und schlecht rasiert und ärgerte sich mit dem verwünschten Scheibenwischer herum, der natürlich wieder mal nicht in Schwung kam. Dieser Wolkenbruch hatte Fogg gerade noch gefehlt. Birnbaum und Hollerstaunen! Das ist doch Frau Engasser da vorn! dachte er und lenkte vorsichtig auf die Strassenseite, damit es nicht so spritzte.

„Aber, liebe Frau Professor, Sie hat es ja schön eingeregnet! Wie ein getauftes Mäuschen sehen Sie aus. Ja, was tut man denn da? Vor allem mal rein in den Wagen! Wissen Sie, „Schorsch!“ hat ja allhand Mängel, aber sein Wetterdach ist zufällig gut“, sagte er überstürzt.

„Wie ich vor Hause fort bin, hat es gar nicht so ausgesehen“, entschuldigte sie sich und zupfte den klatschnassen Stoff ein wenig von der Brust und von den Knien. Unter ihren Füßen bildete sich ein Bächlein.

Fogg gab Gas, und „Schorsch!“ donnerte

mit Fehlzündungen davon. Nach ein paar hundert Metern verringerte der Wagen seine Geschwindigkeit, und schliesslich blieb er ganz stehen. Fogg konnte ihn gerade noch an den Strassenrand steuern, dahin, wo ein schmaler Fusspfad an das Mühlhölz abzwigte. Und da stand er nun, bockstarrig und steif, und kein Drücken auf den Starterknopf und kein Gasgeben half.

„So, da haben wir jetzt den Zimt! Oh du Mistvieh von einem Wagen! Verzeihung, wollte sagen, die Batterie ist wahrscheinlich leer. Will mal rasch nachsehen.“ Er kletterte aus dem Auto und klappte die Motorhaube hoch. „Wie ich gesagt habe! Was fangen wir denn nun an? Batterie ist nämlich das Schlimmste. Wir können jetzt gar nichts tun, als das grösste Unwetter hier abwarten; später werde ich in den Ort gehen und Vorspann besorgen. „Schorsch!“ muss abgeschleppt werden. Ich bekomme noch graue Haare mit ihm. Fogg stieg wieder ein und machte sich so dünn wie möglich. Denn Viktorias allzu grosse Nähe machte ihn kribbelig. So eine Frau war doch schliesslich kein Besenstiel, sondern eine sehr warme, weiche und wohlriechende Angelegenheit, die in einem mit Zündstoffen angefüllten Mannesgemüt ziemlich Verheerungen anrichten konnte. Ein Radfahrer fuhr vorüber und hatte einen mit schwarzem Wachstuch bedeckten Korb vor sich, ein auswärtiger Hausierer. Da er Fogg zufällig kannte, grüsste er. Seine regentriefende Gestalt verlor sich bald in der Ferne.

„Und wie das schüttet, was?“ bemerkte Fogg unzufrieden.

„Glauben Sie, dass es bald aufhört?“

„Macht mir nicht den Eindruck“, knurrte er. „Man könnte eine Zigarette rauchen, so man eine hätte.“

„Leider habe ich keine bei mir. Sie wissen, ich rauche nicht.“

„Aldann muss es halt so gehen“, sagte er und wischte an der Windschutzscheibe herum.

Was hat er denn heute? dachte Viktoria. Bisschen merkwürdig, wie? Sie spielte mit ihren Stulphandschuhen, und der eine fiel zu Boden. Sie bückte sich, er bückte sich, und ihre Köpfe stiessen zusammen. Einen Herzschlag lang streiften seine Lippen zufällig ihr Haar. „Danke“, sagte Viktoria und meinte den Handschuh.

„Muss noch einmal nach der Batterie schauen“, murmelte Fogg unsicher und verliess abermals den Wagen. Dann bosselte er im strömenden Regen an allerlei roten und schwarzen Kabein herum, holte sich die Werkzeugtasche, schraubte, kniff und war ungeheuer betriebsam, obschon das Ganze durchaus zwecklos war. Aber der Regen tat gut, und die Beschäftigung tat gut, und man kam über manches hinweg, mit dem man drinnen nicht fertig wurde.

Viktoria sah Fogg zuerst ein bisschen zu, dann schaute sie weg und hing ihren Gedanken nach. Nach drei Minuten war sie bereits auf der richtigen Fährte und hatte eine Ahnung, was mit Fogg los war. Sie hauchte „Ach!“, und dies Wörtchen klang halb erschreckt und halb verwundert. Die neue Erkenntnis schuf ihr zweierlei Empfindungen, eine verbotene schmerzlich-süsse und eine erlaubte ängstliche. Dann spürte sie in sich

selber hinein und nahm mit Bangen wahr, dass auch in ihr nicht alles aussah, wie es sollte. Sie fächelte sich mit ihrem Handschuh Luft zu, weil es ihr plötzlich von innen her heiss wurde. Dann dachte sie, wie es einer ordentlichen Ehefrau zukommt: Aber das geht doch nicht, Vicki! ... nein, bestimmt, das geht nicht ... das wäre ja noch schöner! Und sie machte sich ganz schmal und kroch in ihre Ecke, als ob neben ihr wunder wer sässe.

„Das ist ein schönes Gelump. Mit dieser Kiste werde ich nicht alt!“ schimpfte Fogg draussen.

„Ja?“ piepste sie erschreckt und aus einer ganz unmöglichen Sache herausgeholt.

„Ich sage, der Wagen ist ein Gelump“, wiederholte er laut, unwillig und mit scharfer hochdeutscher Aussprache. Nur er durfte „Schorsch!“ so tief beleidigen; andern fuhr er über den Mund, wenn sie eine derartige Aeusserung taten. Er studierte den Himmel. „Dort hinten wird's schon hell; auch der Regen lässt nach.“

Sie streckte prüfend die Hand aus und sagte: „Ich glaube auch ... ich glaube, dass man es riskieren kann.“

„Ich gehe jetzt ins Dorf. Sie warten am besten im Auto.“

„Nein. Ich möchte auch fort. Es ist ungemütlich in dem nassen Zeug. Auch wird man sich vielleicht um mich ängstigen.“

„Gut. Dann gehen wir zusammen durch das Mühlhölz. Das ist der kürzeste Weg.“

„Seien Sie mir nicht böse, aber ich möchte doch lieber allein am Waldrand entlanggehen.“

Fogg war ein wenig verwundert und gekränkt.

„Möglicherweise kommt mir jemand mit einem Schirm entgegen. Es ist auch der Leute halber“, sagte sie schüchtern.

„Wieso der Leute halber?“

„Nun ja. Sie kennen ja die bösen Zungen hier. Mein.“

„Ach, so, wie Sie wollen.“

„Vielen Dank und guten Tag, Herr Doktor.“ Sie übersprang leichtfüssig den Strassengraben und eilte unter den Waldbäumen heimwärts.

Fogg aber schritt quer durch das Mühlhölz und hing seinen Gedanken nach.

Um jene Zeit pilgerte auch der Professor Engasser mit aufgespanntem Regenschirm und verdüstertem Antlitz in der Gegend herum. Seine Frau hatte nach dem Essen kurz erklärt, sie wolle ein paar Familien im Dorf besuchen und dann einen Spaziergang unternehmen. Um drei Uhr verliess sie die Villa, und bald darauf machte sich auch der Professor auf den Weg, um ihr heimlich nachzugehen; denn sein Argwohn war geweckt. Es war keine leichte Aufgabe, einer flinken Frau auf der Spur zu bleiben, in der Nähe von fremden Häusern zu warten und bei solch schimpflichen Unternehmungen kein Aufsehen bei der Bevölkerung zu erregen. Beim Ortsausgang gegen Büchlkam zu verlor er Vicki aus den Augen, weil er von einem Einheimischen zu einem längeren Gespräch gezwungen wurde. Was nun? Er entschloss sich gefühlsmässig, die Richtung nach dem Doktorhaus einzuschlagen. Ein Fenzlmädchen, die Regine, strickte im Garten und vertrieb von Zeit zu

Zeit die Spatzen mit Huschhusch, die den Hühnern die Körner wegpickten.

„Pst, du. Komm mal her. Ist Doktor Fogg zu Hause?“ Dem Professor war dieses Austragen sehr peinlich.

„Na. Der Doktor ist mit dem Wagen nach Büchlkam. Soll i was ausrichten?“

„Nicht nötig, mein Kind. Ich frage nur so. Ich danke dir schön.“

Engasser schlug die Strasse nach Büchlkam ein. Das ist alles so niederträchtig und schamlos! dachte er gequält. Aber ich muss noch Beweise haben. So oder so. Ich gehe ja zugrunde an dieser ewigen Ungewissheit. Mein Gott, wohin treiben wir, wohin führt das alles?

Er sah schlecht aus, schlief schlecht und war zu keiner Arbeit mehr fähig. Selbst seine früheren Schüler, die ihn unter sich „Gogass!“ nannten, ein Spitzname übrigens, dem man weiter keine Bedeutung unterschreiben darf, hätten mit ihrem von Gott und der Welt verlassenen Lehrer jetzt Mitleid empfunden, obwohl Knaben vor dem Stimmbruch das Roheste sind, was es gibt. Zuweilen legte sich Engasser auch die Frage vor, ob es nicht ein grosser Fehler war, Vickis Jugend und Temperament an seine eigene krankliche Existenz zu ketten. Aber diese Frage war müssig. Nun, wo es einmal geschehen war, hatten Eheleute einander die Treue zu halten, zum Donnerwetter!

Die Büchlkamer Strasse war grundschlecht und wegen der vielen Krümmungen nicht zu übersehen. Vielleicht hatte Vicki einen Walddpfad gewählt? Er überlegte und trödelte herum; er ging in den Wald, ging wieder heraus auf die Strasse. Die Strasse war sicherer. Im Wald konnten keine Autos fahren. Es fing zu regnen an, und Engasser, der als vorsichtiger Mann selten ohne Schirm ausging, freute sich auf kümmerliche Weise des seinen und spannte ihn auf. Vicki ist natürlich wieder ohne! dachte er tadelnd. Es platschte und goss, und der Schirm erwies sich als unzureichend. Während der Professor mit trübenden Gedanken fürbass schritt, kam ihm ein trübender Radfahrer entgegen.

(Fortsetzung folgt)

Aerger schadet dem Gedächtnis

Wenn bei allem Aerger wenigstens noch etwas Gescheites herauskäme! Meistens muss man aber hinterher zugeben, dass es auch ohne Aufregung gegangen wäre. Wahrscheinlich sogar noch besser.

Dabei soll es sogar Leute geben, die sich darüber ärgern, dass sie sich geärgert haben. Ein solch grimmiger Geisteszustand kann den Nerven auf die Dauer nur abträglich sein. — Wer ausgeglichen leben und handeln will, der muss sich in der Hand haben und darf nicht jeder ärgerlichen Regung Herrschaft über sich einräumen.

Um das stets zu können, bedarf es einer festeren Gesundheit. Wessen Nerven angegriffen sind, der führe jedes Jahr eine Kur mit Tonofosan durch. Tonofosan ist eines der bekanntesten Bayer-Produkte — es gibt Geist und Körper neue Kraft und Frische.



DIE NÄHMASCHINE FÜR JEDEN HAUSHALT

AGENTEN AN ALLEN PLÄTZEN

THEODOR WILLE & CIA. LTD.
AVENIDA RIO BRANCO 79/81 RIO DE JANEIRO

Bar und Restaurant Fischerklause RIO - Tel. 43-5178
Rua Th. Ottoni 126 / Deutsche Küche / Brahma-Chopp — Inhaber: **Fritz Schade**

Hotel „Lutecia“

Inhaber: **Jakob Christ**

Modern eingerichtete und vollständig separate Appartements mit Saal, Schlafzimmer, Bad und Telefon.

Rio de Janeiro,

Rua das Laranjeiras Nr. 486 / Telefon: 25-3822

Casa Germania

RESTAURANT UND BAR
GEORGI & FUCHS

SPEZIALITÄT: Mittag- u. Abendessen
Aufschnitt

RUA DOMINGOS FERREIRA, 220 — RIO
(Ecke Barão de Ipanema)

Geöffnet bis 1 Uhr nachts — Tel. 47-0805

Bar und Restaurant VICTORIA

Rio - Rua 1.º de Março 33 - Tel. 23-4347
Besitzerin: **Wwe. WILLY HARDT**

MITTAG- UND ABENDESSEN
1.ª Küche Brahma-Chopp

Verkehrslokal des Kyffhäuser-Bundes

Uebersetzungen

Dr. Bruno Zander

Berechtigter Übersetzer
Rua 13 de Maio 37, 1.º St.
Tel. 42-4668 - Rio.

URCA - RIO

Bar u. Restaurant / TABAJARAS
Rua Candido Gaffree 205

An der Praia gelegen, herrliche Aussicht auf die Bucht - Deutsche Spezialplatten - Endstation der Omnibuslinien Nr. 13 und 41 -
Telephon: 26-1145 - Rio de Janeiro

Deutsches Heim, Rio de Janeiro

Rua 7 de Setembro 140 - 1. Stock
Tel. 42-3601

Mittag- und Abendtisch auch nach der Karte
Stets frischer Schoppen — Reichhaltige Getränke

BAR ALPINO

RIO DE JANEIRO / Rua Gustavo Sampaio 115
Avenida Atlantica Nr. 142 - Telephon: 47-0939

Angenehmer Aufenthalt / Bayrische Stimmungsmusik / Erstkl. Bar- u. Restaurations-Betrieb / Ww. Karoline Krips

CASA WESTFALIA

R. ASSEMBLEIA 37
Tel. 42-0646 - RIO

Das einzige deutsche **Feinkostwarenhaus** im Zentrum. — Alle in- und ausländischen Konserven und Weine. — Blumenauer Spezialitäten. — Bar- und Restaurationsbetrieb

Täglich kalte und warme Spezialplatten.
Inhaber: Jens Jensen

“UFAR”

Electro-Transformadores Ltda.
Rio de Janeiro, Rua da Alfandega, 84, sobr.
Telegraphisch: „UFAR“

Fabrikation von: Transformatoren jeder Art

Zimmerantennen

Import von: Stablaternen

Fahrradlaternen

Trockenelementen

Radio-Material

Messinstrumenten

Rio = Besucher

befucht

DANUBIO AZUL

Avenida Mem de Sá 34

Telefon 22-1354

Prima Küche

Täglich Konzert

Im ersten Stock Land

Merztetel Rio

Dr. Fridel-Schöpfke

Säuglings- und Kinderarzt. Moderne Behandlung der Ernährungsstörungen (Brechdurchfall, Blutarmit, Tuberkulose und Hautkrankheiten, Ultraviolet-Strahlen).

Consultorio: Rua Miguel Couto 5
van 2-5 11hr. Tel. 22-0713. — Wohnuna:
Tel. 22-9930 Rio de Janeiro

Dr. Archimedes Peçanha

Adjunto do serviço do Dr. Paulo Brandão no H. S. F. de Assis

Ohren-, Nasen- und Halsleiden

Consultorio:

Rua Quitanda 5 — Tel. 22-5550 - Rio

Haut- und Geschlechtskrankheiten

Dr. Paul Cardozo-Legère

in Deutschland ausgebildeter und approb. Arzt

Rua Alcindo Guanabara 15, 4. Stock

Telephon 22-0912 Rio de Janeiro

Sprechstunden: 9-12 und 3-6

Samstag: 9-11 und 12-3 Uhr

Breiwert **Kölnisch Wasser** Erfrischend

das beliebte Qualitätsprodukt der

Deutschen Apotheke - Rio

Rua da Alfandega 74 - Tel. 23-4771

Saus Grifa

Deutsche Familien- Pension — Rio

Ideale Zimmer, einfach und luxuriös möbliert (auch leer), fließendes Wasser, an Herren oder berufstätige Ehepaare, auch ohne Essen, zu vermieten. Mäßige Preise. — Telefon 42-7030.

Rua Colina, 105 - Rio Comprido-Tijuca.

OTTO MEISTER

Rua Buenos Aires Nr. 84 - Telephon 23-4772

Telegr.: „ENSINO“ - RIO DE JANEIRO

Filiale: Praça Patriarcha, 8. 8.º and - S. PAULO

Lehrmittel für Gymnasien u. wissenschaftliche Institute - Physik - Chemie

Naturgeschichte - Geographie

Konstruktion und Reparatur von Präzisionsinstrumenten

BAR UND RESTAURANT

Cidade Heidelberg

GUTE BRASILIEN. U. DEUTSCHE KÜCHE

Sonntags geschlossen

Feiertags geöffnet bis 3 Uhr nachmittag

Rua Miguel Couto 65 (früher Ourives), RIO

Tel. 23-0658



Vertretung Deutscher Morgen

Rua dos Andradas 84

2. Stock, App. 23

Telefon 23-4977

Vertreter:

Fr. Humlin

Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rio

Eintopfessen im Deutschen Heim

Wie bereits aus den im Deutschen Morgen bekannt gegebenen Anzeigen hervorging, fand am 7. ds. Mts. im Deutschen Heim ein Eintopfessen statt, dessen Ertrag zugunsten des Hilfswerks der deutschen Kolonie Rio de Janeiro verwendet wird. Das Eintopfessen fand in zwei Teilen statt, und zwar am Vormittag konnte man erkennen, dass der Besuch ein sehr grosser werden würde. Schon um halb zwölf Uhr strömten die Volksgenossen herbei, und zwar am Vormittag hauptsächlich diejenigen mit Kindern. Bald war das geräumige Deutsche Heim gefüllt und das Eintopfessen begann. Die freiwilligen Helfer und Helferinnen, alles Mitglieder des B.d.s.R., betätigten sich in einer Weise, die über alles Lob erhaben ist. Alles klappte ganz vorzüglich, und jedermann wurde schnell und prompt bedient, sodass sich hierbei mancher Wirt und Kellner wirklich „ein Stück von abheben konnte“. Unnütz zu erwähnen, dass es abends „gedrommelt“ voll war. Die Stimmung wurde immer besser, trotz der „hohen Stehkrage“ des Sonntags-nachmittags-ausgeh-Schoppens“. Viel trug zur Stimmung natürlich die flotte Musik des Orchesters des B.d.s.R. bei, die immer wieder bekannte und mitreissende

Weisen spielte, so die Rheinischen Lieder sowohl am Mittag wie am Abend und vor allen Dingen nicht zu vergessen das „Erikaliel“, welches immer wieder verlangt wurde und begeistert von allen Volksgenossen mitgesungen wurde.

Eigentlich ist diesem Bericht nicht viel mehr hinzuzufügen, denn es ist alles Wesentliche erwähnt, eine Stimmung, die von echter Volksgemeinschaft getragen wurde, kann man schlecht in Worten wiedergeben. Aber an dieser Stelle können wir schon verraten, dass der Erfolg dieser Veranstaltung alle Erwartungen übertroffen hat. Es wurden über 800 Eintopfessen verabreicht und weit über 1000 Liter Bier ausgeschenkt. Wenn auch von fachkundiger Seite Zweifel in die Tüchtigkeit der Helfer und Helferinnen gesetzt wurden und viel Bruch von Geschirr prophezeit wurde, so möchten wir hier feststellen, dass nicht ein einziger Teller noch ein einziges Glas zu Bruch gegangen ist. Der Bund der schaffenden Reichsdeutschen ist zu dieser gelungenen Veranstaltung zu beglückwünschen und gleichzeitig muss allen freiwilligen Helfern und Helferinnen Anerkennung ausgesprochen werden.

F. K.

Familienabend im Heim des G. B. „Lyra“, Rio

Das Treffen von Jung und Alt am vergangenen Sonnabend in den gemütlichen Lyra-Räumen hat sich wieder mal gelohnt. Wenn auch diesmal nicht wie sonst das Orchester die Tanzlustigen in Schwung brachte, so schafften es diesmal nicht minder die Schallplatten, die sehr geschickt ausgesucht waren. Es war nur schade, dass der Vorsitzende Herr Jäger trotz seines eifrigen Suchens in der

ganzen Stadt die „Erika“-Platte nicht finden konnte, vielleicht nächstesmal. Jedenfalls war dieser Familienabend wieder gestempelt von echter Kameradschaft, was die allgemeine fröhliche Stimmung wieder erneut bekräftigte. Am 21. April soll, wie wir hörten, ein Spiessbraten starten. Näheres darüber wird noch aus einer Anzeige in unserem Blatt zu sehen sein.

F. K.

Fahrt ins Blaue des BdsR. in Nova Friburgo

Für den 31. März hatte der Bund der schaffenden Reichsdeutschen zu Nova Friburgo zu einer Fahrt ins Blaue geladen, womit — wie die überaus grosse Teilnahme zeigte — ein von vielen gehegter Wunsch erfüllt wurde. Am Sonntagmorgen früh um sieben Uhr rollten so drei Lastkraftwagen, die liebenswürdigerweise zur Verfügung gestellt wurden, sowie eine Reihe von Privatwagen, vollgeladen mit Luft- und Sonnenhungrigen, erwartungsvoll in den strahlenden Sonntag, einem noch unbekannten Ziele entgegen.

Die Fahrt glich streckenweise einer Berg- und Talbahn mit eingelegten kühnen Kurven, für die allerdings die wundervolle Bergwelt entschädigte.

Bald war das Ziel erreicht. Zur Auswahl des Platzes kann man die Leitung des Ausfluges nur beglückwünschen. Idyllisch gelegen, ein langgestreckter Wiesplatz mit Strand zum Fluss, der mit seinen vielen kleinen Stein- und Sandinseln für Schwimmer und Nichtschwimmer einen idealen Tummelplatz abgab, nicht zu vergessen einen richtigen Wasserschall, den kühne Schwimmer beiderlei Geschlechts aufsuchten, um sich einmal tüchtig zu duschen und untertauchen zu lassen.

Zwei von der Ausflugsleitung mitgebrachte Flossboote erfreuten den ganzen Tag Jung und Alt nie waren sie unbemannt und ständig von neuen Anwärtern umlagert.

Grosse und kleine Zelte wuchsen nach der Ankunft allerorts schlagartig aus dem Boden, und bald knisterte an einer schattigen Stelle

frische Kräfte geschöpft wurden, stiegen sportliche Spiele wie Laufen, Tauziehen usw., an denen Klein und Gross teilnahmen, und die



das Feuer für einen saftigen Churasco, den sachkundige Hände liebevoll zubereiteten.

Aber auch für den Durstigen ward Sorge getragen. Ein geräumiges, luftiges Zelt vereinte in seinem Schatten bald eine Schar fröhlicher Zecher, allzu verständlich, denn in der Hitze des strahlenden Sonntages ist so ein eiskühler Schopp wirklich nicht zu verachten.

Nachdem jeder sein Mittagessen in Gestalt eines riesigen Bratenstückes „gefasst“ hatte und durch die sich daran anschliessende Siesta

zu manch humorvoller Bemerkung Anlass boten. Zwei Schifferklaviere, meisterhaft gespielt, trugen noch wesentlich zur Erhöhung der Stimmung bei.

Erst auf der Heimfahrt merkte so mancher Teilnehmer, dass er sich in punkto Sonne wohl etwas allzuviel zugetraut hatte und wenn auch mancher am nächsten Tage seinen Kameraden verständnisvoll fragte: „Na, auch so verbrannt?“, so wurde doch von allen der Wunsch geäußert, hoffentlich steigt bald mal wieder so ein wunderschöner „Ausflug ins Blaue“!

Geschäftliche Nachrichten aus Rio de Janeiro

Für Bierfischzüchter und Aquariumsfreunde

bietet sich eine sehr günstige Gelegenheit. Der in Rio und weit darüber hinaus bekannte Zierfischzüchter Kd. Wilhelm Söhler, Rua Montenegro 71, Casa 3, bittet uns, bekanntzugeben, dass er seine weltbekannte Zucht verlegen oder sogar aufgeben muss, um Neubauten Platz zu machen. Es bietet sich hier für Liebhaber eine einmalige Gelegenheit, unter günstigen Bedingungen zu Raritäten in Fischen und Wasserpflanzen zu kommen. Im übrigen verweisen wir auf die diesbezügliche Anzeige in unserer vergangenen Ausgabe.

Bar und Restaurant „Buenos Aires“ in Rio de Janeiro

Wie aus dem Anzeigenteil hervorgeht, wurde von Frau Emma Hupe in der Rua Buenos Aires 56 ein erstklassiges Restaurant eröffnet. Sachkundig geleitet, verspricht dieses Restaurant sich hier bald einen ersten Platz zu erobern. Auch die Getränke sind dort ausgezeichnet gepflegt, wie man zur Eröffnungsfeier feststellen konnte. Wir wünschen Frau Hupe viel Erfolg. Beachten Sie bitte die entsprechenden Anzeigen im DM.

Mit den deutschen Truppen in Dänemark und Norwegen

Auf dem Weg nach Norden — Ziel Kopenhagen

Berlin, 10. (T.-O.) — Die Mitglieder der Propagandakompanien der Wehrmacht berichten über die Besetzung des dänischen Gebietes durch deutsche Truppen in den verschiedenen Phasen.

Der Berichterstatter Gerhard Schad schreibt u. a.: „Alles wickelte sich in der grössten Ruhe ab, für alle eine grosse Ueberraschung. Ruhig und ernst, als wenn es sich um eine gewöhnliche Uebung handelte, traten die Verbände an. Zur befohlenen Stunde setzte sich die erste Abteilung der Truppen in Richtung auf die dänische Grenze in Marsch. Kampfwagenverbände bildeten die Spitze, es folgten Abteilungen motorisierter Infanterie. Um 5.15 Uhr morgens zeigte eine Leuchtrakete den Beginn der Operationen an. Die ersten Stosstruppen überschritten die Grenze. Hierauf begann die ganze Division den Vormarsch, der mit unglaublicher Schnelligkeit durchgeführt wurde. Pattburg war die erste Ortschaft, die passiert wurde. Die Bewohner von Apenrade bereiteten uns einen herzlichen Empfang. Hin und wieder trafen wir kleine Gruppen von Gefangenen, die mit grösster Zuvorkommenheit behandelt wurden. Ein gefangener Hauptmann durfte seinen Revolver behalten. Unsere Kolonne marschierte recht lange an der Spitze der Division. Der Divisionskommandeur befand sich bei der Vorhut. Bei Hadersleben gab es einen kleinen Halt, als wir auf Truppen stiessen, die einen leichten Widerstand versuchten. Kurz darauf erschien deren Kommandant mit einem dänischen Offizier, hinter dem wir rasch in die Stadt eindringen.“

Ueber die Besetzung Kopenhagens schreibt Job Zimmermann: „Kopenhagen war am Dienstagmorgen Schauplatz einer Militärak-

tion, so durchschlagend und schnell, dass wir uns von dem Staunen noch nicht erholt haben. Kurze Zeit ging es mit höchster Geschwindigkeit durch das Wasser mit abgeblendeten Lichtern. Das Manöver war gefährlich und schwierig. Die Eisschollen schlugen gegen den Rumpf des Schiffes. Auf den Decks lagen die Soldaten. Im Speisesaal versammelte der Kommandant nochmals seine Offiziere und erklärte ihnen die militärische Lage mit Instruktionen. Schliesslich erschienen die ersten Lichter von Helsingör. Punkt 5 Uhr war das Schiff am Kai in Kopenhagen unter Wahrung grössten Schweigens angelangt. Die grossen Landungsrampen rasselten nieder, und kurz darauf traten die Abteilungen zum Vormarsch auf die Zitadelle an. Auf den ausländischen Schiffen, die neben unseren Transportern lagen, war keinerlei Leben zu bemerken. Auch auf einem Kreuzer war alles still. Im Eilmarsch ging es zur Zitadelle, deren Garnison überrascht wurde und keinen Widerstand leistete. Die Mehrzahl der Dänen versteht sehr wohl, dass die Haltung Englands zwangsläufig diese Aktion Deutschlands herausfordern musste, die nicht gegen Dänemark gerichtet ist, sondern nur eine Verteilungsmassnahme von lebenswichtiger Bedeutung gegen die englischen Methoden darstellt. Die Truppen-Sendestation sendet schnell die ersten Nachrichten. Die Reichsregierung verhandelt mit der dänischen Regierung. Unter den Besuchern unseres Kommandeurs sah man auch den dänischen Innenminister und den dänischen Generalstabschef. Die Aktion geht überall planmässig weiter. Dänemark hat die Bedingungen angenommen, es hat verstanden, dass wir nicht als Feinde in das Land gekommen sind.“

sen zu brechen, war der Auftrag, der unserer Staffel am frühen Nachmittag zufiel. Ueber Dänemark geht es dem Ziel entgegen. Wir fliegen sehr niedrig und haben bei unserem langen Flug Ruhe und Zeit genug, das Leben und Treiben unter uns zu beobachten. Bald hinter den deutschen Grenzen rollen endlose Wagenkolonnen auf der Landstrasse. Das müssen bereits unsere Truppen sein, die den ihnen angewiesenen Zielen zustreben. Wieder einmal ist der gigantische Apparat der deutschen Wehrmacht in Bewegung gesetzt. Was das bedeutet, das haben wir in Polen gezeigt. Auch Frankreich und England werden ihn noch weiterhin zu spüren bekommen.

Bald sind wir über dem weiten Wasser des Skagerrak. Regenschauer und Böen treiben ihr Spiel mit unserem Flugzeug. Nebelfetzen jagen an den Scheiben vorbei. Es ist kein schönes Wetter. Da, die norwegische Küste vor uns. Im selben Augenblick bricht die Sonne durch die Wolken und lässt das Wasser in Millionen Reflexen glitzern und glänzen. In seiner ganzen Schönheit liegt das norwegische Land mit seinen dunklen Fjorden, den gletscherbedeckten Bergen, sprudelnden und springenden Wasserfällen und winzig kleinen Landhäusern unter uns.

Mit höchster Geschwindigkeit geht es dem Ziel entgegen. Es ist ein befestigter Stützpunkt südlich Oslo, der unseren Streitkräften den Weg zur Stadt zu versperren versucht. Den Widerstand, der hier geleistet wird, müssen wir mit Waffengewalt brechen. Und nun greifen wir an. Unser Flugzeug jagt dicht über die Höhe, wird über der Festung bis auf 40 Meter heruntergedrückt, so dass Kasematten und Geschütze greifbar nahe scheinen, dann fallen die Bomben. Wir sehen es unten aufblitzen, Sprengstücke fliegen bis zu uns herauf. Wir sind



„Du musst immer denken: wir sind zwei und er ist bloss einer — das beruhigt!“

von heftigem Flakfeuer empfangen, ringsum krepieren Geschosse. Unsere Kabine ist vom Pulvergeruch erfüllt. Nun aber raus aus diesem Hexenkessel. Steil wird das Flugzeug hochgezogen, dann geht es über eine andere Höhe hinweg. Die Bomben haben gegessen. So greift ein Flugzeug nach dem anderen an. Heller Feuerschein und starke Rauchentwicklung zeugen von der vernichtenden Wirkung der Bomben. Wieder über dem Oslofjord bietet sich uns dann ein schönes Bild. Deutsche Seestreitkräfte ziehen dort unten in Kiellinie ihre Bahn. Wir haben diesen Kriegsschiffen den Weg nach Oslo freigemacht. Ihre Geschütze, die wir deutlich erkennen, haben leicht den restlichen Widerstand der Festung gebrochen.“

Schwere Artillerie-Batterien schützten die Einfahrt

Kopenhagen, 13. (T.-O.) — Wie kam es, dass am Dienstag früh plötzlich deutsche Truppen in den Strassen von Kopenhagen erschienen? Die beste Antwort hierauf gab dem TO-Vertreter Gerhard Halbritter der Führer des Kopenhagener Unternehmens selbst. Er sagte folgendes: „Die wohl schwierigste Situation für uns war die Einfahrt in den Hafen. Wir waren nun auf wenige Meilen bis an die Küste herangekommen. Ein vorausfahrender Handelsdampfer forderte einen Lotsen an. Mein Plan bestand nun darin, im Kielwasser des Handelsdampfers unbemerkt in den Hafen zu kommen. Da kommt vom Funk die Meldung, dass dem Handelsschiff von den dänischen Behörden der Lotse verweigert wird. Was nun? Wir wissen, dass die Einfahrt des Hafens von sechs schweren Artilleriebatterien geschützt ist. Wird der Däne Widerstand leisten? Nach den bisher vorliegenden Meldungen müssen wir damit rechnen. Es gibt nur wenige Sekunden zum Ueber-

legen. Hindurch! Wir müssen und werden unsere Aufgabe erfüllen... wir sind auf alles gefasst. Immer näher kommen wir den dänischen Batterien — wie ein Gespenst gleiten wir daran vorbei — soviel wir auch beobachten, keine Bewegung, dort liegt alles in tiefem Schlaf. In schneller Fahrt führt der Kapitän das Schiff sicher, wie auf der ganzen Fahrt, direkt an die Lange Linie heran. Zwei Anlegesteg, die meine Leute in der Nacht gezimmert hatten, ermöglichen es den Truppen, in Marschordnung an Land zu kommen, so dass innerhalb kürzester Frist das Ausladen beendet ist. Während die ersten Radfahr- und Pioniertruppen sich auf Kastell zu vorarbeiten, die ersten Sicherungsspätruppen mit ihren Maschinengewehren durch die Strassen laufen, hat der Kapitän bereits ein Prisenkommando zu den Kriegsschiffen geschickt. Dann kommt die Meldung, dass die Kriegsschiffe fest in unserer Hand sind.“

Start im Morgengrauen

Berlin, 11. (T.-O.) — Ueber das zur Brechung des Widerstandes notwendige Bombardement der Festungsanlagen südlich der norwegischen Hauptstadt Oslo erhält TO vom Kriegsberichterstatter Hans Seidat folgenden Erlebnisbericht:

„Seit den frühen Morgenstunden herrscht auf unserem Flugplatz ein Betrieb, wie wir ihn bisher noch nicht kannten. In Minutenabständen startet seit dem ersten Morgengrauen Flugzeug auf Flugzeug. Diesmal geht es nicht nach England. Heute gilt es, blitzartig alle militärisch wichtigen Punkte Dänemarks und Norwegens bis in den hohen Norden hinauf durch deutsche Truppen zu besetzen. Der Führer hat beschlossen, den Kriegserweiterungsplänen der Westmächte im Norden ein für allemal ein Ende zu bereiten. Gegen Mittag kehren die ersten Flugzeuge nach Erfüllung ihres Auftrages zurück. Sofort werden die Flugzeuge wieder klargemacht. In der Pause bis zum nächsten Start erzählen die Flieger von ihren Landungen auf dänischen und norwegischen Flugplätzen, wie sie hier noch leichten Wider-

stand brechen mussten und dort von der Bevölkerung freundlich begrüsst wurden. Auch die Jagdflieger haben ihren grossen Tag. Sie sind heute unermüdlich in der Luft, sie wachen an der Küste und in der Deutschen Bucht, dass der planmässige Ablauf der deut-



schen Massnahmen nicht durch feindliche Kampfflugzeuge gestört wird.

Während sich die Stadt Oslo selbst bereits ergeben hat, leisten noch die Befestigungen südlich der Stadt Widerstand. Die-

Hauptversammlung

des Vereins Deutsches Krankenhaus São Paulo

Am 15. April fand im Heim der Gesellschaft Germania die diesjährige ordentliche Hauptversammlung des Vereins Deutsches Krankenhaus statt. Im Namen des Vorstandes hiess der 1. Vorsitzende, Herr Ch. Obert, alle Erschienenen willkommen und begrusste namentlich den Vertreter des Reiches, Herrn Konsul Boll, das Ehrenmitglied des Vorstandes, Herrn A. Weissflog, sowie die Vertreter des Deutschen Hilfswerks und der Presse. Nach Verlesung des Verhandlungsberichtes über die vorjährige Hauptversammlung vom 24. April 1939 erstattete Herr Obert zu Punkt 1 der Tagesordnung den folgenden Bericht über das am 31. Dezember 1939 abgelaufene Geschäftsjahr:

„Erklärlicherweise stand auch das abgelaufene Berichtsjahr, angesichts der umfangreichen Anforderungen, die der grosse Krankenhausbetrieb mit sich bringt, wieder im Zeichen fleissiger und hingebungsvoller Arbeit, die von unserer Oberschwester Gerda Ziefer, unserer Schwesternschaft und dem Personal im allgemeinen, wie aber auch von der Verwaltung und dem Vorstand in ernster und gewissenhafter Pflichterfüllung geleistet worden ist.“

Zu den manigfachen technischen und wirtschaftlichen Fragen die in Erscheinung treten und täglich gelöst werden müssen, sind noch neue, insbesondere gesetzliche Vorschriften und Verordnungen gekommen, denen der Krankenhausbetrieb nachkommen muss und die nicht nur eine erhöhte Arbeitsleistung, sondern auch eine neue finanzielle Belastung mit sich bringen werden.

Ich erwähne nur das Zweidrittelgesetz, das jetzt auch voll und ganz auf Hospitaler Anwendung findet und selbst für unsere Rote-Kreuz-Schwester keine Ausnahmestellung mehr einräumt.

Ferner haben wir das Dekret Nr. 10068 zu erfüllen, nach dem das Pflegepersonal inklusive der Rote-Kreuz-Schwester in portugiesischer Sprache eine neue Prüfung ablegen müssen, um von den brasilianischen Behörden ein Diplom zu erhalten, ohne das nach dem 22. März 1941 niemand mehr den Krankenpflegerberuf ausüben darf.

Dass jedes einzelne Diplom mit Rs. 400\$ bezahlt werden muss, sei nur nebenbei bemerkt. —

Obgleich im Deutschen Krankenhaus natürlich alles getan wird, jedweder gesetzlichen Vorschrift oder Verordnung nach Sinn und Geist nachzukommen, kann doch erst die nächste Zukunft zeigen, wie weit es unserer Oberschwester und dem Vorstand gelingen wird, mit der restlosen Durchführung dieser beiden Dekrete fertig zu werden.

Seit dem 1. Oktober 1939 hält Herr Dr. Vieira de Camargo bereits einen Krankenpfleger-Kursus zur Vorbereitung für die Ablegung des staatlichen Krankenpfleger-Diploms; ebenso sind wir bezüglich des Zweidrittelgesetzes in der Umstellung begriffen, haben aber noch eine grössere Frist bis zur in-

Krafttretung dieser beiden wichtigen Gesetze vor uns.

Entschuldung

Wie allgemein bereits bekannt und auch aus meinen vorausgegangenen Jahresberichten für 1937 und 1938 hervorgeht, hatten die vom Deutschen Hilfswerk am 31. August 1936 eingeleiteten Hilfs- und Sammel-Aktionen zur Entschuldung des Krankenhausbetriebes einen beispiellos dastehenden Erfolg. — Es wurden weit über 1.500 Contos gezeichnet und auf das Konto des Deutschen Hilfswerkes eingezahlt. Von diesem Betrag hat das Deutsche Hilfswerk dem Verein Deutsches Krankenhaus bisher Rs. 1:520:498\$000 zur Verfügung gestellt.

Dank dieser grossen Hilfe ist es nicht nur möglich gewesen, den neuen Röntgen-Apparat zu bezahlen, sondern auch von der das Krankenhaus belastenden Hypothek, 1:347:500\$000 zu amortisieren.

Damit ist die am 29. Oktober 1934 angenommene Hypothek zugunsten der Caixa Economica Federal bis auf 52:500\$000 getilgt worden.

Dieser Restbetrag ist heute schon auf der Bank verfügbar und soll am 29. April, also Ende dieses Monats, bezahlt werden. —

Gemäss den zwischen Hilfswerk und Deutschem Krankenhaus getroffenen Vereinbarungen und im Sinne und Geist der Sammlung selbst, muss nach Rückzahlung der Hypothekenschulden an die Caixa Economica Federal vom Verein Deutsches Krankenhaus dem Verein Deutsches Krankenhaus eine Hypothekarische Sicherheit gegeben werden.

Diese neu einzutragende Hypothek ist im Einvernehmen mit dem Vorstand des Deutschen Hilfswerkes auf 1:500 Contos festgesetzt, während der erhaltene Mehrbetrag weiter als Konto-Korrent-Guthaben dem Deutschen Hilfswerke in unseren Büchern kreditiert wird.

Unter Punkt 5 der heutigen Tagesordnung werde ich auf die neu einzutragende Hypothek nochmals zurückkommen, da der Vorstand Wert darauf legt, dass die Hauptversammlung zur Eintragung derselben nochmals ausdrücklich seine Zustimmung gibt.

Dekret Lei 383

In Anschluss an meine Berichterstattung in der ordentlichen Hauptversammlung für 1938 habe ich heute mitzuteilen, dass unser Gesuch vom 21. September 1938 — Guia do protocolo Nr. 841 — mit dem wir um Legalisierung unserer Situation nachgesucht haben, auch bis zum heutigen Tag noch nicht entschieden worden ist. Auf meine briefliche Rückfrage hat mir Herr Dr. Hernani Reis, Sekretär des Herrn Innen- und Justizministers Dr. Francisco de Campos, am 24. Januar 1940 mitteilen lassen, dass demnächst eine Prüfung unseres Gesuches stattfinden und entsprechende Antwort erfolgen soll.

KOMMT UND PFLEGT MIT UNS DAS
DEUTSCHE LIED

GESANGVEREIN LYRA — RUA ITAPIRÚ 385 — RIO
CHORPROBEN: MITTWOCHS AB 20 UHR ABENDS



Kaufmännische Verwaltung

Ende des Berichtsjahres hat uns unser kaufmännischer Verwalter, Herr Fritz Buchmann, wieder verlassen, und hat der Vorstand in Herrn Otto Loeben eine geeignete und sehr gut empfohlene Kraft gefunden, der er ab 3. April 1940 die verantwortungsvolle Aufgabe, die an den kaufmännischen Leiter gestellt wird, übertragen hat.

Neuanschaffungen und Verbesserungen

Erhebliche Beträge wurden auch im Berichtsjahre wieder für Ergänzung der Wäschebestände, der chirurgischen Instrumente und des Inventars allgemein, verausgabt. Ferner konnte eine der dringlichsten Verbesserungen des Schwestern- und Personalhauses durch den Anbau eines Flügels mit Bade- und Toiletten-Räumen durchgeführt werden.

Ich muss aber hervorheben, dass mit dieser, wenn auch wesentlichen Verbesserung, unser Schwestern- und Personal-Haus immer noch weit davon entfernt ist, den Ansprüchen und den Anforderungen vollauf zu genügen.

Es ist daher Absicht des Vorstandes, dem schon im letzten Jahresbericht eingehend begründeten umfangreichen Umbau-Vorschlag wieder näher zu treten, und zwar sobald Mit- und durch den Anbau eines Flügels mit Bade- und Toiletten-Räumen durchgeführt werden.

Genau so dringlich wie die Verbesserung des Schwestern- und Personal-Hauses ist auch eine zeitgemässe technische Verbesserung der Operationssäle, und hat es sich der Vorstand zur Aufgabe gemacht, auch diese nach den Wünschen und Ratschlägen der im Krankenhaus arbeitenden Ärzte, sobald als möglich durchzuführen.

Laboratorium: — Der seit vielen Jahren, sowohl von unseren Ärzten als auch von dem Vorstand gehegte Wunsch, ein Laboratorium einzurichten, konnte endlich erfüllt werden. Durch den Umbau im Schwesternhaus wurde ein Raum im Pavillon frei, der mit verhältnismässig wenigen Mitteln geeignet und zweckentsprechend hergerichtet werden konnte. Das Wichtigste für die Einrichtung war schon aus früheren Anschaffungen vorhanden und das Fehlende ist mit verhältnismässig kleinen Kosten ergänzt worden. Wie schon seit Jahren vorgesehen war, steht das Laboratorium unter der Leitung von Herrn Geheimrat Prof. Dr. Ficker und auch Herr Prof. Dr. Büngler hat uns in schätzenswerter Weise seine Unterstützung zugesagt. Auf Grund dieser Zusammenarbeit verfügen unsere Herren Ärzte jetzt über ein Laboratorium, welches allen Anforderungen in wissenschaftlicher und praktischer Hinsicht genügt. In diesem können folgende Untersuchungen ausgeführt werden: Bakteriologische, Serologische, und chemische Blutuntersuchungen, sämtliche Analysen, die üblichen klinisch-chemischen Bestimmungen, ferner histologische Untersuchungen aller Art. — Als Laborantin ist unsere Roentgen-Schwester Lisa Horn tätig, die schon in Deutschland als solche geprüft und im Laboratorium vom Geheimrat Prof. Dr. Ficker jetzt noch ergänzend vorbereitet und ausgebildet worden ist. Für die Einrichtung des Laboratoriums und die Ausbildung der Laborantin war massgebend, den Ärzten und Patienten die Möglichkeit zu geben, dass dringliche Untersuchungen sofort gemacht werden können, ehe sich zum Beispiel das Material zersetzt (wie beim Stuhl), ferner eilige Untersuchungen für Operationen (Urin und Eiweiss und Sediment, sowie Blutgerinnung). Die wichtigsten Untersuchungen bei Infektionen (Blutpräparate bei Malaria, Diphtherie Abstriche, Urin, Sputum, etc.). — Der Vorstand freut sich, dass nunmehr alle an ein modernes Laboratorium zu stellende Ansprüche im Deutschen Krankenhaus erfüllt werden können und hofft, dass sich das Laboratorium selbst, sowohl für unsere Herren Ärzte als auch für unsere Patienten als segensreiche Hilfe in der Krankenbehandlung auswirken wird.

Chacara Eldorado

Wie im letzten Jahresbericht für 1938 bereits bekannt gegeben worden ist, hatte der Vorstand die dem Krankenhaus gehörende Chacara „Eldorado“ am 1. Juli 1938 an Herrn Erich Kunert vermietet, der dafür zuletzt eine monatliche Miete von 200\$000 zahlte. —

Von dem Herrn Kunert eingeräumten Vorkaufrecht hat er insofern Gebrauch gemacht, als er jetzt ein schriftliches Kaufangebot einreichte, welches wir unter Punkt 5 der heutigen Tagesordnung der ordentlichen Hauptversammlung zur Stellungnahme und Abstimmung vorliegen werden.

Kranken-Frequenz

Im Berichtsjahr fanden im Deutschen Krankenhaus 2855 Patienten Aufnahme. Von den aufgenommenen Kranken wurden 1380 als Privat- und 1475 als Kassen-Patienten behandelt. Im Jahre 1938 war dieses Verhältnis 1536 respektive 1628. Die Kranken verteilen sich auf die einzelnen Klassen, wie folgt:

1. Klasse 438 Privat- u. 31 Kassenpatienten
2. Klasse 543 Privat- u. 213 Kassenpatienten
3. Klasse 399 Privat- u. 1231 Kassenpatienten

Von den Privat-Patienten waren: 466 Männer, 775 Frauen und 139 Kinder.

Von den Kassen-Patienten waren: 1089 Männer, 350 Frauen und 36 Kinder.

Nach Nationalitäten verteilt, ergab sich folgendes Bild:

Brasilianer	1430	gleich	50.02	vH.
Deutsche	594	„	20.80	„
Portugiesen	241	„	8.45	„
Italiener	137	„	4.80	„
Spanier	57	„	2.00	„
Japaner	53	„	1.85	„

Litauer	42	gleich	1.47	vH.
Jugoslawen	26	„	—91	„
Ungarn	23	„	—81	„
Polen	22	„	—77	„
Russen	22	„	—77	„
Rumänen	19	„	—67	„
Schweizer	17	„	—60	„

Operationen wurden 2410 vorgenommen. Im Gipsaal fanden 367 Behandlungen statt. Die Zahl der Geburten stieg auf 136. Die Zahl der Todesfälle betrug 110.

Bergünstigungen für Minderbemittelte und mittellose Hilfsbedürftige

Minderbemittelten und an Vergünstigungen kamen den verschiedensten Klassen- und Wohlfahrts-Institutionen etc., im Berichtsjahr 1939 56:142\$200 gegen 42:089\$700 im Jahre 1938 zugute, davon:

Deutschen und Deutschstämmigen 43:873\$800 gegen 34:585\$500 im Vorjahre.

Anderen Staatsangehörigen: 12:268\$400 gegen 7:507\$200 im Vorjahre.

Wie sehr das Deutsche Krankenhaus bemüht ist, Unbemittelten und sozialen Wohlfahrtsinstitutionen zu helfen, beweisen am besten die ständigen Leistungssteigerungen, die sich von

16:943\$300	im Jahre 1936, auf
34:562\$400	im Jahre 1937,
42:189\$700	im Jahre 1938, und
56:142\$200	im Jahre 1939 erhöht haben.

Stiftungen und besondere Zuweisungen

Auch im Berichtsjahr 1939 sind dem Deutschen Krankenhaus von Freunden und Gönnern wieder wertvolle Stiftungen zugegangen, für die der Vorstand auch an dieser Stelle den Gebern herzlichen Dank zum Ausdruck bringt.

Eingegangen sind:	
von Daniel Heydenreich-Stiftung	3:000\$000
von Herrn Alfredo Cerquinho	2:000\$000
von Herrn Konsul Uebele	1:000\$000
vom Eintopffessen in Ribeirão Pires	200\$000
von Herrn Dr. Richard Heise	200\$000
von Herrn Geheimrat Prof. Dr. Ficker	100\$000
von Frau L. S. Beckmann	100\$000
von Frau Margarete Deike	100\$000
und an verschiedenen kleinen	
Zuweisungen von insgesamt	583\$500
Total:	7:283\$500

Weihnachten 1939

Getreu den Ueberlieferungen und dem schönen deutschen Brauch hat Oberschwester und Schwesternschaft auch für Weihnachten 1939 eine Feier vorbereitet, die einen ganz besonders stimmungsvollen und weihnachtlichen Verlauf genommen hat.

Mit viel Liebe und Mühe war jede einzelne Station, jedem einzelnen Zimmer und den Hallen und Gängen des Krankenhauses das weihnachtliche Gepräge eines deutschen Weihnachtsfestes verliehen. Allen Kranken und allen Mitarbeitern wurde eine kleine oder grössere Liebesgabe beschert. Zahlreiche schön geschmückte Weihnachtsbäume strahlten in ihrem Lichterglanz und die schon dadurch erreichte feierliche Stimmung wurde noch erhöht durch die innigen Weisen deutscher Weihnachtslieder, auch diesmal wieder vom Pflegepersonal eingeübt und vorgetragen. Ausser der Mehrzahl der im Krankenhaus tätigen Ärzte waren auch diesmal wieder viele Freunde und Gönner des Deutschen Krankenhauses erschienen, die ohne Ausnahme von der schönen Feier sichtlich beeindruckt waren.

Legat Zerrenner

Wie in der Zwischenzeit bereits allgemein bekannt geworden ist, sind nunmehr berechnete Aussichten vorhanden, dass der Verein Deutsches Krankenhaus noch im Laufe dieses Jahres in den Genuss des wertvollen Vermögens gelangt, welches der verstorbene Herr General-Konsul, Kommandador Zerrenner und seine verstorbene Gemahlin, Frau Helena Zerrenner in hochherziger Weise dem Krankenhaus ausgesetzt haben.

Nach einer am 22. Dezember 1939 notariell festgelegten Einigung zwischen der Anton Zerrenner-Stiftung, der Antonio und Helena Zerrenner-Stiftung, der Fundação Antonio und Helena Zerrenner, sowie den Testament-Vollstreckern und den Nachlassverwaltern sind die anhängig gemachten rechtlichen Auseinandersetzungen endgültig beigelegt worden und sollen, gemäss dem Willen der beiden Entschlafenen, alle Legate und Vermächtnisse bis spätestens 22. Dezember 1940 ausbezahlt werden.

Besuche

Von den vielen Besuchen mit denen das Krankenhaus im Berichtsjahre beehrt worden ist, gibt der Vorstand mit besonderer Freude den Besuch von Prinz und Prinzessin von Schaumburg-Lippe, der am 19. Juni 1939 stattfand, sowie den Besuch unseres neuen Botschafters, Herrn Dr. Kurt Prüfer, der uns die Ehre am 21. Januar d. J. erwies, bekannt.

Der Vorstand schätzt und anerkennt das mit diesen Besuchen dem Deutschen Krankenhaus zum Ausdruck gebrachte Interesse und sieht darin, insbesondere für Oberschwester und Schwesternschaft einen erneuten Ansporn zur Erfüllung ihrer verantwortungsvollen Aufgabe.

Mitglieder-Bewegung

Unser Mitgliederbestand ist auch im Berichtsjahr leider wieder zurückgegangen, und zwar auf 102 Mitglieder.

Obleich sich der Vorstand seit Jahren Mühe gibt, der grossen deutschen Kolonie und ihren vielen Freunden, das Deutsche Krankenhaus, seinen fortschrittlichen Entwicklungs- und Ausbaugang, wie auch seine grosse soziale Bedeutung, näher zu bringen und weitere Kreise als Mitglieder zu gewinnen, muss mit lebhaftem Bedauern festgestellt werden, dass bis auf 102 Mitglieder, alle nach wie vor abseits stehen. Es ist dies so unerklärlich und unerfreulich, weil man doch erwarten sollte, dass sich die deutschsprechende Kolonie und deren Freunde mit Stolz zu einem so schönen und mustergültig geleiteten Krankenhausbetrieb bekennen und dem Verein als Mitglied angehören möchten. Für den geringen Monatsbeitrag von 13\$300, der es jedem ermöglicht beizutreten, werden den Mitgliedern aber auch noch besondere Vorteile und Vergünstigungen bei etwaigen Krankenfällen geboten und möchte ich heute an die deutschsprechende Kolonie und alle Freunde und Gönner wiederholt den Appell richten: „Meldet Euch an als Mitglieder in den Verein Deutsches Krankenhaus“.

Der Verein hat im Berichtsjahre 1939 leider drei sehr geschätzte und treue Mitglieder durch den Tod verloren.

Unsere Toten, denen wir ein ehrendes Andenken bewahren werden, sind: Herr Ernesto Fraundorf, Herr Alexander Behmer und Herr Julius Flohr.

Ich bitte die Anwesenden sich im stillen Gedenken an die Toten von den Plätzen zu erheben.

Ärzteschaft

Weit mehr als fünfzig Ärzte geben heute dem Deutschen Krankenhaus den Vorzug für die Behandlung und die Pflege Ihrer Kranken.

In harmonischer Zusammenarbeit sind Oberschwester und Vorstand bemüht, sich dieses Wohlwollen auch für die Zukunft zu erhalten, indem unsere Bemühungen weiter gehen um die Leistungen zu steigern, sowohl in bezug auf die Krankenpflege, technische Verbesserung im Krankenhausbetrieb, oder durch weitestgehendes Eingehen auf alle erfüllbaren Wünsche.

Mit unserem Dank an die Ärzteschaft für das dem Deutschen Krankenhaus entgegengebrachte Wohlwollen verbinden wir auch unseren besonderen herzlichen Dank an Herrn Privat-Dozent Dr. Erich Müller Carioba, der sich in anerkennenswerter und liebenswürdiger Weise für das Amt eines Director Clinico dem Deutschen Krankenhaus zur Verfügung gestellt hat und uns nun schon im dritten Jahr mit seinem wertvollen Rat und seinem fachmännischen Urteil unterstützt und zur Seite steht.

An dieser Stelle muss ich aber auch in Erfüllung einer ersten Pflicht an einen schweren Verlust erinnern, der die Ärzteschaft im allgemeinen und das Deutsche Krankenhaus im besonderen getroffen hat.

Durchgeführt

Das Wichtigste der Woche
Aus dem Transocean-Dienst (Agencia Uema)

Berlin, 10. — Nach amtlicher Mitteilung benutzte die deutsche Luftwaffe den heutigen Tag, um sich in ihren Standorten in Norwegen und Dänemark einzurichten. Vor den Küsten beider Länder sowie in breiter Front über der gesamten Nordsee wurden Ueberwachungsflüge durchgeführt.

Berlin, 10. — Von zuständiger Stelle wird der heutige Wehrmachtsbericht durch den besonderen Hinweis ergänzt, dass das deutsche Heer im Herbst vergangenen Jahres achtzehn Tage zur Vernichtung der polnischen Armee benötigte und jetzt in einem Zeitraum von achtzehn Stunden den militärischen Schutz der Neutralität Norwegens und Dänemarks übernommen hat.

Berlin, 10. — Am 8. und 9. April wurden zwei britische Sunderland-Flugzeuge nahe den Shetland-Inseln und über Oslo von deutschen Jagdflugzeugen abgeschossen. Die Sunderland-Maschinen sind viermotorige Aufklärungsapparate mit mehreren beweglichen Maschinengewehren und sechs bis acht Mann Besatzung. Sie erreichen eine mittlere Geschwindigkeit von 320 Stundenkilometern bei einem Aktionsradius von 3000 Kilometern; von den Briten wurden sie als unbezwinglich dargestellt.

Brüssel, 10. — Der französische Ministerpräsident Reynaud erklärte vor dem Senat in einer stark optimistisch gefärbten Rede, dass Deutschland während des Krieges „nicht eine einzige Tonne Eisenerz“ aus Narvik erhalten werde.

Washington, 10. — In einer Neutralitäts-Proklamation des Präsidenten Roosevelt wurde amerikanischen Schiffen verboten, norwegische Häfen, sowie das russische Murmansk, Archangelsk u. a. anzulaufen. Die bisherige Verbotsgrenze der USA-Schiffe reichte nur bis Bergen. Amerikanische Bürger dürfen nicht auf Schiffen Kriegführender reisen.

Stockholm, 10. — Der Fährverkehr zwischen Dänemark und Schweden auf der Strecke Kopenhagen—Malmö wurde heute Mittag wieder aufgenommen.

Oslo, 10. — In Norwegen haben alle Schulen die Anweisung erhalten, den Unterricht auch weiterhin fortzusetzen, sofern die Schulgebäude nicht für die Truppen gebraucht werden. In der Hauptstadt Oslo nimmt das Leben wieder seinen gewohnten Fortgang. In den Fabriken wurde die Tätigkeit wieder aufgenommen. Geschäfte, Theater, Restaurants und Kinos sind geöffnet. Die norwegi-

Durch ein tragisches Schicksal verlor Herr Dr. Alvaro F. Guilo, secretario da Educação e Saude Publica, im blühenden Mannesalter sein Leben und um ihn trauern seine Familie, ungezählte Freunde und auch wir. Wie seit einer hat er es verstanden in allen Kreisen, mit denen er in Berührung kam, ob seiner edlen Charaktereigenschaften, seines grossen Wissens und Könnens und seiner ständigen Hilfsbereitschaft, die grösste Beliebtheit und Verehrung zu gewinnen.

Das Deutsche Krankenhaus betrauert aufrichtig den Tod dieses grossen Menschen und Arztes, der ihm seit langen Jahren mit Rat und Tat bereitwilligst zur Seite gestanden hat und wird ihm ein unauslöschliches Andenken bewahren.

Der Vorstand wird am Mittwoch, den 17. April um 10 Uhr vormittags in einer kleinen Feierstunde das Bild des Verstorbenen im Aertz-Zimmer des Deutschen Krankenhauses anbringen und Herr Dr. Pedros Filho so liebenswürdig sein, einige Gedenkworte zu sprechen.

Schon heute möchte ich unsere Mitglieder bitten, dieser Feierstunde möglichst zahlreich beizuwohnen.

Im Gedenken an den Entschlafenen bitte ich die Anwesenden, sich von den Plätzen zu erheben.

Bevor ich meinen Bericht schliesse, möchte ich die dankbare Aufgabe erfüllen, unserer Oberschwester Gerda Ziefer, unseren Rote-Kreuz-Schwester sowie dem Pflege-Personal und der Belegschaft im allgemeinen die Anerkennung sowie den Dank des Vorstandes zum Ausdruck zu bringen, für die im Berichtsjahr wieder geleistete verantwortungsvolle und pflichtgetreue Mitarbeit.

Nach dem einstimmig angenommenen Geschäftsbericht gab Herr Dr. Wieland den Kassenbericht und Herr Karl Fürst den Bericht des Aufsichtsrates. Dem Vorstand wurde für das Geschäftsjahr 1939 einstimmig Entlastung erteilt. Ebenso erfolgte die einstimmige Wieder- bzw. Neuwahl folgender Herren gemäss dem Vorschlag des Vorstandes:

2. Schriftführer: Herr Dr. G. H. Nick; 2. Schatzmeister: Herr Ernst Steinkopf; Beisitzer: Herren Kurt Fevabend und Georg Mitteldorf; für den Aufsichtsrat: Herren Dr. Martin Spremberg, Karl Fürst und Prof. Walter Buengler.

Herr Oberst schloss die Hauptversammlung nach Behandlung verschiedener Fragen unter Punkt Verschiedenes der Tagesordnung, die eine längere Aussprache auslösten. Dem auscheidenden Vorstandsmitglied Herrn Direktor Starke der seine Wiederwahl aus Gesundheitsrücksichten ablehnen musste, sprach der Vorsitzende für seine stets wertvolle fachmännische Beratung seinen besonderen Dank aus. Herr Schädlich sprach im Namen aller Anwesenden, als er dem Vorstand des Vereins Deutsches Krankenhaus für seine stete Einsatzbereitschaft Dank und Anerkennung zum Ausdruck brachte.

schen Behörden arbeiten mit den deutschen Militärstellen zusammen.

Berlin, 11. — Nachdem in vergangener Woche ein britisches Unternehmen zur Sprengung und Blockierung des Eisernen Tores, eines Felsenpasses der Donau, in letzter Stunde verhütet werden konnte, sind jetzt zwischen Vertretern Deutschlands und der Balkanstaaten Verhandlungen zur Sicherung der Donauschiffahrt aufgenommen worden.

Berlin, 11. — Bei der überraschenden Besetzung von Bergen konnten die deutschen Truppen fünf britische Transportdampfer beschlagnahmen, die unter dem Deckmantel „Hilfe für Finnland“ Geschütze, Maschinengewehre sowie Munition an Bord hatten und für die britischen Landungstruppen nach Norwegen vorausgeschickt waren.

Rom, 11. — Die Drohung des britischen Blockadeministers Cross, die Verbindung der



Ein köstlicher Nachtisch
ist der wohlgeschmeckende und leichtverdauliche

OETKER-PUDDING
(Pudim Alemão)

in folgenden Geschmacksarten: Ananas, Erdbeer, Himbeer, Koks, Mandel, Zitrone, Vanille, rote Gruetze, Sahne-pudding und Gala-Schokoladenpudding.

Oetker — Pudding ist jetzt auch in Tuetenpackung zum Preise von nur 600 rs. erhältlich (Mit Sossenspulver 800 reis)

Die weltbekannten Oetker-Preparate „Fermento Alemão Backin“, Dr. Oetker's — Vanillin Zucker, Dr. Oetker's — „Gustin“ u. „Fariha Baby“ sind in allen guten Lebensmittelgeschäften stets zu haben.

Alleinhersteller in Brasilien:
WALTER HUSMANN
São Paulo — Caixa Postal 2599

jugoslawischen Häfen mit Deutschland abzuschneiden, hat in italienischen Kreisen großes Aufsehen erregt. Rom hat an der Sicherung der Adria-Schiffahrt ein ganz besonderes Interesse.

Deutsche Bombenflugzeuge greifen an

Berlin, 11. — Nach amtlicher Mitteilung griffen deutsche Bombenflugzeuge heute abend trotz schlechten Wetters einen starken Verband britischer Seestreitkräfte, 200 Kilometer westlich von Trondheim, an. Trotz heftiger Flakabwehr wurde ein Flugzeugträger durch einen Volltreffer schwer beschädigt. Dichte Rauchwolken stiegen auf. Ein Kreuzer erhielt zwei Bomben, während weitere Schiffe havariert wurden. Die deutschen Flugzeuge erlitten keine Verluste.

Berlin, 11. — Winston Churchill enttäuschte die Unterhausmitglieder am heutigen Nachmittag mit der Erklärung, dass die Engländer an keiner Stelle in Norwegen Truppen landen konnten. Seine Mitteilung über den Verlust eines Schlachtschiffes wird von deutscher Seite mit der Feststellung beantwortet, dass es sich um die „Rodney“ handele, die bereits am 16. März durch deutsche Fliegerbomben in Scapa Flow schwer beschädigt wurde. Churchill benutzte die Gelegenheit nur, um angesichts der erneuten Niederlage der Briten an der Küste Norwegens sich von einer älteren Gewissensbelastung zu befreien. Die „Rodney“ war 34.000 Tonnen gross, hatte 9 Geschütze von 40,6 cm, 12 zu 15,2 cm, 6 schwere und 16 leichte Flak, 4 Geschütze zu 4,7 cm, 8 Maschinengewehre, 2 Torpedolancierrohre und 2 Flugzeuge an Bord.

Oslo, 11. — In der britischen Gesandtschaft fanden die deutschen Truppen eine Anzahl von Geheimdokumenten, die bei der Flucht des britischen Personals nicht mehr vernichtet werden konnten; die Absichten der Alliierten, Norwegen zu besetzen, geht daraus einwandfrei hervor.

Oslo, 11. — Aus deutschen Frachtern wurden heute früh neue Truppen, Tanks, Panzerwagen sowie Artillerie schwersten Kalibers gelöscht, welche die grösste Bewunderung der Bevölkerung hervorriefen. Eine deutsche Militärkapelle gab vor einer ungeheuren Menschenmenge ein zweistündiges Konzert.

Oslo, 11. — Die deutschen Truppen in den norwegischen Städten bezahlen ihre Käufe mit Darlehenskassenscheinen der Deutschen Reichsbank, die zur norwegischen Krone im Kursverhältnis 2:3 stehen. Reichsbanknoten haben im norwegischen Zahlungsverkehr keine Gültigkeit.

Moskau, 11. — Die Moskauer Presse bringt der deutschen Aktion in Skandinavien grosses Verständnis entgegen. In einem Leitartikel der halbamtl. „Iswestija“ heisst es u. a.: „Mit Klagen darüber diskutieren wollen, ob die deutsche Aktion legal oder illegal gewesen ist, nachdem die Souveränität der skandinavischen Länder durch Frankreich und England zum Schaden der Interessen Deutschlands verletzt worden war und durch welche die Handlungsweise des Reiches erst ausgelöst wurde, heisst sich lächerlich machen. Der Krieg hat seine besondere Logik, um sie gegen den Gegner zu werfen, dann kann dieser sie nicht ruhig hinnehmen, ohne damit Selbstmord zu begehen.“

Berlin, 12. — Bei einem kühnen deutschen Handstreich gegen überlegene norwegische Truppen gelang in der Nacht vom 9. zum 10. April die Entwertung mehrerer Bataillone mit insgesamt 80 Offizieren.

Lodz, 12. — Gauleiter Greiser gab auf einer Grosskundgebung bekannt, dass Lodz auf Anordnung des Führers von jetzt ab Litzmannstadt heissen werde. General Litzmann war bekanntlich der Sieger in der Durchbruchschlacht von Brzeziny bei Lodz während des Weltkrieges und stand später als einer der ersten in den Reihen des Führers.

Lima, 12. — Zwei dänische Schiffe haben sich in den Hafen von Callao geflüchtet, nachdem die britische Admiralität die Aufbringung aller dänischen und norwegischen Schiffe befohlen hat.

Kopenhagen, 12. — Die deutschen Militärbehörden tun alles, um zu vermeiden, dass die dänische Zivilbevölkerung durch die Besetzung des Landes Unannehmlichkeiten erfährt. So sind aus Deutschland mehrere Züge mit Lebensmitteln eingetroffen, die Proviant für die Besatzungstruppen heranschaffen. — Die dänischen Arbeiter-Gewerkschaften richteten an ihre Mitglieder einen Aufruf, an den Arbeitsplätzen zu bleiben und der gewohnten Beschäftigung nachzugehen.

Deutsche Warnung

Berlin, 12. — Britische Flugzeuge haben einen kleinen Bahnhof in Schleswig-Holstein mit Bomben angegriffen. Menschenleben sind nicht zu beklagen. Der Sachschaden ist gleichfalls nur gering. Dennoch wurde dieser Angriff vom Sprecher des Auswärtigen Amtes vor Vertretern der Auslandspresse als ein Ausdruck der britischen Kriegsführung hervorgehoben, der vom Reich zu jeder Stunde in gleicher Masse vergolten werden kann. Die gesamte deutsche Presse misst diesem Fall eine ernste Bedeutung zu und wiederholt die Warnung des Führers vom 1. September vergangenen Jahres, als er sagte: „Ich will keinen Krieg gegen Frauen und Kinder führen. Ich habe der Luftwaffe Befehl gegeben, ihre Angriffe auf militärische Anlagen zu beschränken. Wenn jedoch der Gegner glaubt, hierin einen Freibrief zu sehen, um seinerseits mit entgegengesetzten Methoden zu kämpfen, dann wird er eine Ant-

wort erhalten, die ihm die Lust zu weiteren Angriffen vergehen lassen wird.“

Berlin, 12. — In der Ergänzung des Wehrmachtsberichts vom 12. April wird darauf hingewiesen, dass die ausgezeichnete Stimmung der deutschen Soldaten auf die norwegische Bevölkerung eine Bevölkerung eine beruhigende Wirkung ausübte. Vor Narvik seien bisher nur sechs britische Zerstörer versenkt worden. Die Engländer bedienen sich bei ihren Angriffen auf die Küste besonders der Flugzeugträger. Der schwere britische Kreuzer „York“ ist an den Folgen zweier Bombenvolltreffer gesunken.

Kopenhagen, 12. — Wie der Befehlshaber der deutschen Truppen in Dänemark, General Ironside, soll es nach Meldungen aus Holland zu schweren Meinungsverschiedenheiten gekommen sein. Churchill wolle ohne Rücksicht auf die Opfer eine grosse Expeditionstruppe nach Norwegen schicken, während Ironside der Ansicht ist, dass die Kämpfe in Norwegen hauptsächlich den Streitkräften der mit England verbündeten Länder überlassen bleiben muss.

Berlin, 13. — Zwischen Churchill und dem Chef des britischen Generalstabes, General Ironside, soll es nach Meldungen aus Holland zu schweren Meinungsverschiedenheiten gekommen sein. Churchill wolle ohne Rücksicht auf die Opfer eine grosse Expeditionstruppe nach Norwegen schicken, während Ironside der Ansicht ist, dass die Kämpfe in Norwegen hauptsächlich den Streitkräften der mit England verbündeten Länder überlassen bleiben muss.

Kopenhagen, 13. — Unter dem Schutz deutscher Seestreitkräfte haben die dänischen Fischer ihre Arbeit in der Nordsee wieder aufgenommen.

New York, 13. — Die britischen Kontrollbehörden in Gibraltar haben von Bord des italienischen Schnell dampfers „Rex“ ausser 568 Sack deutscher Post zum erstenmal während des Krieges auch 13 Sack italienischer Post beschlagnahmt.

Berlin, 13. — Nach amtlicher Mitteilung hat die deutsche Kriegsmarine die Einheiten der norwegischen Kriegsmarine requiriert, welche sich in den von deutschen Streitkräften besetzten norwegischen Häfen befanden und die erwähnten Einheiten mit deutschen Besatzungen in ihren Dienst gestellt.

Die Ereignisse in Norwegen

Berlin, 13. — Im Tagesbericht des Oberkommandos der Wehrmacht wird betont, dass die von den deutschen Truppen sofort nach ihrem Einmarsch getroffenen Luftschutzmassnahmen zu empfindlichen Verlusten der Briten führten. Bis gestern waren sieben Bomber der Typen „Vickers-Wellington“, „Hampton“ und „Lockhead“ abgeschossen worden. — Bei einem Grossangriff der Engländer auf Narvik wurden nach Mitteilung aus dieser Stadt zwei grosse britische Kriegsschiffe torpediert. Eine Abteilung Soldaten, der die Landung gelang, soll von den Deutschen aufgerieben worden sein. Der durch den „Altmark“-Überfall berüchtigte Zerstörer „Cossack“ wurde bei dem Angriff gleichfalls vernichtet und ist fast mit seiner ganzen Besatzung von 240 Mann auf den Grund des Narvik-Fjordes gesunken.

Stockholm, 14. — Die deutschen Truppen haben die von den Norwegern geräumten Städte Frederikstad und Halden besetzt. Die schwedische Presse stellt fest, dass die Deut-

schen nicht nur Herren des Landes, sondern auch der Luft seien. Die Briten hätten bisher nicht ein einziges deutsches Transportflugzeug herunterholen können.

Berlin, 14. — Der Luftfahrtattaché der Deutschen Gesandtschaft in Oslo, Hauptmann Eberhard Spiller, der eine Abteilung deutscher Landungstruppen nach Hamar führte, wohin sich die alte norwegische Regierung Nygaardsvold geflüchtet hatte, ist bei einem Geleitzug mit überlegenen norwegischen Streitkräften gefallen.

Berlin, 15. — Das Oberkommando der Deutschen Wehrmacht gibt bekannt, dass bei einem Luftkampf am 12. April an der norwischen Küste vier deutsche Einsitzer-Maschinen vom Typ Messerschmitt verloren gingen. — In Oslo und Umgebung wurden bei einer Kontrolle der Ausländer eine grosse Anzahl englischer Soldaten in Zivil verhaftet. Es handelt sich um die angeblichen Finnland-Freiwilligen, die sich in Norwegen mit Spionage und Sabotage befassen. Sie werden als Kriegsgefangene nach Deutschland gebracht.

Brüssel, 15. — Die britischen, französischen und polnischen Diplomaten aus Kopenhagen, insgesamt 117 Personen, sind in der belgischen Hauptstadt eingetroffen. Die deutschen Behörden hatten ihnen einen Sonderzug zur Verfügung gestellt.

Berlin, 15. — Wie das „Deutsche Nachrichtenbüro“ mitteilt, haben die Matrosen eines britischen Kriegsschiffes vor Narvik auf die im Wasser treibenden Besatzungsmitglieder eines deutschen Zerstörers mit Maschinengewehren und Gewehren geschossen. Die britische Barbarei erforderte eine Reihe von Opfern. Die Briten haben sich mit diesem Verbrechen erneut die Verachtung der ganzen zivilisierten Welt zugezogen. Deutschland wird diese Untat nicht vergessen.

Italien jeden Augenblick bereit

Rom, 15. — In einer im Rundfunk gehaltenen Rede sagte der Direktor des „Telegrafo“, Giovanni Ansaldo, sehr deutlich, dass italienische Heer und die ganze Welt erwarten in jedem Augenblick den Eintritt Italiens in den Krieg. Italien, so sagte er, warte auf die Gelegenheit und den Moment, die Italien günstig erschienen. „Nach den Ereignissen der vergangenen Woche gibt es heute kein Volk mehr, das sich dem Kriege fernhalten könnte. Es ist ein furchtbarer Krieg, der diejenigen, die sich ihm fern wahren, sehr nahe geht. Alle Italiener, die glauben, dass unser Land dem Konflikt bis zum Ende fernbleiben könne, täuschen sich und geben sich einer Illusion hin, wie auch diejenigen, die da glauben, unser Land könne sich abschliessen, und dürfe an nichts anderes denken. Ein kleines Land wie Norwegen konnte dieses Programm nicht durchführen, wie könnten wir es daher, die an die Kriegführenden angrenzen und die wir im Mittelmeer Interessens haben.“

Berlin, 15. — Die „Deutsche Allgemeine Zeitung“ schreibt, dass in diesen Tagen jeder Deutsche angesichts der Ereignisse in Skandinavien auch unter dem Eindruck der vielen spontanen und herzlichen Beweise der italienischen Freundschaft gestanden habe. Der Duce sei durch den deutschen Botschafter von Mackensen am Morgen des 9. April über die deutsche Aktion unterrichtet worden und habe selbst in unverkennbarer Weise der italienischen Presse ihre Aufgabe gestellt: Vorbehaltlose Zustimmung, Verständ-

nis des italienischen Volkes für das deutsche Vorgehen in klarer realistischer Tatsachendarlegung.

Stockholm, 15. — Von der hiesigen Deutschen Gesandtschaft wird entgegen anderslautenden britischen Behauptungen festgestellt, dass das deutsche Panzerschiff „Admiral Scheer“ unbeschädigt ist. Es wurde niemals von einem englischen Torpedo getroffen.

Berlin, 15. — England hat bisher aus den norwegischen Staaten 42 vH. Papier und Pappe bezogen. Die völlige Abschliessung Skandinaviens führt auf den britischen Inseln zu einem schweren Mangel an Papier. Die Zeitungen haben bereits ihre Seitenzahl eingeschränkt.

Berlin, 15. — Wie von zuständiger deutscher Stelle erklärt wird, befindet sich Deutschland nicht im Kriegszustand mit Norwegen. Im Augenblick besteht zwar keine Fühlung zwischen dem König und dem deutschen Gesandten in Oslo, aber das bedeutet durchaus nicht jeglichen Abbruch der Beziehungen. Auch die norwegische Vertretung in Berlin funktioniert normal.

Berlin, 15. — Der deutsche Diplomat Fürst von Bismarck, ein Enkel des Eisernen Kanzlers, bisheriger Leiter der politischen Abteilung des Auswärtigen Amtes, wurde zum Botschaftsrat der Deutschen Botschaft beim Quirinal ernannt.

Kopenhagen, 16. — Die dänische Bevölkerung hat die Nachricht von der Aufstellung schwerer deutscher Flakbatterien an der Westküste Jütlands mit grosser Genugtuung aufgenommen. Britische Flieger werden jetzt nicht mehr so leicht ihre Bomben auf das Gebiet eines kleinen schutzlosen Landes abwerfen können. Das Vertrauen in die deutsche Wehrmacht ist bereits in knapp sechs Tagen unerschütterlich geworden. Das mustergültige Verhalten der deutschen Soldaten findet allenthalben Anerkennung. Eine grosse Zeitung schreibt: „Sie bewegen sich korrekt unter den Zivilpersonen und den dänischen Jenseits (das sind die dänischen Infanteristen). In Kaffees und Geschäften treten sie höflich auf.“

Washington, 16. — Präsident Roosevelt hielt am 50. Gründungstage der Panamerikanischen Union eine Rede, in der er u. a. ausführte: „Wir wissen wohl, was in diesen Augenblicken in Europa vor sich geht. Deshalb haben wir schon alle Entschlüsse gefasst und sind vollständig bereit.“

Die schweren britischen Verluste an der norwegischen Küste

Berlin, 16. — Das Berliner „12-Uhr-Blatt“ gibt folgende Liste über die Verluste der englischen See- und Luftstreitkräfte für die sechs Tage vom 9. bis 15. April bekannt: 4 Schlachtschiffe, 2 Schlachtkreuzer, 3 schwere Kreuzer, 3 leichte Kreuzer, 1 Flugzeugträger, 9 Zerstörer, 7 U-Boote, 7 Transportschiffe und 24 Flugzeuge. Die deutsche Zeitung nennt dabei die Verluste jedes einzelnen Tages, wobei deutlich wird, dass die Briten bereits am 9. einen ganz schwarzen Tag hatten.

Berlin, 16. — Dem Tagesbericht der Wehrmacht zufolge befinden sich in der Nähe der Lofoten-Inseln, die Narvik vorgelagert sind, beträchtliche britische Seestreitkräfte und Transportschiffe. Man vermutet, dass der Feind in einen der zahlreichen Fjorde eine Landung versuchen wird. Narvik selbst ist in deutscher Hand. Die Engländer haben den Hafen am Abend wieder unter starkes Feuer genommen. Deutsche Truppen besetzten die Eisenerzbahn bis an die schwedische Grenze. In den Städten Bergen, Stavanger und Trondheim wurde die deutsche Flak wiederum erheblich verstärkt.

Oslo, 17. — Das Oberkommando der Deutschen Wehrmacht gibt am Dienstagabend folgenden Aufruf bekannt: „An das norwegische Volk! Im Laufe der letzten Tage sind von den deutschen Truppen mehrere Tausend norwegischer Offiziere und Soldaten gefangen genommen worden. Es ist alles geschehen, um ihnen ihre Lage zu erleichtern. Nachfragen über den Verbleib gewisser Soldaten können im Augenblick nicht beantwortet werden, bis nicht die entsprechenden Listen ausgearbeitet sind. Sobald dies geschehen ist, kann jeder Norweger nachforschen, ob sich unter ihnen ein Familienangehöriger befindet. In Berücksichtigung der gegenwärtigen Lage müssen die Gefangenen wie Kriegsgefangene behandelt werden.“

Oslo, 17. — Unter Vorsitz des bisherigen Regierungspräsidenten von Oslo, Christensen, trat der neue Regierungsausschuss zu seiner ersten Sitzung zusammen. Vidkun Quisling, der sich vom ersten Tag der Besetzung an für die Zusammenarbeit mit den Deutschen einsetzte, erhielt das Demobilisationskommissariat.

Genf, 17. — Die französische Presse gebärdet sich in diesen Tagen noch englischer als Churchill. Sie schreibt, dass eine absolute Neutralität eine Bekämpfung der britisch-französischen Kriegsziele bedeute, weil sie einen „schnellen Krieg der Westmächte“ verhindere und auf diese Weise den „Schutz der Neutralen gefährde, für welche England und Frankreich kämpfen“.

New York, 17. — Der offizielle Sterlingkurs, der vom amerikanischen Schatzamt auf 4.0325 Dollar festgelegt wurde, konnte nach der letzten Abschwächung des Pfundes nicht mehr gehalten werden. Der amerikanische Schatzsekretär setzte heute den Kurs für Zollzwecke bei Waren aus Grossbritannien auf 4.025 Dollar fest.



Casa Alemã

Für die

geschmackvolle Wohnung

das Passende zu finden ist nicht immer leicht

Unsere grosse Auswahl

in Neuheiten

von

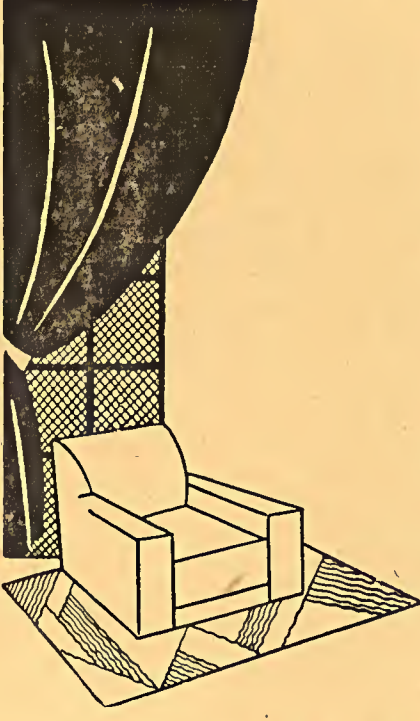
Teppichen aller Art

Läufern

Dekorations- und Bezugstoffen

Polstergruppen

Feinen Möbeln



enthält aber für Sie das Richtige

Führend auf ihrem Gebiet:

ABTEILUNG INNENDEKORATION

Schädlich, Oberst & Cia. Rua Direita 162-190

Propaganda nos EE. UU.

Na minha viagem de Nova York a Washington, descobri pela primeira vez esses enormes cartazes que penetram olhos a dentro e que ostentam este distico: „keep U. S. out of war" (mantendo os Estados Unidos afastados da guerra). Mais tarde topei com a phrase em outros recantos da União Norte-Americana — nos cinemas, pintada em automoveis e assim por diante. E certifiquei-me de que por trás disso vae um movimento orientado por personalidades de escol e de representação publica. Quem conhece os Estados Unidos, sabe que é este precisamente o paiz que sempre tem offerecido um terreno fértil em que medram „movimentos" dessa natureza e que apresenta o ambiente em que surgem senhas de cunho ideologico. Desde o inicio da guerra européa, os gremios pregadores da paz brotaram do solo quaes cogumelos. Só em Novayork contaram-se, ha pouco, trezentas organizações dessa natureza.

Abstracção feita de uma tenue camada superior capitalista exploradora da industria bellica, que muito desejaria ver o paiz arrastado, o quanto antes possível, á guerra, existe, sem duvida alguma, nas mais vastas camadas do povo norte-americano o sincero desejo de conservar a neutralidade. Os discursos irradiados do coronel Lindbergh, através dos quaes este se empenhou por uma politica norte-americana de paz e neutralidade estrictas, provocaram a mais justificada sensação não apenas nos Estados Unidos, mas também em todo o globo. O proprio presidente Roosevelt não pôde manter-se alheio aos sentimentos dominantes no seio do povo estadunidense, ao declarar em sua mensagem annual dirigida ao Congresso em 3 de janeiro ultimo: „Consigo muito bem comprehender o estado d'alma daquelles que dizem á nação, em tom de advertencia, que nunca mais approvaram o envio da juventude norte-americana para combater em solo europeu." „A maioria preponderante dos nossos concidadãos manifesta a esperança e o desejo de que os Estados Unidos não venham a ser envolvidos militarmente na guerra, nem mesmo ao menos em ..."

Contudo, o observador attento se vê assaltado de justificadas duvidas. Ora, não foram, numa outra occasião, antes da entrada dos Estados Unidos na guerra mundial, feitas declarações identicas na esfera mais alta de Washington? Pois foi em 10 de maio de 1915 que um presidente Wilson disse, em Philadelphia: „Os Estados Unidos têm de dar um exemplo especial, o exemplo da paz, e isso não apenas pelo motivo de não quererem combater, mas porisso que é a paz e não a luta o elemento salutar empolgante do mundo." Trazendo no seu escudo a senha „he kept us out of war" (elle afastou de nós a guerra), esse mesmíssimo Wilson se metheu em 1916 na luta eleitoral, fazendo-se reeleger presidente com o suffragio dos cidadãos teuto-americanos, para, a seguir, contrariando sua attitude anterior, declarar, poucos mezes mais tarde, a guerra á Alemanha, sob o fundamento hypocrita: „to make the world safe for democracy!" (afim de salvar a democracia para o mundo).

Ha algo a admirar, pois, se, em face dessa experiencia historica, se levanta em muitos corações a interrogação, se as palavras de paz proferidas, ha poucos mezes, em Washington, pela autoridade maxima, terão algum valor duradouro? A lei de neutralidade aprovada nos Estados Unidos, a qual não exclue o fornecimento de armas e munições a potencias belligerantes da Europa, prova, nada mais nada menos, que este paiz está resolvido a auxiliar a Inglaterra e a França na presente guerra. Outras medidas isoladas, tomadas por Washington, patenteiam, outrossim, onde esta se encontra. Sobre as sympathias e antipathias dos circulos officiaes dos Estados Unidos em relação ás potencias belligerantes, os entendidos em assumptos da politica externa norte-americana jamais alimentaram duvidas.

Em 10 de janeiro, um dos jornaes líderes que se publicam em idioma allemão na zona centro-occidental dos Estados Unidos escreveu: „Resta aguardar, em todo caso, até que ponto se desenvolverá, ainda no decorrer deste anno, essa attitude francamente parcial da politica externa de Washington, e quaes os pretextos e os successos que desempenharão ali um papel. Ao se julgarem essas perspectivas, não se pôde fugir ao receio de que a historia da guerra mundial e a politica wilsoniana com ella relacionada venham a reeditar-se, se os acontecimentos na Europa se desenrolarem analogamente aos de 1915—17 e se os inglezes se verem em sérias aperturas. Muitas exteriorizações de Roosevelt dão-nos a convicção de que a sorte da Inglaterra — do imperio mundial britannico como um todo — é tida em Washington como directamente ligada a dos Estados Unidos, e de que a missão dos Estados Unidos é, indubitavelmente, a de intervir de novo, afim de salvar a Inglaterra, caso necessario."

Nas largas camadas do povo estadunidense ainda não se esqueceu a Grande Guerra, de que os Estados Unidos participaram, a despeito de sua situação geographica, de suas tradições e dos seus mais importantes interesses. Ainda não chahiram no olvido, igualmente, os effectos da propaganda dos aliados, a qual conduziu os Estados Unidos, finalmente, á guerra, custando a estes muitos bilhões de dollares.

Como já naquella occasião, também hoje os agentes da propaganda ingleza e franceza, bem como do serviço secreto britannico estão trabalhando com grande afã, afim de predispor e influenciar o moral e a mentalidade do povo systematicamente contra a Alemanha, agindo nisso com uma ausencia de escrúpulos sem par.

„Os propagandistas" — assim escreveu, ha pouco, um jornal lider de Nova York — „revelam-se hoje tão activos como ha 23 e tantos annos atrás, e as chapas com que procuram obter nos Estados Unidos auxilio material e apoio moral differem pouco daquellas que produziram tão bons effectos quando da guerra mundial. Os inglezes mandam para cá os seus politicos, escriptores e financistas. E os nossos elementos anglophilos, que têm voz activa precisamente em assumptos de educação, permitem a um diplomata britannico convencer, quando de uma cerimonia comemorativa em um instituto de educação, os jovens facilmente influenciaveis, por meio de palavras bem buriladas e lisas, dos elevados objectivos ethicos da Inglaterra."

Quão exactas são essas explanações! O publico já vem falando nos „lordes mentirosos" que vêm para os Estados Unidos, afim de „esclarecer" o paiz e transformar este num „forum da propaganda". O chefe desse aparelho propagandista e representante mór dos atigadores de guerra aliados nos Estados Unidos é o embaixador inglez em Washington, Lord Lothian, aliás Philipp Kerr. Esse lorde, que veio occupar o seu cargo a bem poucos mezes, já é sobejamente conhecido, graças aos seus numerosos discursos repassados de odio pronunciados no paiz. O ex-ministro inglez Duff Cooper, que é do mesmo nivel mental, desambulou igualmente com toda liberdade pelos Estados Unidos, desde outubro do anno passado, como discursador propagandista e instigador de guerra, também por ordem do governo inglez, afim de pregar, com a presumpção ingleza que lhe é peculiar, a luta contra o „hitlerismo" e os „hunos". Desde principios deste anno, é também Lord Marley que vem infestando o paiz. Estão ainda fresco na memoria as visitas recentes aos Estados Unidos de outros notorios odiadores da Alemanha e apostolos da intriga, taes como Anthony Eden, Stanley Baldwin, H. G. Wells e Lord Beaverbrook.

O autor destas linhas jamais ha de esquecer a noite de 13 de dezembro do anno passado, quando Duff Cooper foi tremendamente vaiado pela massa popular enraivecida, ao realizar uma de suas conferencias atigadoras no amplo salão da „Academy of Music", em Brooklyn. A pateada com que foram premiadas as palavras de Duff Cooper, naquela noite memoravel, também ha de por certo ficar gravada por muito tempo na memoria do conferencista. Também em outras cidades dos Estados Unidos lhe foi proporcionada uma recepção semelhante. Afortunadamente, o povo norte-americano possui hoje um discernimento bem desenvoldo, o qual contrasta vivamente com o dos dias da guerra mundial, tanto assim que não dá o minimo credito a esses „lobos em pelle de ovelha".

O senador Hoyt deu em 5 de janeiro ultimo uma boa resposta a actividade propagandistica tão estúpida quanto atrevida do embaixador inglez Lothian, resposta essa que despertou a maior attenção em todos os Estados Unidos. Disse o senador: „Lord Lothian é um propagandista. Sua actividade visa arrastar os Estados Unidos á guerra. Lord Lothian acredita ter deante de si um povo credulo. Emprega os mesmos methodos da propaganda ingleza já conhecidos nos annos de 1914 a 1917, só que desta vez os mesmos são bem mais astutos."

Uma occorrença verificada nos Estados Unidos caracteriza bem as manobras dos agentes inglezes nos primeiros annos da Grande Guerra. O facto vem narrado num artigo publicado na revista „Common Sense", em novembro de 1939, sob o titulo „Propaganda Ingleza". Lê-se alli: „Quando no anno de 1917 Lord Northcliffe visitou editores de jornaes norte-americanos, afim de reforçar a propaganda de Sir Gilbert Parker, elle observou: „Trajam-se todos pelo mesmo figurino falam sobre o mesmo assumpto, pensam na mesma cousa ... que carneirada!" Poderia ter acrescentado ainda: „Aqui temos obra facil!" Isso foi em 1917 — renovar-se-á, porventura, em 1940?

Talvez não! A sentença cunhada na guerra mundial: „Os bretões ditam-n'o e os norte-americanos o repetem", difficilmente ainda terá razão de ser hoje em dia. Todo mundo recorda-se ainda muito bem do logro propagandistico passado pelos inglezes na época da Grande Guerra. Isso tem de ser confessado mesmo pelo Dr. George Gallup, director do „American Institute of Public Opinion" que não tem nenhuma sympathia pela Alemanha, o qual pôde constatar — como resultado de um inquerito feito, ha pouco, pelo radio, em que procurou saber a razão por que os Estados Unidos se metteram na guerra mundial — através de respostas assaz significativas que os Estados Unidos foram „uma victima da propaganda dos aliados".

Em seu discurso de 24 de outubro do anno passado, proferido em Dantzic, o ministro do Exterior do Reich, von Ribbentrop, disse claramente, que a propaganda de guerra aliada nos Estados Unidos procura, com todos os recursos, envenenar também as relações tentativas americanas. Disse o ministro allemão: „Não existem questões entre o allemão e o norte-americano, nem entre este e aquelle. Entretanto, se a propaganda ingleza procura semear, sem cessar, desavenças entre os Estados Unidos da America do Norte e a Alemanha, nós os allemães nos convenceremos cada vez mais de que o raciocinio são do verdadeiro norte-americano vislumbra, pouco a pouco e em grau mais e mais intenso, esse jogo, e verá então, onde se encontram seus verdadeiros interesses, sabendo assim, que ambos os povos só têm a ganhar, com o correr do tempo, de uma amizade reciproca."

Entre os norte-americanos dotados de um tão salutar raciocinio encontra-se, sem du-

vida alguma, outro senador federal que já por varias vezes quebrou lanças em prol da Alemanha e que propoz, quando dos debates no Senado em torno da modificação da lei de neutralidade, que os Estados Unidos deveriam ficar, com o auxilio de suas forças armadas, com as possessões inglezas das Indias Occidentaes, para liquidação das dividas de guerra que a Inglaterra deixou de pagar. O referido senador teve o animo de declarar, ha poucos mezes: „Parece-me que as nações, que communmente são chamadas de democracias, não passam, na realidade, de imperios, de vastos, extensos imperios mundiaes. A França é um imperio constituído mercê de aggressões e conquistas. Goleja sangue da espada dos imperiaistas francezes. Foi pela aggressão que obtiveram seus territorios na Asia, na Africa e na America. A França é um imperio erigido graças á aggressão e á guerra, e todo mundo sabe disso ou então deveria saber-o. O gigantesco imperio da Inglaterra, que se estende sobre uma terça parte do globo, foi conquistado a poder de aggressões e derramamento de sangue, pelo poder dos sabres que fizeram jorrar o sangue dos povos hoje escravizados pela Inglaterra. E não obstante isso, nós senadores e deputados ouvimos falar numa defesa dessas democracias. Lá sabe Deus de que natureza são essas democracias. Aqui, sim, aqui na nossa Republica é que temos uma democracia; salvemola. Estou farto de ouvir falar na defesa de democracias que, na realidade, não são, nada mais nada menos, senão imperios que porejam sangue e mantêm na escravidão centenas de milhões de seres humanos."

Essas palavras permitem entrever o verdadeiro sentimento do paiz, tanto mais quanto ellas corporificam as idéas de circulos yankees que pensam com justiça, circulos esses que não comprehendem, simplesmente, por que até hoje a Inglaterra e a França ainda não se lembraram de pagar suas dividas oriundas da guerra mundial. (Neste particular, desperta interesse a criação, em janeiro deste anno, de uma comissão com sede em Washington que tomou a si a missão de induzir determinados paizes europeus a pagar suas dividas de guerra. Denomina-se essa comissão „Make Europe Pay War Debts Committee" — traducção: comissão para fazer com que a Europa pague as dividas de guerra).

Vae-se comprehendendo nos Estados Unidos, paulatinamente, que a guerra européa foi pro-

Irradiações em lingua portuguesa

As irradiações das Emissoras Allemãs de Ondas Curtas, Berim, com antenas dirigidas para o Brasil, s'ão transmittidas diariamente pelas estações DJP (11855 kclcos — 25,31 m) e DJQ (15280 kclcos — 19,63 m). Estas irradiações realizadas todos os dias das 18.50 as 23 horas (hora local), em lingua portugueza apresentarão como de costume dos serviços noticiosos de ultima hora, o primeiro ás 20 e o segundo ás 22 horas.

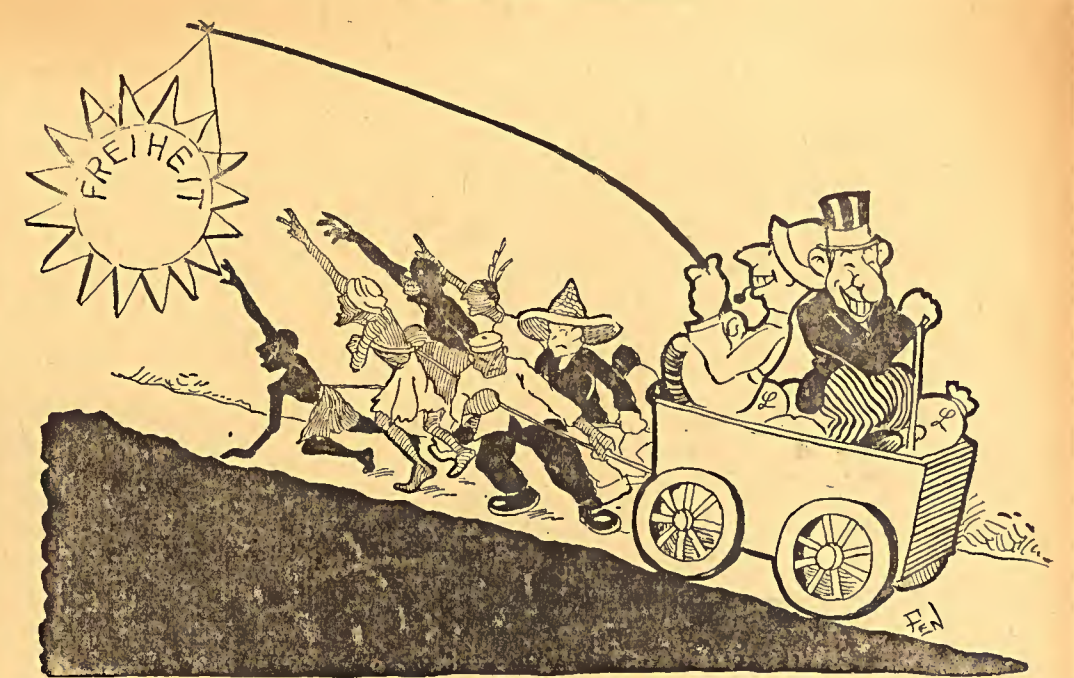
Além das transmissoras acima mencionadas, irradiam mais outras tres emissoras allemãs com antenas dirigidas para a America do Sul. As irradiações s'ao feitas em lingua hespanhola. A seguir os prefixos, ondas e horarios das referidas emissoras: (hora local)

DJE — 17760 kclcos — 16,89 metros — das 8,00 ás 10,15 horas
DJW — 9670 kclcos — 31,09 metros — das 18.50 ás 1,00 hora
DZC — 10290 k'clcos — 29,15 metros — das 18.50 ás 1,00 hora

vocada pela inveja e malevolencia da Inglaterra. O ininterrupto sequestro das malas postaes norte-americanas, em flagrante infracção do direito das gentes, por parte de navios inglezes fiscalizadores do bloqueio, bem como o bloqueio da exportação allemã applicado, desde 4 de dezembro, pelos aliados, e que, premittido como „represália" contra a Alemanha, se converteu numa fiscalização tão infamante quanto rigorosa do commercio neutro, já vêm dando muito que reflectir aos norte-americanos. O Ministerio das Relações Exteriores em Washington protestou contra essas pretensões e esses excessos provocadores por parte dos inglezes. A Inglaterra deixou de attender esses protestos. O hebdomadario „Deutsche Wochenschrift", de St. Louis (Estados Unidos), escreve a 11 de janeiro, em editorial sob o titulo „Façanhas de Pirataria Ingleza": „Continuarão os Estados Unidos a tolerar essas arbitrariedades inglesas? Ou não estaria no interesse do nosso commercio, de nossa dignidade e do nosso direito, empregar nossa frota na defesa contra esses abusos de corsarios, fazendo-a acompanhar nossos navios mercantes? Ou dispõe o bretão da America livre como se fosse um dos seus dominios?" Será que os Estados Unidos vão despertando aos poucos ...?

ac.

Invenção ingleza — data já de 300 annos atrás — mas ainda produz effecto! — Na estrellita lê-se: Liberdade.



Ein Bildrätsel: Wem gehört diese Erfindung? Sie ist 300 Jahre alt — „zieht" aber immer noch.

Wandlungen im Ostraum

Zukunftsfragen im Warthegau / Von Bürgermeister und Stadtkämmerer Dr. Marber, Oppeln-Lödsch

Während die Wehrmacht im Westen die Grenzen des Reiches überlegen sichert, hat im Osten ein Um- und Aufbauwerk begonnen, dessen Größe und Einmaligkeit im „Reich" wohl zumeist noch nicht ins volle Bewusstsein getreten ist. Der gewaltige Raum zwischen Weichsel und der alten Versailler Reichsgrenze wandelt mit elementarer Kraft sein Gesicht. Eine der Völkerwanderung verwandte Menschenumsiedlung, aber organisch geleitet, bildet die Grundlage des Neuen. Während im Gebiet des Gouvernements für den polnischen und jüdischen Volkssektor Daseinsformen geschaffen werden, strömen in den deutschen Raum Hunderttausende Deutscher aus Wolhynien und Galizien, nahezu eine ähnliche Zahl von grenzlandgewohnten Balten hier in ihre neue Heimat, ziehen reichsdeutsche Beamte und Gewerbetreibende in grosser Zahl zu. In einzelnen Grossgemeinden kommt die notwendige Abgrenzung der Wohngebiete zwischen deutscher, polnischer und eventuell jüdischer Bevölkerung hinzu. Aus-siedlung, Einsiedlung, Umsiedlung, Zuzug aus

dem Reich sind nicht nur die vordringlichsten Probleme des deutschen Ostens, sondern von der Art ihrer Durchführung hängt die nachhaltige Sicherung des Lebensraumes unseres Volkes ab.

Die Probleme müssen besonders hart dort auftauchen, wo Menschen- und Wirtschaftsbildungen grossen Umfangs bereits vorhanden sind. Lässt man den oberschlesischen Raum heraus, in dem der Menschenaus-tausch keine so entscheidende Bedeutung aus besonderen Gründen besitzt, so bleiben Posen und Lödsch als solche Siedlungsgebiete übrig. Abgesehen davon, dass Posen gegenwärtig kaum so viel Einwohner wie Lödsch noch Juden beherbergen muss, ist Posen in seiner Entwicklung als Mittelpunkt eines ausgesprochen landwirtschaftlichen Raumes anzusehen. Die Aufgaben dieser auch in ihrem äusseren Bilde schönen deutschen Gauhauptstadt sind vorzüglich kultureller und verwaltungsmässiger Natur, die deutsche Vergangenheit weist hier deutlich die Richtlinien des Weiterbaues. Anders dagegen Lödsch. Hier stehen wir

Vor der Frage, welche Rolle diesen niemals bisher im Reich gewesenem Stadt im Rahmen des Grossdeutschen Reiches zufallen soll. Schon ohne dass diese Entscheidung endgültig gefällt worden ist, erweist sich dieser Block von fast 700.000 Menschen als ein gewaltiger Magnet. Von drei Seiten, vor allem von Osten (Wolhynien, Galizien), Norden (Balten) und Westen (Reichsdeutsche), treffen Menschenströme zusammen, und begegnen sich mit denen, die nach dem Osten ziehen. Die räumliche Mittelstellung zwischen Ostsee und Krakau, die Nähe der Grnze, die starke industrielle Potenz, ein etwa 70.000 Menschen umfassendes deutsches eingessenes Volkstum, die günstige Verkehrslage, das sind entscheidende Gründe dieser magnetischen Kraft. Da spielt es keine Rolle, ob die Stadt schön oder hässlich, die Bevölkerungsstruktur günstig oder ungünstig, allein entscheidend ist die effektive, nicht künstlich aufgeblähte und geliebene Kraft. Spricht schon die Tatsache, dass Lodsch sowohl in russischer wie in polnischer Zeit als Beute des Fiskus und als Stiefkind des Staates behandelt wurde und trotzdem ein unaufhaltsames Wachstum aufweist, für eine solche immanente Vitalität; ferner dass die Lodscher Textilindustrie 1905 wie 1917 zwei grosse Vernichtungskrisen sehr schnell und restlos überwinden konnte; so spricht ebenso deutlich auch die Tatsache, dass gerade das deutsche Volkstum dort stets stärkste Positionen schaffen und erhalten konnte, Raum- und volkspolitische Gründe zwingen dazu, Lodsch die Aufgabe zuzuweisen, äusserstes Bollwerk deutschen Kultur- und Wirtschaftslebens zu werden. Wie es das Grossartige und Schöpferische deutscher Stadtentwicklung im Altreich seit jeher ist, dass an Stelle eines öden Zentralismus jede Grossgemeinde ihre Eigenart und Sonderaufgabe hat, so muss und wird das Gleiche auch im neuen Osten nicht anders sein können. Es soll daher ein neues Stadtgebilde entstehen, eben das deutsche Lodsch. In seiner Bevölkerungsstruktur wandelt die Stadt bereits heute entscheidend ihr Gesicht. Die Zurückdrängung der Judenbevölkerung schreitet fort; täglich wächst der Zustrom baltendeutscher Menschen, wolhynische Bauern, die um die Stadt herum zum Teil angesiedelt werden sollen; reichsdeutsche Behörden, Banken, Unternehmungen bringen ihre Arbeitskräfte hinein, und so seltsam es klingt, der Rhythmus der Aufbauarbeit ist so packend, dass derjenige, der dort oft widerwillig hingestellt wurde, bald einer der glühendsten Mitarbeiter ist. Wo in aller Welt gibt es noch eine solche Möglichkeit, ohne Akten, ohne Vorgänge, ganz auf die eigene Kraft gestellt, eine wirklich grosse Aufgabe zu erfüllen, im Rahmen der endgültigen Befreiung unseres Volkes aus Raum- und Rohstoffnot!

Mit dem Wandel der Menschen geht in Lodsch Hand in Hand die Neugliederung des Stadtkörpers. Den Polen fehlte das uns eigene Gefühl für die Gesetze der Landschaft, denen der deutsche Städtebauer sich willig unterordnet. Und so ergibt sich die Aufgabe, die sinnlos verschütteten, nicht einmal unbedeutenden Schönheiten der Landschaftsformen wiederherzustellen und herauszuarbeiten, für Wohn-, Geschäfts- und Industriesektor die geologisch, meteorologisch und hygienisch zutreffenden Standorte zu bestimmen und da-

nach den Wiederaufbau auszurichten. Die räumliche Erweiterung der Stadtverwaltung ergibt sich dabei als selbstverständliche Voraussetzung und ist bereits weitgehend durchgeführt. Die Verbesserung der Anschlüsse an den Verkehr, die Fragen des Mittellandkanals und der Reichsautobahnen werden zu prüfen sein. Der Aufbau des deutschen, des modernen Lodsch mit einer modernen Industrie ist aber bereits jetzt im Krieg zum Teil durchführbar, weil Arbeit, Boden, Kapital und zum Teil auch Material verfügbar sind als einmalige Chance. Das zukünftige Lodsch wird zumindest 500.000 Einwohnern auf die Dauer Schaffungsmöglichkeiten geben.

Hat die Stadt Posen ihre ihr von Natur zugewiesene grosse Aufgabe, so hat Lodsch eine andere, und zwar eine doppelte: Grenzstadt des Deutschtums, industrieller Mittelpunkt zu sein. Die erste Aufgabe ist kultureller

sties sie in den Zug hinein und befahl den Wachmannschaften, sie mitzunehmen. Das sei auch so eine deutsche Sache. So musste die Unglückliche, ohne sich von ihren Kindern verabschieden zu können, ohne einen Mantel oder ein Tuch oder auch nur das geringste an Esswaren mit sich nehmen zu können, in Holzpantoffeln den Marsch antreten, der sie mit Tausenden von deutschen Volksgenossen über Kutno nach Lowitsch hetzte, wo sie dann von weit vorgestossenen deutschen Truppen zusammen mit ihren Leidensgenossen befreit wurde, denen sie doch den ganzen Umfang ihres Leidens nicht zu offenbaren gewagt hatte.

Sie kam zurück und sie fand ihr Gehöft bis auf den Grund niedergebrannt; ihre drei Kinder im Alter von drei, fünf und acht Jahren aber hatte die polnische Magd in dem Wirrwarr jenes schrecklichen Tages retten

sich Offiziere des deutschen Heeres und der Schutzstaffel zu der Totenfeier angesagt. Die Frau aber, die täglich die entsetzten und schamvollen Augen ihrer Kinder auf ihrem Leibe ruhen glaubte, die nun durch das bevorstehende Begräbnis immer wieder von neuem an jenen furchtbaren Tag erinnert wurde, entdeckte jetzt auch noch, dass sie ein Kind von dem polnischen Unhold zu erwarten habe. In ihrer Herzensangst machte sie ihrem Leben durch Erhängen ein Ende.

So standen die Kinder, die Dorfgenossen, der Pfarrer und die deutschen Offiziere am nächsten Tage vor einem Doppelgrab. Während der Pfarrer, der jenen Hölle nach Lowitsch selbst mitgemacht hatte, seinem erschütterten Herzen Worte des Trostes, der Fassung, des Gottvertrauens abzurufen suchte, während die Zuhörerschaft mit steinernen Gesichtern seiner mühsam hervorgepressten Ansprache lauschte, fühlte einer der deutschen Offiziere, der das fünfjährige Töchterchen der Bauersleute an der Hand gefasst hielt, wie die Kleine ihn immer wieder an der Hand zog und mit der freien Linken am Aermel zupfte. Er glaubte, das Kind suche Trost und strich ihr begütigend über das Haar, aber sie liess nicht nach, und so beugte er sich zu ihr hinunter, um ihr Beruhigung zuzusprechen.

Doch das Mädchen sagte leise zu ihm: „Du, Onkel, da drüben steht doch der Mann, der den Vater erschlagen hat!“

Den deutschen Offizier überlief es kalt. Er strich dem Kinde über die Wange und führte es ein wenig in den Hintergrund. „Sei still,“ sagte er zu ihm, „sag nichts,“ flüsterte er dabei. Dann fragte er: „Weisst du es auch genau?“ „Ja, ich weiss es. Dort drüben steht er und hört zu, was der Herr Pastor sagt.“ „Weisst du denn noch jemand, der den Mann kennt?“ fragte der Offizier. „Nu, die Wadscha, die weiss es doch auch.“

Die Wadscha war die polnische Magd, die auf dem Hofe diente. Der Offizier ging mit dem Kinde zu ihr, fragte sie, ob sie jenen Mann dort drüben, ja, dort drüben am Baum kenne — und verhinderte nur mit Mühe einen entsetzten Schrei der Magd. Es war tatsächlich der Mörder des Bauern, der, von seiner Tat getrieben, drüben am Grabe desjenigen stand, den er vier Wochen zuvor erschlagen hatte wie einen toten Hund.

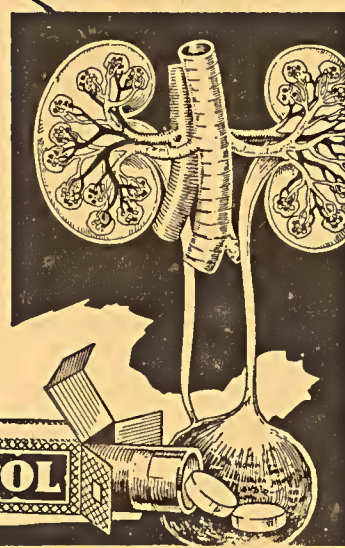
Noch vor dem Schluss der Feier wurde er unauffällig umstellt, und, als die Trauernden sich an das Grab begaben, um einer nach dem anderen drei Hände voll Erde auf die Särge zu werfen, verhaftet.

Dies geschah in dem Dorfe Langenau im Tal der Weichsel, das niemals wieder solche Taten sehen wird. Dafür werden deutsche Menschen sorgen.



Der Füllhalter kleckst!

... weil die Tinte nicht richtig durch die Feder läuft. In der Regel muß dann der Füllhalter gereinigt werden. Wenn im menschlichen Organismus die Harnwege nicht mehr richtig funktionieren, muß auch unbedingt eine innere Desinfektion mit HELMITOL-Tabletten durchgeführt werden. Ihr Arzt wird Ihnen die Richtigkeit dieses Rates bestätigen. Denken Sie daran, daß man Gesundheit und Kraft durch eine Desinfektion der Harnwege mit HELMITOL-Tabletten leicht wiedergewinnen kann.



und volkstumsmässiger, die zweite ist wirtschaftlicher Natur. Zu dieser letzten nur ein Wort: man hat die Lodscher Industrie wohl als Konkurrenz der Altreichsindustrie angesehen, wird sich aber überzeugen lassen müssen, dass nach Absatzgebiet und Fabrikationsart die Erhaltung jeder Spindel und der Gesamtkapazität eine volkswirtschaftliche Notwendigkeit ist, selbst wenn die kriegsbedingte Gegenwart Einschränkungen vorübergehend erforderlich macht. Gegenwartserwägungen dürfen nicht entscheidend sein, wenn die Grundfragen gelöst werden sollen. Bedeutsamer aber noch ist die Möglichkeit, dieser Industrie eine eigene heimische Rohstoffbasis zu schaffen, sie aus ihrem eigenen Wirtschaftsgebiet zu versorgen. Alle diese Projekte befinden sich noch in voller Bewegung, und erst eine ernste Durcharbeitung wird zeigen, in welchen Formen die Durchführung möglich sein wird.

können, indem sie sie bei ihren Eltern versteckte, bis schon zwei Tage darauf die deutschen Soldaten Langenau befreiten. Die Leiche ihres Mannes aber, der abseits von der Strasse in einem Gebüsch verscharrt worden war, fand man als letzten der Ermordeten des Dorfes erst zu Beginn des Oktober. Er sollte würdig begraben werden; es hatten

Nächtlicher Nahkampf im feindlichen Dorf

Im Vorfeld. (PK) „Huscht es da nicht über das weite Feld?“ Fleckenlos weiss wie immer liegt die Wiese vor dem Poilu. Wer kann schon heute kommen, ausser dem Wachunteroffizier, der ihn kontrollieren wird? Gefühlvoll singt er das kleine Lied vor sich hin, dessen Melodie der Wind aus den deutschen Gräben zu ihnen herübergetragen hatte und dessen Text ihnen ein elssässischer Kamerad beibrachte: „... Rosemarie...“ Weiter! flüstert in diesem Augenblick, kaum hundert Meter entfernt, verborgen im Niederholz, ein junger Leutnant den beiden zu, die neben ihm liegen. Und es geistert wieder von Baum zu Baum, von Strauch zu Strauch, dort in einem Graben, hinter einer Schneewehe. Abwechselnd springen sie, einmal sichert der Leutnant, dann der Unteroffizier, dann der Gefreite. Drei deutsche Soldaten sind in dieser Nacht unterwegs.

Die Strahlenfäden der Gestirne umstreichen ein stilles Dorf. Lautlos liegt es in die Nacht gehüllt. Sorglos schlafen die französischen Soldaten in ihrem Ruhequartier. Kilometer hinter der Vorpostenlinie. Sie träumen von zu Hause und ahnen nicht von den drei Schatten, die über die spanischen Reiter am Dorfeingang sprangen und sich jetzt die Strassenzeile entlang pirschen. Flockig und weich liegt der Neuschnee in den Gassen. Er knirscht nicht einmal auf den hart getretenen Trampelpfaden, die zu den Häusern führen.

„Licht!“ — Wie ein Hauch weht die Warnung von einem der Schatten zum anderen, sechs Augen folgen dem deutschen Finger. Rot glüht es aus einer Fensterritze in die fahle Helle heraus. Eine lauernde Spannung wächst auf. Aus dem tiefen Schlag Schatten schieben sich Köpfe zum Laden, spähen nach dem Licht. Was ist das? Sie zucken zurück, ein Wink, das Dunkel des Hofes hat sie verschlungen. Einer verhält an

der Grenze, wo Schwärze und Helle dieser Nacht sich berühren. Zwei schleichen weiter, um die Ecke, ertasten die Hintertüre.

Zwei Augenpaare bohren sich in die Finsternis eines Korridors, linker Hand fühlt sich Gerümpel an. Rechts ist eine Türe nur angelehnt. Knarrt in der Kammer auch nicht die Diele? Die Eindringungen heben sich auf die Zehen, machen sich so leicht es nur geht. Horch! Musik! Der Radioapparat spielt leichte Chansons, Tanzmusik um Mitternacht. „Kann es noch glücken?“ Einer flüstert es. Weiter, nur weiter, vorsichtig durch die Glas-türe, aus der ein schwacher Schein die Nebenkammer erleuchtet.

Im vollen, breiten Lichte der vielkerzigen, elektrischen Lampe steht in der Ecke ein weiches, durchwühltes Bett, dessen Schläfer nicht weit sein kann. Ueber den davorstehenden Stuhl ist ein Rock gehängt, ein Rock mit goldenen Knöpfen und Litzen, ein französischer Offiziersrock, der Rock des französischen Postenkommandanten. Am Schreibtisch, in der Mitte des Zimmers, kramen schon hastige Hände. Vom Reissbrett werden Zeichnungen gerissen, Karten hastig gerollt. In rasch aufgerissenen Taschen verschwinden Befehle und Schriftstücke. Immer noch spielt das Radio. Chansons verfolgen den Leutnant, den Unteroffizier im Davoneilen durch den Korridor, die Hintertüre, den Hof, zur Strasse, wo ihr Sicherer sich unhörbar aus dem Dunkel anschliesst.

Stimmen tönen aus den Nebenhäusern. Es öffnet sich eine Tür. An den Wänden flitzt es wie rasend vorüber. Erst hinter den spanischen Reitern, am Dorfrand, wird ein Verschnaufen möglich sein. Da sind sie, Sprung... Im Aufsprung stäubt der Schnee zu einem Flockenwirbel, die Knie biegen sich durch, wollen den Körper weiterschnellen... bewegungslos bleiben sie. Wie ein Schlag durch-

Am Grabe den Mörder des Vaters erkannt

Erschütterndes Schicksal einer volksdeutschen Familie

Von den furchtbaren Schicksalen der Opfer der Bromberger Mordnacht wird uns noch eins bekannt, das von allen das erschütterndste sein dürfte:

In dem Dorf Langenau, das nur wenige Kilometer von Bromberg entfernt liegt, blieb nicht ein einziges deutsches Gehöft verschont. Eine wüste polnische Bande brach in das Gehöft des Bauern Holland ein, der versuchen wollte, sich und die Seinen mit Geld loszukaufen. Soldaten hatten bereits darin eingewilligt, aber die polnischen Weiber, denen, wie Augenzeugen bestätigt haben, wie tollen Tieren Schaum vor dem Mund stand, hetzten und wollten Blut sehen.

Als man so noch unschlüssig herumstand, kam plötzlich ein unersetzter Mann in bäuerlicher Kleidung auf den Hof gerannt, der eine blutbeschnittene Holzaxt in den Händen schwang und brüllend fragte, ob man das Hilterschwein schon erledigt habe. Der Anblick dieses Menschen raubte dem deutschen Bauern den Mut. Er wich in sein Haus zurück, der Mörder lief ihm nach, nun stürzte sich die Schar der Dorfweiber heulend und kreischend hinterher, die Soldaten wurden von der Meute angesteckt, und nun jagten sie

den Unglücklichen durch sein Haus, bis sie ihn im Schlafzimmer erreichten. Hier wurde er mit der Axt erschlagen, während sein Weib und drei seiner Kinder in einer Ecke dieser Stube hockten und alles mit ansahen.

Das fassungslose Schreien der noch jungen Frau des Deutschen aber machte einen polnischen Offizier auf sie aufmerksam, der sich unter dem Mordhaufen befand. Während die tobende Bande nun das ganze Haus nach dem deutschen Knecht durchsuchte, der jedoch zum polnischen Heer eingezogen worden war, während die Bauernweiber sich über die Habe des Deutschen warfen und Stuben, Küche und Keller plünderten, während die unmenschlich zugerichtete Leiche ihres Mannes auf dem Fussboden lag, warf der Offizier die wimmernde Frau, die zu jeder Gegenwehr unfähig war, auf ihr Ehebett und tat ihr vor den Augen ihrer unmündigen Kinder Gewalt an.

Um die gleiche Zeit zog draussen vor dem Gehöft ein langer Zug verhafteter Deutscher auf der Dorfstrasse vorbei, die nach dem Innern Polens verschleppt werden sollten. Als der polnische Offizier nach seiner Tat vor das Gehöft trat und diesen Zug erblickte, holte er die deutsche Frau aus dem Haus,

zuckt es die drei Männer des deutschen Spähtrupps. „Franzosen!“ Rief es einer? Ja, am Strassenrand links und rechts tappt es her. Lichtreflexe auf spiegelnden Stahlhelmen — — 10, 20, noch mehr.

„Peng, peng, peng...“ peitschten Pistolenschüsse nach der Schrecksekunde in die Reihe da vorn, aus der sich Gewehrläufe in Richtung der spanischen Reiter erheben. Kugeln zischen. Der Gefreite spürt einen Schlag, fasst an den Oberschenkel, fällt auf die Knie — — es hat ihn. Drei, vier, fünf schwere Menschenblöcke fallen über ihn, drücken ihn zusammen. Er kann sich nicht mehr wehren. Die Pistole des Leutnants trommelt die acht Kugeln aus dem Lauf. Dort fällt einer und da. Das Magazin ist leer, ein Druck auf den Knopf, es saust heraus, fällt auf die Erde. Der Leutnant will ein neues einschieben. Da fallen sie über ihn her.

Stöße treffen seinen Kopf. Gewehrkolben, Drahtscheren schlagen nach ihm, sie hindern sich gegenseitig. Blut spürt er über das Gesicht rinnen. Wütend schlägt er mit der Pistole um sich, auf die klirrenden Stahlhelme, hinein in diese Fratze, in jenes Gesicht. Würgegriffe spürt er am Hals.

Der Unteroffizier hat zwei umgelegt. Ein paar Meter vor ihm krümmen sie sich. Jetzt ist auch seine Pistole leer. Das Gewehr ist ihm beim Sprung über das Hindernis entfallen. Unerreichbar liegt es irgendwo. Aber der verwundete Gefreite hat ihm im letzten Augenblick seine Waffe zugeworfen. Er fasst sie, springt aus dem Schnee, schiesst, schlägt, tritt rechts und links in weiche Leiber. Er hat Luft, kommt durch. Jetzt aber weg.

Nein! Drüben der Knäuel. Weiss leuchtet aus dem dunklen, ringenden Haufen der weisse Schneemantel seines Leutnants. Ein Sprung. Er ist da. „Peng, peng, peng...“ ungezielt, aus Zentimeternähe dringt

das Geschoss durch grünblaue Mäntel wider das Leben der Poilus. Fäuste lösen sich, erhobene Kolben fallen, Drahtscheren stürzen mit warmen, ausgelöschten Körpern in den zertretenen Schnee. Der Leutnant reißt sich los. Der feindliche Ring ist durchbrochen. In wilden Sätzen jagt er weg.

Den Verlorenen entgegen fliegt eine Handgranate. Es war keine Zeit, die Verschlusskappe abzuschrauben, die Perle zu reißen... so saust sie blind hinüber, fällt vor den Nachstürmenden nieder, kollert, liegt still. Still liegen auch die Poilus, warten auf die Detonation, das Vorüberzischen der gefährlichen Splitter. Die blindgeworfene Handgranate gibt ihnen den nötigen Vorsprung. „Können wir den Kameraden befreien?“ Ein Blick zurück zeigt sein weisses Drillichzeug, das er zur Tarnung trägt, inmitten der Uebermacht. Auch sieben, acht schwarze Flecke stechen am Kampfplatz vom Schnee ab, gefallene Franzmänner.

Schon wird es im Dorf lebendig. Die Schüsse, das Geschrei, der Lärm des nächtlichen Handgemenges haben die Besatzung alarmiert. Vielleicht entdeckte auch der französische Postenkommandant schon den Einbruch in seinem Quartier. Hunde bellen. Die beiden müssen weiter. Das wertvolle Ergebnis ihrer Aufklärung muss in die Hände des Bataillons gelangen. Wieder jagt es wie Nebelfetzen durch die Nacht, der feindwärtigen Strasse nach, im Haken zurück zu Busch und Strauch, durch Schrebergärten, über das weite Feld zum Ufer des gurgelnden Stromes, quer über den Trampelpfad der französischen Gefechtsvorposten. Hunde klaffen durch die aufgeschreckte, mondhele Weite, manchmal nahe, manchmal ferne. Endlich haben sie die Spur verloren. Ein Leutnant und ein Unteroffizier eines deutschen Infanterieregiments haben sich in dieser Winternacht das Eiserne Kreuz verdient.

Chorkonzert des DMGV „Lyra“, S. Paulo

Am vergangenen Donnerstag (11. April) veranstaltete der Deutsche Männergesangverein „Lyra“ in seinem Heim in der Rua São Joaquim einen Schumann-Abend, der trotz umfassender Vorbereitungen, Werbung und Mühewaltung seitens der Sänger und ihrer Freunde nicht den erwarteten Erfolg aufzuweisen hatte. Der Grund hierfür mag im Widerspruch des rein romantischen op. 112, „Der Rose Pilgerfahrt“, zu unserem Zeit Ausdruck liegen: Stunden, die erfüllt sind vom harten Klang eines wahrhaft einzigartigen historischen Geschehens, machen die Menschen für Märchenhandlungen und Wesen aus der Geisterwelt wenig empfänglich. Aber nicht umsonst haben ja die besten Musikkennner von jeher festgestellt, dass die Komponisten der weltlichen Oratorien bei der Wahl der Texte mit grossen Schwierigkeiten zu kämpfen hatten, und dass dieser Punkt nicht zuletzt in den Schumannschen Werken eine wesentliche Rolle gespielt hat. Hier soll indessen nicht vom Gedicht Moritz' Horn und seiner „Rose“ gesprochen werden, die Menschengestalt annimmt und irdisches Leid und Glück kostet. Vielmehr soll die grosse Leistung aller Mitwirkenden unter Leitung von Martin Braunwieser eine kurze Feststellung erfahren. Die Solisten Elfriede Lantzius-Beninga (Sopran), Herta Beinhauer (Mezzosopran), Tatiana Braunwieser (Alt), Robert Donat (Tenor), Fritz Wenger (Bass) und Josef Springmann (Bass) zeigten sich ihrer keineswegs leichten Aufgabe gewachsen. Der

Frauen- und Männerchor der Lyra erreichte angesichts seiner starken Besetzung eine äusserst eindrucksvolle Wiedergabe der in Melodie und Rhythmus dem deutschen Volkslied eng verwandten Stellen, besonders im zweiten Teil der musikalischen Dichtung. Das grosse Orchester des Centro Musical de São Paulo folgte mit bewährtem Können der Stabführung des Dirigenten. Im ganzen darf der DMGV „Lyra“ auch diesen Abend als einen Markstein in seiner 55jährigen Arbeit und Pflege deutscher Musik im Ausland bezeichnen. Dem eigentlichen Chorkonzert voran gingen Vorträge von Herta Beinhauer, die aus den „Modinhas Imperiais“ von Mario de Andrade „Ultimo Adeus de Amor“ sang. Eine weitere Bereicherung des Abends brachte die bekannte Pianistin Margarete von Schütz mit der Darbietung des Konzerts in A-Moll (op. 54) von Robert Schumann. ep.

Konzert am 20. April

Der Bund der schaffenden Reichsdeutschen in São Paulo ladet alle Mitglieder und reichsdeutschen Volksgenossen zum Konzert am Geburtstage des Führers ein. Die Veranstaltung findet im Lyra-Heim statt und sieht auch eine kurze Ansprache des Reichsvertreters, Herrn Generalkonsul Dr. Molly, vor. Das Konzert steht unter Leitung von E. Csammer und bringt Märsche, Walzer und Lieder unserer Zeit, die alle mitsingen sollen und schliesslich den Erika-Marsch.

Kameradschaftsabend des DTD, S. Paulo

Wir erhielten die folgende Zuschrift:

Seit einiger Zeit halten unsere Sportler monatlich einen Kameradschaftsabend ab. Zweck dieser Zusammenkunft, welche sich an das Turnen Dienstags anschliesst, geht aus der Bezeichnung des Abends hervor. Es soll unter den Sportlern die Kameradschaft und das Gemeinschaftsgefühl gefördert werden. Sport soll nicht nur Körperertüchtigung und Leistung eines einzelnen sein, sondern auch in Gemeinschaftsleistung das Zusammengehörigkeitsgefühl und die Kameradschaft fördern.

Am letzten Dienstag fand in der Turnhalle ein sehr gelungener und stark besuchter Kameradschaftsabend der Sportler statt, zu welchem erstmalig besonders die Eltern eingeladen waren, um ihnen einmal ein Bild von der Kameradschaft im DTD zu geben. Bereits zum Turnen hatte sich eine grosse Anzahl Sportler und Sportlerinnen eingefunden und die gemeinsamen Freübungen machten einen guten Eindruck. Wir konnten hierbei die erfreuliche Feststellung machen, dass der Dienstag-Turnabend immer grössere Beteili-

gung erlebt und wir hoffen, dass sich auch noch die restlichen Sportler einfinden werden. Anschliessend waren im Nu in der Turnhalle zwei riesige Kaffeetafeln gedeckt, zu welchen die Mädchen mit reichlichen Mengen Kuchen, teilweise die ersten Künste ihrer späteren hausfraulichen Backpflichten, beitrugen hatten. Nach einigen einleitenden Worten des Sportleiters über Zweck und Sinn derartiger Veranstaltungen wurde der Abend durch ein gemeinsames Lied eingeleitet. Im Verlaufe des Abends trug dann Kd. Rudi Schulz, ein wirkliches Gesangstalent, einige ernste Lieder vor. Weiter erfreute Ella Hahmann mit einigen Zichharmonika-Vorträgen, und der Anfang unserer zukünftigen Hauskapelle, bisher bestehend aus einem Mundharmonika-Quartett, spielte einige Volkslieder. Alle Teilnehmer spendeten den Vortragenden Beifall. Dem langjährigen Sportleiter Kd. Karl Stegemann, der sich aus beruflichen Gründen nicht mehr so aktiv betätigen kann, widmete der jetzige Sportleiter herzliche Dankesworte und überreichte ihm als kleines äusseres Zeichen der Anerkennung für seine

unermüdliche Tätigkeit ein Buch. Im übrigen war der Abend ausgefüllt durch den Gesang gemeinsamer Lieder. Es war ein wirklich gemütlicher Kameradschaftsabend, der seinen Zweck voll erfüllte. Ein jeder ging mit dem Wunsch fort, dass eine solche Veranstaltung im DTD recht bald wieder stattfindet, und wir hoffen, dass sich bis zum nächstenmal noch einige neue, bisher vielleicht schüchterne Talente finden werden, die unsere bewährten Kräfte mit Vorträgen unterstützen.

DO MEU CANTO

O discurso doméstico de Churchill aos países neutros — Na moral das sciencias — O bloqueio britânico

Especial inédito para o „D. M.“
Os que possuem conhecimentos mais ou menos aprofundados das atitudes dos dirigentes da política inglesa, sabem que ellas sempre se caracterizam pela ausencia do sentimento da responsabilidade.
E' necessario, antes de tudo, que se disponha de um sentido de acurada percepção mental para se poder interpretar a linguagem política da Inglaterra, que é sempre multiforme. E marcadamente ambigua.
Repleta de invocações da esfera de liberalismo, e procurando impressionar espiritualmente o mundo, dentro da lei do menor esforço, os políticos britannicos se valem de figuras de retórica para obterem no terreno da psicose emotiva universal, o maximo de rendimento pratico afim de consolidar o seu prestigio moral em face da luta que hoje se alastra na Europa.

Manuseando-se, porém, as paginas da historia das lutas da humanidade, conclue-se logo que o poderio britannico, isoladamente, não faz guerra.

Quando para ella se predispõe, deve estar fatalmente secundado de outras nações que lhe expressem valor militar. Para tanto, idealiza convenios sempre implicados em tratados de intercambio commercial e de assistencia de reciproca defesa.

E' tradição na sua historia a proposição de ajustamentos e reajustamentos de alianças defensivas. alianças essas que na sua quasi totalidade estão calçadas na argumentação da sua supremacia naval e financeira, seu objectivo unilateral, o que equivale a uma especie de estrabismo educacional, solemne desprezo á moral das sciencias, grave erro peculiar ao seu ideal de conservantismo e negação de capacidade evolutiva.

Attentasse a Inglaterra para os progressos crescentes da physica, da química, da mecanica em todas as suas applicações, ha muito tempo já deveria ter percebido que em se baseando na sua potencialidade maritima, tal recurso é argumento que nos dias actuaes não impressiona muito.

Para corroborar a affirmativa que se condensa nas primeiras linhas deste commentario, leia-se os topicos mais importantes do „Discurso doméstico“ de Churchill aos países neutros. O proprio governo britannico, através de um porta-voz autorizado, é quem afirma que o pensamento contido nessa oração „responsabilidade alguma implica ao Gabinete“.

A razão das palavras „discurso doméstico“?

Toda linguagem clara, franca, implica sempre responsabilidade definida.

Este padrão de fala ser-lhe-ia, no presente, bastante perigo no sentido politico-social e no momento, é sabido, a Inglaterra atravessa uma phase de desorganização de triplice aspecto: commercial-politico-social. O numero dos desocupados cresce assustadoramente. Acrescente-se a isso a má impressão que viria causar ao mundo o uso de uma linguagem clara que formulasse um appello aos países neutros em prol da segurança dos aliados?

E si realmente tal aceno foi feito no discurso de Churchill, para os que estão familiarizados com o jogo politico inglez, o appello foi claro e completo. A sua interferencia habitual, indebita, na vida das nações.

Os povos cultos que lêem nas entrelinhas o movimento do noticiario vindo de além-mar, certamente, a estas horas, já têm o seu juizo formado. Só assim se poderá explicar o motivo pelo qual do vocabulário inglez foram seleccionados as palavras „discurso doméstico“. E' a prova flagrante da ausencia da responsabilidade governamental, um meio indirecto de obter a colaboração dos países neutros.

Assim é o falar londrino: ambiguo, indefinido.

O mundo todo, quer na sua expressão cultural e desenvolvimento material, de 1914 para cá, evoluiu o necessario para poder ajuizar dos motivos que determinaram a actual guerra europeia. Eis a razão pela qual, de inicio, me referi á moral das sciencias. Ahi está a maravilha do radio, o telegrapho invisível, a imprensa dos ares, que não mais permite a sonegação das verdades que amanhã irão formar o patrimonio historico das nações.

A apreciação dos povos, universalmente falando, durante o periodo de 1914, estava sujeita a um serviço de informações todo mistificado. A impressão causada, naquella

quadra, aos povos incautos, era a de que os aliados cerravam fileiras para completo combate ao „barbarismo“ para se poder salvar a Civilização.

Entretanto... na ampulheta do Tempo os dias se passavam. As doçuras da paz não podiam deixar de serem efemerias. Versalhes esboçou as condições. Versalhes as coordenou! Versalhes as impôs! Versalhes falou! E dessa imposição, varrendo os direitos mais urgentes dos países centraes, Versalhes, no seu curvilíneo traçado reduziu o oriente europeu a uma colcha de retalhos.

Em cada pedaço dessa colcha, para disturbios e desinteligencias raciaes, dever-se-iam chocar desequilíbrios politicos, verdadeiros farpões cravados no dorso germanico, para impossibilitar-lhe a renascença cultural e economica!

Todavia, nas primeiras alvoradas da paz, as nações ligadas ao bloco dos aliados, despertaram das agruras da guerra e o raciocinio voltou a illuminar a consciencia universal. E o mundo, então, com a sua enorme bocca escancarada, bradou: „Guerra de commercio!“ e gargalhou...

A lição de 1914, comquanto dolorosa, foi util. A philosophia nos ensina que no fructo do mal está a germinação do bem. Milenaria verdade!

O mundo com a sua cultura scientifica, enriqueceu. Não mais se deixará arrastar pelas tramas onde o convencionalismo interesseiro possa prejudicar as razões do Direito e da Verdade.

De onde concluo, do meu canto, que ao „discurso doméstico“ de Churchill faltou o senso da analyse psychologica quanto á emotividade universal. Assim, os neutros que de verdade são neutros, ficarão mesmo neutros...

Foi estribada no seu prestigio naval e financeiro e no indiscutível prestigio militar da França, que a Inglaterra se aventurou á guerra.

A linha Maginot conteria o impeto allemão. A esquadra inglesa iniciaria o bloqueio da Alemanha, reduzindo-a á fome. Exercitos colonias seriam aprestados. A sua diplomacia, com figuras de retórica, seria instrumento infallível de convicção para que outros países lhe viessem em auxilio. A sua significação financeira faria então mais alto. Uma actuação para desagregar a unidade de civismo do povo germanico seria preparada pelos ares. E assim, seria possível, que, a meio caminho da luta, fosse sacudido por uma revolução interna o nazismo, dupla capitulação portanto.

Assim deveria ter sido o calculo britannico, esquecido, naturalmente, do integral fracasso das famosas „Sanções“ impostas á Italia na questão recente da Etiópia...

Esqueceram-se ainda os estadistas anglos que a biologia da moral allemã applicada ás sciencias, não só previu tudo isso, e como tal, os seus laboratorios produziam milagres, milagres que podem superar os recursos financeiros da Albion. Milagres que se não fazem com dinheiro. Milagres que só expressam o poder e a capacidade racional do trabalho teuto, com a sua perfeita tecnica de suprehendente rendimento.

A campanha submarina lançada pelo almirantado allemão tem sido efficiente. A tonelagem inglesa posta fora de combate é avultada. A vida commercial-social da Alemanha é activa. Se racionalização alimentar existe entre o povo teuto, tambem na Albion, que se diz indifferente á campanha pelos mares, existe abertamente. As unidades navaes germanicas respondem galhardamente ás britannicas! A expressão potencial da aviação germanica tem a mais brilhante acção, e numericamente é ineccedível. Povo e governo germanicos se integram no mesmo ideal na honra da Nação.

Acrescente-se a tudo isso, que ainda perdura na memoria dos povos a actuação bellica da Alemanha, fulminante, levada a effeito contra a Polonia! Lucta que teria sido evitada não fora a pressão inglesa e os informes capciosos dos seus embaixadores de Varsovia e Berlim.

Passando-se afinal o traço de sommar nas considerações feitas neste commentario em torno á oração Churchill: — esta significa bem o estado de alma dos estadistas britannicos e me!hormente o uso da epigrapha: „Discurso doméstico“.

Nisto sim... ha sinceridade.

G. Serrano.

KRIEGSKARTE VON EUROPA

PREIS Rs. 6\$000

IST ERSCHIENEN!

Nach dem Innern Rs. 7\$000

(Karten werden registriert zugesandt) / Versand wird nur gegen Vorausbezahlung vorgenommen
Grösse der Karte: 50 x 70 cm in Farbendruck auf Kunstdruckpapier mit Umschlag

Die Karte ist an folgenden Stellen zu beziehen:

São Paulo: Rua Victoria 200, Telefon 4-3393 — Deutsche Buchhandlung C. Hahmann, Rua Cons. Crispiniano 2 A — Livraria Delinee, Rua São Bento 541 — Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rua Constituição 31, sobr.

Rio de Janeiro: Rua das Andradas 84, 2. Stock, App. 23, Tel.: 23-4977 — Bund der schaffenden Reichsdeutschen, Rua da Alfandega 74, 2. Stock — Livraria Allemã, Rua da Alfandega Nr. 69